INÉDITO: MACACOS ENCENAM AS ORIGENS DA EVOLUÇÃO NO PIAUÍ

NGBRASIL.COM.BR | DEZEMBRO 2007

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

53502
WWW.ASSINEABRIL.COM
DE
LT

Belém, 2007 d.C.

A sitiada cidade de Jesus

Os novos caubóis do Velho Oeste
Quando os leopardos saem à caça
Permafrost: paisagem de terra e gelo

R$ 14,99
ISSN 1517-7211
9 771517 721009 00093

Promoção válida até 31/1/2008, mediante a disponibilidade no ato da reserva e agendamento prévio. Consulte o site www.mastercard.com.br para saber mais informações sobre as condições da promoção. **Válida até 20/12/2007. ***Válida até 30/11/2007.

McCANN

No www.MASTERCARDPROMOCOES.com.br/viagem

PEUGEOT
206 ESCAPADE
Irenagem, pneus de liga, misto e protetor de cárter em aço de 5 mm. Tudo isso garante o desempenho que você procura para a aventura do seu dia-a-dia.
EURO RSCG
PATROCINADOR OFICIAL
Ecomotion Pro
EQUIPE MOTOROLA SOS MATA ATLÂNTICA
Aventura e Rede Ambiental
TRAMA
PEUGEOT
PEUGEOT
PRONTO PARA O FIM DE SEMANA COMO VOCÊ
Para aproveitar o fim de semana e praticar o seu esporte favorito, você precisa do melhor equipamento.
O Peugeot 206 Escapade acompanha a sua performance com controle, segurança e muito conforto.

PEUGEOT

206 ESCAPADE

ar-condicionado, direção hidráulica e interior esportivo são itens de série. Por isso, ele é o companheiro ideal para qualquer aventura.

PRONTO PARA A SEMANA COMO VOCÊ.

O Peugeot 206 Escapade acompanha o seu ritmo. Ele tem motor Flex 1.6L 16V de até 113cv e vem de fábrica com suspensão independente, elevada e reforçada, freios a disco nas 4 rodas com ABS, repartidor eletrônico de

CAP – Central de Atendimento Especializado Peugeot 0800 703 2424 – www.peugeot.com.br

VARIG

OS DIAS E AS NOITES DO BRASIL FICARAM AINDA MAIS ESTRELADOS.

VARIG

É MAIS QUE VOAR

OLHE PARA O CÉU. VOCÊ VAI VER ALGO NOVO NO AR.
É A VARIG, A NOVA ESTRELA DA AVIAÇÃO, COM UMA NOVA PROPOSTA
E UM MODELO DE GESTÃO ONDE TUDO FAZ SENTIDO.
E VOCÊ VAI PERCEBER ISSO NOS 5 SENTIDOS:
NA VISÃO, UMA NOVA MARCA, MAS ACIMA DE TUDO
UM NOVO ESPÍRITO EM CADA UM.
NO TATO, UMA EQUIPE TOTALMENTE MOTIVADA PARA SERVIR VOCÊ
COM UM NOVO CONCEITO DE SERVIÇO DE BORDO,
TOTALMENTE VOLTADO AO SEU BEM-ESTAR.
NA AUDIÇÃO, VOCÊ VAI OUVIR O BRASIL E O MUNDO FALANDO BEM
DO CUIDADO DA VARIG COM AS PESSOAS.
NO OLFATO, VOCÊ VAI SENTIR CHEIRO DE NOVO EM TUDO.
E NO PALADAR, VOCÊ VAI SENTIR O GOSTINHO VARIG DE VOAR,
COM AQUELE ALGO MAIS,
PARA QUE A SUA EXPERIÊNCIA DE VOAR SEJA MAIS
DO QUE SIMPLESMENTE UMA VIAGEM.

WWW.VARIG.COM.BR

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

Entre nessa aventura.

www.viagemdoconhecimento.com.br

Patrocínio:

CAIXA

EDITORA Abril

SUMÁRIO

DEZEMBRO 2007 • ANO 7 • Nº 93

Em uma agradável noite de primavera, fiéis ortodoxos gregos circulam a igreja da Natividade, em Belém, por três vezes, cantando hinos que prenunciam a Páscoa.

AMY TOENSING

Reportagens

52 Belém, sem Cristo
A aldeia onde nasceu Jesus é um dos lugares mais tensos do planeta. Um muro erguido por Israel isola os moradores. Os turistas têm medo. E os cristãos estão partindo.
POR MICHAEL FINKEL FOTOS DE CHRISTOPHER ANDERSON

80 Família selvagem
Uma mãe leopardo tem de ensinar sua cria a caçar. Mas, quando a jovem conquistar autonomia, irá competir por seu território de caça – até mesmo com a mãe.
POR DERECK JOUBERT FOTOS DE BEVERLY JOUBERT

94 Caubóis modernos
O Velho Oeste americano ainda respira os bons tempos de sua conquista. Vaqueiros espalham-se pelas fazendas, exibindo suas roupas típicas e seu estilo de vida ao ar livre.
POR ROBERT DRAPER FOTOS DE ROBB KENDRICK

116 Lições do permafrost
As paisagens de terra e gelo dos extremos do planeta convidam a uma reflexão: nossa cultura atual é predatória? E por que perdemos nosso vínculo com a natureza?
ENSAIO DE BARRY LOPEZ FOTOS DE BERNHARD EDMAIER

132 Sinais de inteligência
Macacos-prego do sul do Piauí descobriram o uso de pedras e galhos na busca por comida. Suas curiosas performances nos remetem aos primórdios da evolução humana.
TEXTO E FOTOS POR LUCIANO CANDISANI

CAPA Cabras pastam no alto de uma colina da sitiada cidade de Belém, na Cisjordânia.
FOTO DE CHRISTOPHER ANDERSON

Seções

CARTAS
VISÕES DA TERRA
EXPEDIÇÕES
CULTURA
SAÚDE
GEOGRAFIA
ARQUEOLOGIA
AMBIENTE
VIDA SELVAGEM

VOZES
Amos Oz

DO EDITOR
MUNDO NATIONAL
FLASHBACK
O ANO EM REVISTA

Visite o site de NATIONAL GEOGRAPHIC
ngbrasil.com.br
Para assinar a revista
Ligue para
(11) 3347-2121 (Grande São Paulo) ou 0800-7752828 (outras localidades), de 2ª a 6ª, das 8h às 22h, ou acesse o site assineabril.com.br

CARTAS

Quando olho as fotos da reportagem "Planeta dos macacos", que começa na página 132, me dá um frio na barriga. E penso: então é assim que tudo começou. Vejo nelas, sobretudo nas primeiras duas, um resumo da história humana, da evolução da espécie. São imagens poéticas e de impacto. Foram feitas por Luciano Candisani no sul do Piauí. Luciano é autor de outras reportagens memoráveis de National Geographic Brasil. *Você talvez se lembre de "A jornada de paz e amor dos macacos hippies" (dezembro, 2003) ou de "Vôo do exílio" (abril, 2007), sobre o albatroz brasileiro. As fotos de Luciano já foram publicadas em muitas edições de* National, *nos mais diversos cantos do planeta. Ele ganhou o Prêmio Abril de Jornalismo quatro vezes e foi nomeado, há pouco, membro associado da prestigiosa Liga Internacional de Fotógrafos de Conservação (ILCP, na sigla em inglês). Não é difícil entender por quê. Suas imagens são um convite para adentrar o mundo selvagem. Por elas conseguimos sentir com agudeza um elo nosso que já foi mais forte com a natureza. Dão vontade de cuidar melhor do planeta. Por sorte nossa, Luciano concentra seu trabalho no Brasil.*

MATTHEW SHIRTS – REDATOR-CHEFE
mshirts@abril.com.br

Idade do Ferro

Quem vê a múmia da reportagem sobre os corpos do pântano (setembro de 2007, página 82) apenas como uma pessoa morta é incapaz de compreender a riqueza e o mistério da história. Muito mais que cadáveres, essas múmias são resquícios de uma cultura, até então desconhecida.

JEINNI K.P. PUZIOL
Astorga, PR

Doenças zoonóticas

A distância diminuta e aterradora que separa as vítimas – homens e bichos – do desconhecimento científico nos deixa perplexos (outubro de 2007, página 98). Apesar do esforço e da dedicação de cientistas na busca de cura de diversas doenças, o governo ainda é pouco colaborativo. Enquanto isso, novas epidemias dizimam povos já combalidos pelo próprio destino, como os indefesos da África subsaariana. Lamentável.

JOSÉ C. DE VASCONCELOS
Recife, PE

A crise do carbono

Não há consenso entre pesquisadores sobre as causas do aquecimento global (outubro de 2007, página 50). A elevação de CO_2 na atmosfera existe e é preocupante. Mas será que é tão grave? Concordo que algo deve ser feito para reduzir a poluição na Terra. Mas medidas antropogênicas para reverter os efeitos das mudanças climáticas, a meu ver, ainda são meras hipóteses. A natureza sempre vence.

MARC AUBERT
Via e-mail

Combustíveis verdes

Um futuro de biocombustíveis (outubro de 2007, página 56) nos enche de esperança: afinal, a alga é uma alternativa viável em diversas partes do planeta.

GERALDO SALES
Via e-mail

Caça esportiva

A edição americana publicou em novembro importante reportagem sobre caça esportiva. Nela, o esporte é tratado como instrumento de conservação. Já na revista brasileira, esse material foi deliberadamente excluído.

FABIO MORGANTI
São Paulo, SP

A edição brasileira de National, *assim como outras edições internacionais da revista, vê-se obrigada todo mês a não publicar uma ou duas reportagens da original americana, por causa do número menor de páginas e da acomodação das pautas brasileiras. Priorizamos sempre os temas de maior interesse para os leitores brasileiros. Em consideração aos que pediram a publicação, a reportagem sobre caça esportiva está reproduzida na íntegra em nosso site.*

Sua carta vale prêmio

A melhor carta (a mais criativa, a mais inteligente) publicada aqui ganha um exclusivo boné de National Geographic. *Em novembro, o vencedor foi Luiz F. Branco, de Belém, PA. Participe!*

Escreva para nós

Carta
National Geographic Brasil
Avenida das Nações Unidas, 7221,
14º andar, CEP 05425-902,
São Paulo, SP
E-mail
ngm.abril@atleitor.com.br
Fax
(11) 3037-4604

DMC-FX55

LUMIX

*O CARTÃO SD DE 2GB NÃO ESTÁ INCLUSO NESSE PRODUTO.

Panasonic
Ideas for life

A MÁ
UM DOS MAIORES DESAFIOS DA HUMANIDADE É GERAR UMA ENERGIA QUE MELHORE
A SHELL CONTRIBUIU PARA A REDUÇÃO DE 127 MIL TONELADAS DE CO2
ESSE FOI MAIS UM PASSO DE UM
www.shell.com.br

QUINA
O MUNDO SEM PREJUDICAR O PLANETA. COM A COMERCIALIZAÇÃO DO BIODIESEL,
QUE SERIAM LANÇADAS NA ATMOSFERA EM 2007. PARA A EQUIPE SHELL,
ONGO CAMINHO, VAMOS ADIANTE.

www.fiat.com.br

VIVA A GLOBALIZAÇÃO:
VOCÊ DIRIGE UM FIAT PUNTO
COM SKYDOME® E TECNOLOGIA BLUE&ME™,
E OS EUROPEUS ANDAM COM SANDÁLIAS
BRASILEIRAS DE BORRACHA.

SAC 0800 707 1000

• Blue&Me™ faz ligações do seu celular por comando de voz, lê mensagens de texto em voz alta, visualiza sua agenda telefônica no quadro de instrumentos • Tem entrada USB para conectar seu MP3 player • Skydome*: 70% da área do teto • Ar-condicionado digital • CD player com MP3 • comandos no volante
Leo Burnett Brasil
Fotos meramente ilustrativas com alguns itens opcionais.
Punto
Punto VOCÊ NO COMANDO
FIAT

VISÕES DA TERRA

Brasil Borboletas tomam conta das ribanceiras do rio Juruena, no recém-criado Parque Nacional do Juruena, norte do Mato Grosso. Várias espécies afluem às margens do rio, todas atraídas pelos sais minerais da areia.

ZIG KOCH

República Democrática do Congo Senkwekwe, um dos seis gorilas-das-montanhas mortos no Parque Nacional de Virunga em julho, é retirado da cena do crime. Restam menos de 700 espécimes na selva.

Papel de parede Capture imagens da seção Visões da Terra para seu computador em **ngbrasil.com.br/0712**

BRENT STIRTON, REPORTAGEM DE GETTY IMAGES

A/C

Ford
AIRBAG
No meu mundo,
portão é bambu,
terno é pijama,
muro é arbusto
e faz sol
no outono.
As garagens
são cavernas,
briga é romance,
trem é centopeia,
mão tem mais
alcance.

Abril PEQUIM 2008

É ouro puro!

Conheça **as estrelas** e os esportes que podem fazer de Pequim-2008 a melhor Olimpíada brasileira

Pequim-2008 deve ser a maior edição dos Jogos Olímpicos da história, e o Brasil sonha alto. Após o 16º lugar no quadro de medalhas em Atenas-2004 (5 ouros, 2 pratas e 3 bronzes) — qualitativamente, o melhor desempenho até hoje —, o país quer um lugar entre os dez maiores medalhistas do mundo. Se as principais estrelas do esporte brasileiro confirmarem as expectativas, Pequim pode marcar, portanto, a entrada do Brasil em um seleto grupo de potências olímpicas.

Na Grécia, o Brasil bateu todos os seus recordes. Ao todo, estiveram em Atenas 247 atletas do país, competindo em 22 modalidades. Na maior delegação brasileira na história dos Jogos, sobraram grandes vitórias e derrotas inesquecíveis, como a de Vanderlei Cordeiro de Lima, que liderava a maratona quando, a poucos quilômetros do fim, foi atropelado por um padre irlandês e ficou com o bronze.

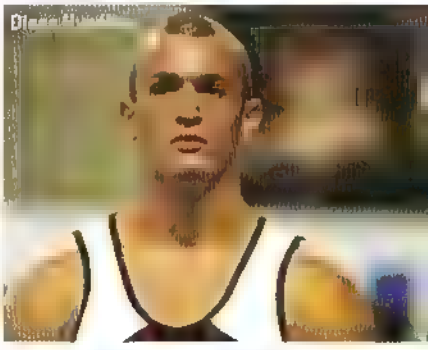
Em solo chinês, as expectativas são muitas. O país deverá ter, em Pequim, um número ainda maior de atletas em competição — a previsão é de mais de 300 competidores. Na pré-reserva do país na Vila Olímpica, há espaço para 430 pessoas, mas o número não deve chegar a tanto.

Confira ao lado as dez modalidades onde o Brasil é um dos favoritos à medalha de ouro em Pequim, e os atletas que carregam tal responsabilidade. Nomes conhecidos do público, como Robert Scheidt e Giba, outros emergentes como Alexandre Pato e Diego Hypólito, e ainda alguns "quase-anônimos" como o nadador Kaio Márcio e a dupla Juliana e Larissa, do vôlei de praia. Vale a pena ficar ligado desde já nesses craques. São eles que vão fazer você ficar acordado de madrugada, grudado em frente à TV, de 8 a 24 de agosto do ano que vem. E a Editora Abril está desde já ao seu lado nessa torcida, mobilizando 16 de seus títulos para fazer de você o leitor mais bem informado sobre os Jogos Olímpicos de Pequim.

Emanuel e Ricardo

Vôlei de Praia Masculino

A dupla não foi definida, mas poucos duvidam de que Ricardo e Emanuel, ouro em 2004, mais uma vez representarão o país nos Jogos. Emanuel é octacampeão mundial. Ricardo é considerado um "Herói Olímpico" pelo Comitê Olímpico Internacional, apelidado de "Máquina de Bloquear". Coitado de quem estiver pelo caminho...



Ginástica Artística

Pela segunda vez consecutiva, o Brasil chega a uma Olimpíada com um ginasta favorito à medalha de ouro na prova de solo. Mas em Pequim, Diego Hypólito não quer repetir o fiasco de Daiane dos Santos em Atenas, que acabou de fora do pódio. Diego, 21 anos, teve um ano fantástico: ouro no Pan e campeão mundial em Stuttgart, na Alemanha.

O projeto Abril em Pequim 2008 tem o patrocínio de:

Sadia

Bradesco

Vela

Robert Scheidt é bicampeão olímpico e octa mundial, e sonha ser o primeiro tricampeão olímpico brasileiro. Ele decidiu deixar a classe laser e competir pela star, ao lado de Bruno Prada. Para ganhar a vaga, se beneficia da desistência do Torben Grael, ouro em Atenas ao lado de Marcelo Ferreira

Futebol

Feminino

Depois da prata em Atenas-2004 e do vice na Copa do Mundo deste ano está na hora de a seleção liderada por Marta chegar ao topo. Mas não será tão fácil. Alemanha, Estados Unidos e China são adversárias fortíssimas.

Alexandre Pato

Atletismo

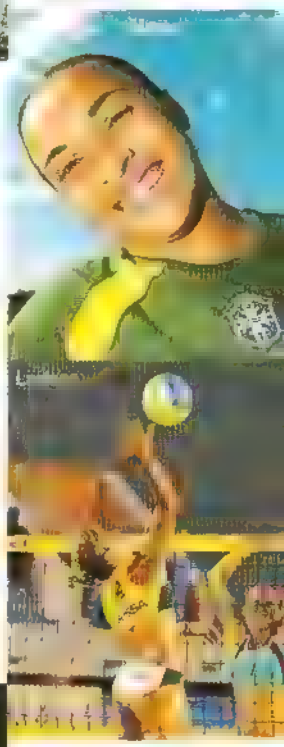
No GP Brasil de atletismo deste ano Jadel Gregório saltou 17,90 metros. O feito colocou-o na lista dos maiores favoritos do salto triplo em Pequim. Ainda mais porque, neste ano, o paranaense não soube o que é ficar longe do pódio em grandes competições. No mundial, foi vice-campeão. No Pan do Rio, ficou com o ouro.

Jadel Gregório

Thiago Camilo

Judô

Thiago Camilo, prata em Sydney-2000, foi ouro no Mundial de Judô que o Rio sediou este ano. O meio-médio venceu suas sete lutas por ippon. O bicampeão mundial João Derly, meio-leve, também vai em busca de seu primeiro ouro



Futebol

Masculino

O técnico deverá ser mesmo Dunga e para conquistar o inédito ouro olímpico o Brasil poderá contar com nomes como Alexandre Pato (Milan), Anderson (Manchester), Lucas (Liverpool), William (Shakhtar), Denilson (Arsenal), Marcelo (Real Madrid) e Breno (São Paulo).

Vôlei **Masculino**

Com a reintegração do levantador Ricardinho, o Brasil se reafirma como a seleção mais poderosa do planeta. É a medalha de ouro que muitos já cantam como certa para o Brasil. É só mesmo esse favoritismo pode atrapalhar o time em busca do terceiro ouro do vôlei na história. Mas esse time já mostrou que suporta pressão

Kaio Márcio

Natação

O paraibano Kaio Márcio é recordista mundial nos 50 metros borboleta e tem chances de buscar o ouro também nos 100 m e nos 200 m. Mas, para isso, terá de bater o americano Michael Phelps, que venceu essas duas provas em 2004.

Vôlei de Praia

Feminino

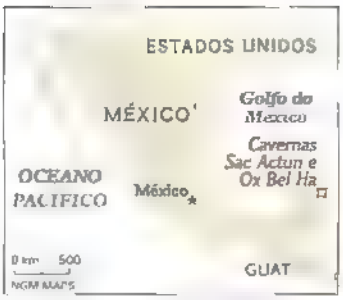
Juliana e Larissa já tinham sido bicampeãs do Circuito Mundial, mas ficaram conhecidas no Brasil depois do ouro no Pan do Rio. Formam a dupla líder do ranking brasileiro.

O Boticário

SKY

Mergulhando bem fundo Em janeiro, após quase cinco anos de buscas, os mergulhadores Steve Bogaerts e Robbie Schmittner acharam uma ligação entre duas cavernas submarinas na península mexicana de Yucatán – com isso, Sac Actun estende-se por 153 quilômetros e torna-se o mais longo sistema de cavernas submarinas no mundo. O recorde não durou muito. Descobriu-se, em junho, que o vizinho Ox Bel Ha, o mais longo sistema que se conhecia antes, prolonga-se na verdade por 164 quilômetros. É provável, contudo, que o título retorne a Sac Actun.

As cavernas interligadas no subsolo da região estão em geral repletas de água que se infiltra através do calcário. Um explorador cujo corpo medisse apenas alguns centímetros conseguiria descobrir conexões entre todas as cavernas. Mas os seres humanos são grandes demais. Só podem atravessar passagens apertadas espremendo-se com os tanques de oxigênio. Cada incursão dura de três a seis horas, e algumas estendem-se por mais tempo ainda. Dependentes do equipamento, os mergulhadores pairam, sem peso, no ambiente escuro e desconhecido. "Pior que isso, só se fôssemos astronautas", comenta Bogaerts. – *Por Helen Fields*



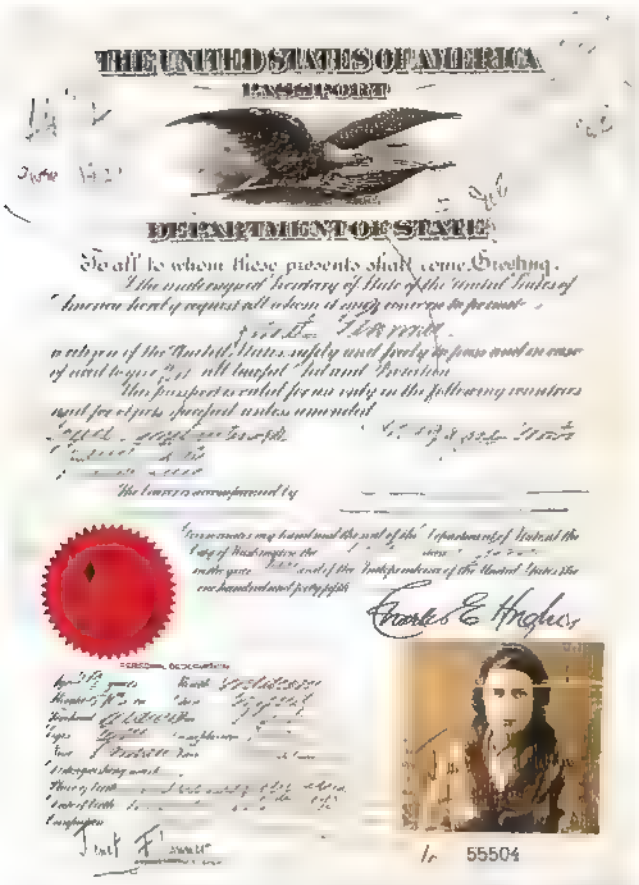
Um mergulhador flutua em uma caverna de Yucatán (abaixo). Estalagmites e estactites indicam que essas cavernas costumavam ser secas – há cerca de 18 mil anos.

GAVIN NEWMAN

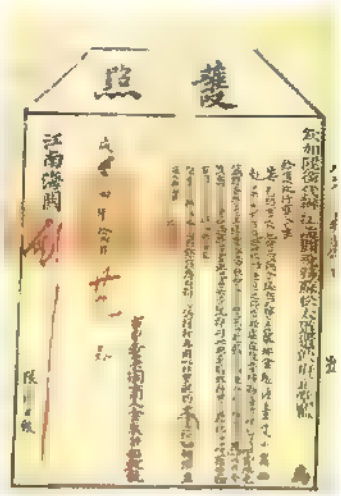
Rituais de passaporte Em tempos de segurança reforçada, o passaporte tornou-se mais essencial que nunca. Para obter o novo modelo brasileiro, menos vulnerável a falsificações, pessoas encaravam até dez horas de fila antes que a Polícia Federal estabelecesse cadastramento pela internet. Nos Estados Unidos, a previsão é de 16 milhões de pedidos em 2007. Tudo isso é muito diferente do que ocorria séculos atrás, quando o passaporte, se necessário, era quase sempre um salvo-conduto assinado pelo monarca. Hoje, muitos países, entre os quais os Estados Unidos, instalam no livreto um chip com o nome da pessoa, sua foto e outros dados. Isso, por sua vez, deu origem a um acessório de viagem: uma bolsa especial capaz de bloquear o acesso ao chip por parte de ladrões de identidade. – *Por A.R. Williams*

2008 UNIÃO EUROPÉIA
O gato inglês Teddy precisou de passaporte para viver na França.

SÉCULO 13 CHINA
Um *paiza* de bronze garantia a viagem pelo Império Mongol.



1921 ESTADOS UNIDOS Janet Flanner, colaboradora da revista *New Yorker*, viajou para a Europa com este passaporte – um dos mais de 1,18 milhão emitidos pelos EUA entre 1912 e 1925.



1854 CHINA Autorização ao navio britânico *Jin Jun Yuan* para viajar entre Zhejiang e Xangai.

FOTOS: NO SENTIDO HORÁRIO DESDE O ALTO: REBECCA HALE, NGS STAFF; JAMES L. STANFIELD, NATIONAL GEOGRAPHIC IMAGE COLLECTION; ASIAN AMERICAN STUDIES COLLECTION AT ETHNIC STUDIES LIBRARY, UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY; E LIBRARY OF CONGRESS

Para viajar de verdade,
seu destino é a CAIXA.

* Sujeito a aprovação de crédito. Valores sujeitos a alteração sem comunicação prévia
Se a vontade de viajar está grande, mas a grana está curta, não invente.
Com o Cartão Turismo*, você parcela suas compras em até 24 vezes nos estabelecimentos do ramo de Turismo, com taxas diferenciadas a partir de 2,9% a.m. e ainda usufrui da rede de benefícios exclusivos. Confira no site www.cartaoturismocaixa.gov.br. Já com a Poupança Turismo você poupa e ainda concorre a sorteios mensais de pacotes de viagem de até R$ 6 mil.

www.caixa.gov.br

Turismo.com

CAIXA

O fim da calvície? O fabricante americano de um pente a laser (545 dólares) apresentou dados relativos a 123 homens que usaram o aparelho emissor de luz três vezes por semana. Nove em dez relataram diminuição na queda de cabelo. Alguns chegaram a notar novos fios. Dermatologistas gostariam de ver o estudo editado em uma publicação profissional, mas não se mostram inteiramente céticos. Afinal, um raro efeito colateral da depilação com laser, diz o professor Jerry Shapiro, da Universidade de Nova York, é justamente... o crescimento de pêlos! *Por Marc Silver*

REBECCA HALE
FONTE: KERRY SECHAVE
RA. DNESS: A SOCIAL HISTORY

JUBAS JUBILOSAS
Há milênios os homens lutam contra calvície.

ÉPOCA BÍBLICA No Livro dos Reis, crianças atazanavam o profeta Eliseu chamando-o de "careca". Humilhado, conta-se que passou banha de urso na cabeça. Durante séculos, outros carecas buscaram a mesma solução. Motivo: os ursos são muito peludos.

50 a.C. A coroa de louros de Júlio César? É sua versão de peruca.

DÉCADA DE 1940 Pesquisas indicam que a causa da calvície está na hereditariedade e nos hormônios.

DÉCADA DE 1950 Um médico de Nova York transfere chumaços de cabelo de uma área fecunda para outra estéril, e ali o cabelo segue instruções genéticas para crescer. É a era do transplante capilar.

1988 A FDA aprova o minoxidil, um unguento aplicado ao couro cabeludo para interromper a queda de cabelo e estimular o crescimento. Dois terços dos pacientes relatam resultados que vão de insignificante a moderado. Já as mulheres têm efeitos mais significativos.

DÉCADA DE 1990 Fabricantes de tintura em aerossol acreditam que os homens irão pagar para disfarçar dessa forma as áreas de calvície. Mas a prestigiosa careca do astro do basquete Michael Jordan passa a valorizar a cabeça raspada.

1997 Finasterida, a primeira pílula contra calvície, é aprovada por órgãos de saúde. A pílula, desenvolvida com base em um medicamento para a próstata, apresenta 75% de chance de interromper a queda em homens entre 18 e 40 anos – e 37% de probabilidade de retomada do crescimento.

2010 Esse é o ano em que o dermatologista Neil Sadick prevê a "multiplicação" das células capilares. Se um minúsculo folículo conseguir recobrir toda a brilhante careca, ninguém mais sofrerá de calvície. Mas não se deve esperar que isso seja pago por convênios de saúde.

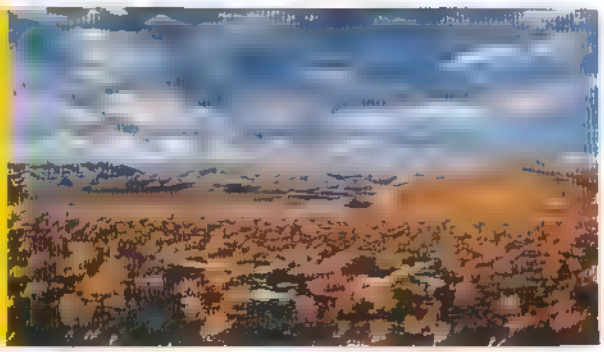
Deserto do Atacama

7 noites - voando LAN - saídas diárias

2 noites em Santiago, 4 noites em San Pedro de Atacama

Passeios diários à escolha do passageiro com guia bilíngue e equipamentos inclusos. Completa assistência da equipe CVC com guias falando espanhol e português e assistência de viagem Travel Ace

Apenas **9x R$ 302,** + Entrada R$ 679
À vista R$ 3.593. Base US$ 1.758
Preço para saídas em dezembro



Santiago

2, 3 e 4 noites - voando *TAM* - saídas diárias

Moderna e abrangente, a capital chilena vem atraindo cada vez mais visitantes em busca de novidade e também de passagens aéreas da cordilheira que emoldura o horizonte

Hotel Principado

Apenas **9x R$ 110,** + Entrada R$ 247
À vista R$ 1.232. Base US$ 628.
Preço de 2 noites para saídas até 31/janeiro (exceto Natal e Réveillon)

Explora - Deserto do Atacama

6 e 8 noites - voando LAN - saídas diárias

2 noites em Santiago, 4 e 6 noites em San Pedro de Atacama

Passeios diários à escolha do passageiro com guia bilíngue e equipamentos inclusos. Completa assistência da equipe CVC com guias falando espanhol e português e assistência de viagem Travel Ace

Apenas **9x R$ 602,** + Entrada R$ 1.354.
À vista R$ 6.771. Base US$ 3.508
Preço de 6 noites p. saídas em dezembro

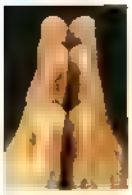
Visite uma loja CVC nos melhores shoppings do Brasil ou, se preferir, ligue. São Paulo 11 2146-7011/2103-1222 Santo André 11 2191-8700 – São Bernardo 11 2191-3500 São Caetano 11 3636-3450 Mauá 11 4513-4700 – Diadema 11 4043-2928 Osasco 11 3699-9909 Campinas 19 2117-3500 Mogi das Cruzes 11 4799-2166 Suzano 11 2148-4600 Guarulhos 11 6425-2533 Santos 13 3257-7000 Jundiaí 11 4522 3088 Bauru 14 2106-9450 – São José do Rio Preto 17 3121-1450 Araraquara 16 3331-3858 – Araçatuba 18 3606-4080 Alphaville 11 4191 9198 Guarujá 13 3347 7000 – Marília 14 2105-3888 – Valinhos 19 3925-7700 Bragança Paulista 11 4034-3020 – Limeira 19 3404-8899 Presidente Prudente 18 3903-9100 – Sorocaba 15 3414 000 Piracicaba 19 3413-5557 São Carlos 16 3307-8686 – Ribeirão Preto 16 2101-0048 – Rio Preto 17 2137-5910 Porto Alegre 51 2121 621 – Florianópolis 48 2108-2525 Curitiba 41 2109-9300 – Londrina 43 3326-5656 Rio de Janeiro 21 2142-9930 Poços de Caldas 35 2101-8100 – Belo Horizonte 31 3286-1620 Uberlândia 34 2101-5200 – Vitória 27 2122-8222 Brasília 61 3234-0446 Goiânia 62 4005-8900 – Campo Grande 67 3323-5100 Cuiabá 65 3051-4600 Salvador 71 2103-5666 – Aracaju 79 2107-8999 – Maceió 82 2123-1870 Recife 81 3059-5600 João Pessoa 83 2106-6221 – Natal 84 36 5-1740 Fortaleza 85 3462-1700 São Luís 98 4009-2800 Teresina 86 2106-3400 Belém 91 3184-8484 Manaus 91 2123-1100 Porto Velho 69 3026-5353 Macapá 96 2101-6600 Rio Branco 68 3223-0001

www.cvc.com.br ou consulte o seu agente de viagens.

Prezado cliente: preço por pessoa, válido para compras até um dia após esta publicação. A oferta de lugares é limitada e as reservas estão sujeitas a confirmação. Taxas de embarque não estão inclusas. Preços, datas de saídas e condições de pagamento sujeitos a reajuste e mudança sem prévio aviso. Câmbio base do dia 17/10/2007: US$ 1,00 = R$ 1,93.

CVC

Sonhe com o mundo. A gente leva você.

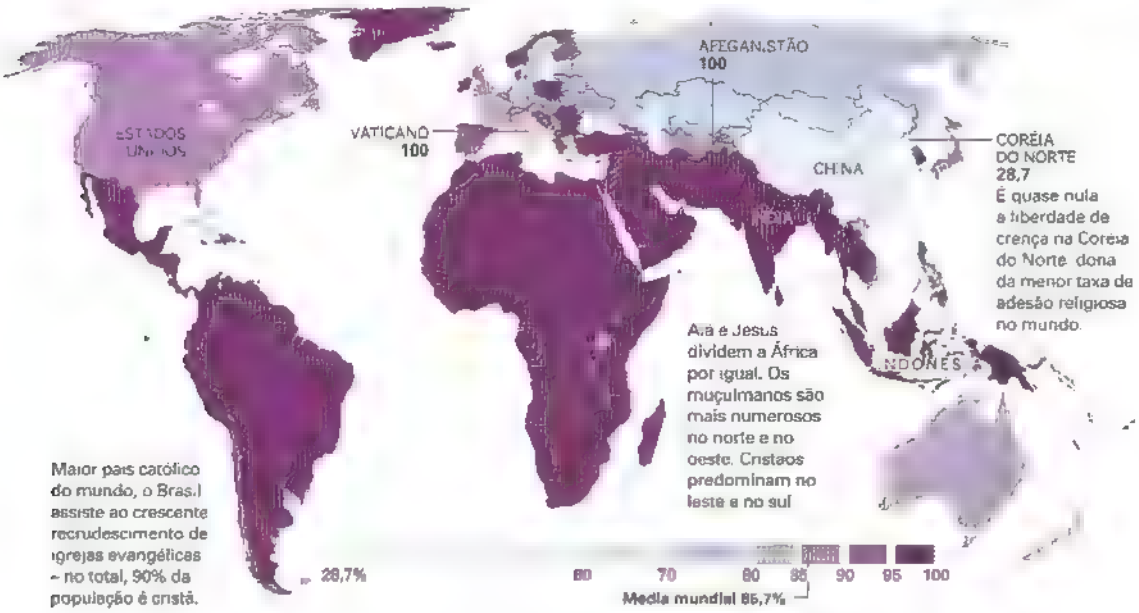


O novo mapa da fé

No século 20, a geografia das religiões mudou quando regimes comunistas declararam a existência de milhões de novos ateus e os judeus europeus foram dispersos ou assassinados. Hoje, o cristianismo está em ascensão na África, na China e na Rússia e o islamismo se difunde pela Europa. – *Por Shelley Sperry*

ADEPTOS DE UMA RELIGIÃO *em percentual da população, 2005*

Crentes superam os não-crentes – aqui abrangendo os ateus e os agnósticos declarados – em quase todas as regiões.



FILIAÇÃO RELIGIOSA *em percentual da população, 2005*

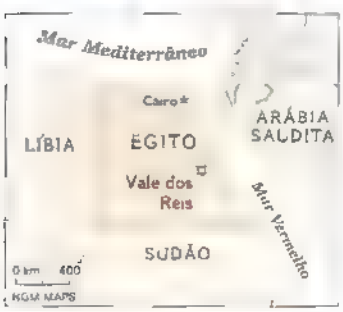
Em cada um dos quatro países mais populosos do mundo predomina uma religião diferente.

	Mundo	China	Índia	Estados Unidos	Indonésia
Cristãos	33	8	6	82	13
Muçulmanos	21	2	14	2	77
Não-crentes	14	50	1	12	2
Hindus	13		73	1	3
Outros	12	32	6	1	4
Budistas	6	9	1	1	1
Judeus				2	

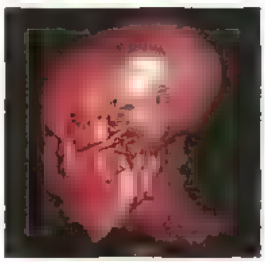
NOTA: os percentuais foram arredondados para o número inteiro mais próximo. Por isso a soma pode não ser equivalente a 100%. Valores inferiores a 0,5% não aparecem.

REBECCA HALE AND STAFF; FONTE: WORLD CHRISTIAN DATABASE; NOM MAPS

APOIO NGS **O sarcófago secreto** Em 1907, arqueólogos que exploravam o Vale dos Reis – o imenso cemitério que recebeu os despojos da realeza egípcia do Novo Império – exumaram uma múmia deteriorada, assim como um intrigante conjunto de tesouros funerários, em uma sepultura de 1330 a.C. Desde então discute-se a identidade do falecido. Agora, uma tomografia realizada pelo Projeto Múmias Egípcias, organizado por Zahi Hawass, principal arqueólogo egípcio, revelou indícios assombrosos. O túmulo KV55 abrigava um sarcófago de madeira dourada e inscrito em títulos régios. Os nomes próprios, porém, haviam sido apagados e suas figuras douradas obliteradas em parte. Quem seria o responsável pelo ato de vandalismo? O herético faraó Akhenaton, pai ou irmão de Tutankhâmon, é um dos candidatos. Dois dos quatro "tijolos mágicos", tradicional proteção contra o mal, traziam seu nome. Mas a câmara também abrigava artefatos do faraó Amenhotep III, de duas rainhas e de uma princesa – e até do próprio Tutankhamon.



As imagens confirmam as semelhanças entre os restos mortais da KV55 e os de Tutankhamon (à direita), mas apresentam algo novo: a ossada pertencia a uma pessoa de cerca de 60 anos. Além de Akhenaton, poderia ser de um obscuro faraó conhecido como Smenkhkare, que ocupou o trono antes de Tutankhamon. – *Por A.R. Williams*

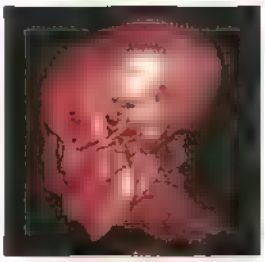


FORTE SEMELHANÇA Imagens do crânio da KV55 (no alto) e de Tutankhamon (acima) revelam cabeças ovaladas, mas diferentes.

FOTOS DE JOHN KAZAR, NATIONAL GEOGRAPHIC TELEVISION/SIEMENS. NO ALTO, BRANDO GUIDO, NATIONAL GEOGRAPHIC TELEVISION/SIEMENS

APOIO NGS **O sarcófago secreto** Em 1907, arqueólogos que exploravam o Vale dos Reis – o imenso cemitério que recebeu os despojos de realeza egípcia do Novo Império – exumaram uma múmia deteriorada, assim como um intrigante conjunto de tesouros funerários, em uma sepultura de 1330 a.C. Desde então discute-se a identidade do falecido. Agora, uma tomografia realizada pelo Projeto Múmias Egípcias, organizado por Zahi Hawass, principal arqueólogo egípcio, revelou indícios assombrosos. O túmulo KV55 abrigava um sarcófago de madeira dourada e inscrito em títulos régios. Os nomes próprios, porém, haviam sido apagados e suas figuras douradas obliteradas em parte. Quem seria o responsável pelo ato de vandalismo? O herético faraó Akhenaton, pai ou irmão de Tutankhâmon, é um dos candidatos. Dois dos quatro "tijolos mágicos", tradicional proteção contra o mal, traziam seu nome. Mas a câmara também abrigava artefatos do faraó Amenhotep III, de duas rainhas e de uma princesa – e até do próprio Tutankhamon.

As imagens confirmam as semelhanças entre os restos mortais da KV55 e os de Tutankhamon (à direita), mas apresentam algo novo: a ossada pertencia a uma pessoa de cerca de 60 anos. Além de Akhenaton, poderia ser de um obscuro faraó conhecido como Smenkhkare, que ocupou o trono antes de Tutankhamon. – *Por A.R. Williams*



FORTE SEMELHANÇA Imagens do crânio da KV55 (no alto) e de Tutankhamon (acima) revelam cabeças ovaladas, mas diferentes.

FOTOS DE JOHN HAZARD, NATIONAL GEOGRAPHIC TELEVISION/SIEMENS (NO ALTO), BRANDO QUILICI, NATIONAL GEOGRAPHIC TELEVISION/SIEMENS

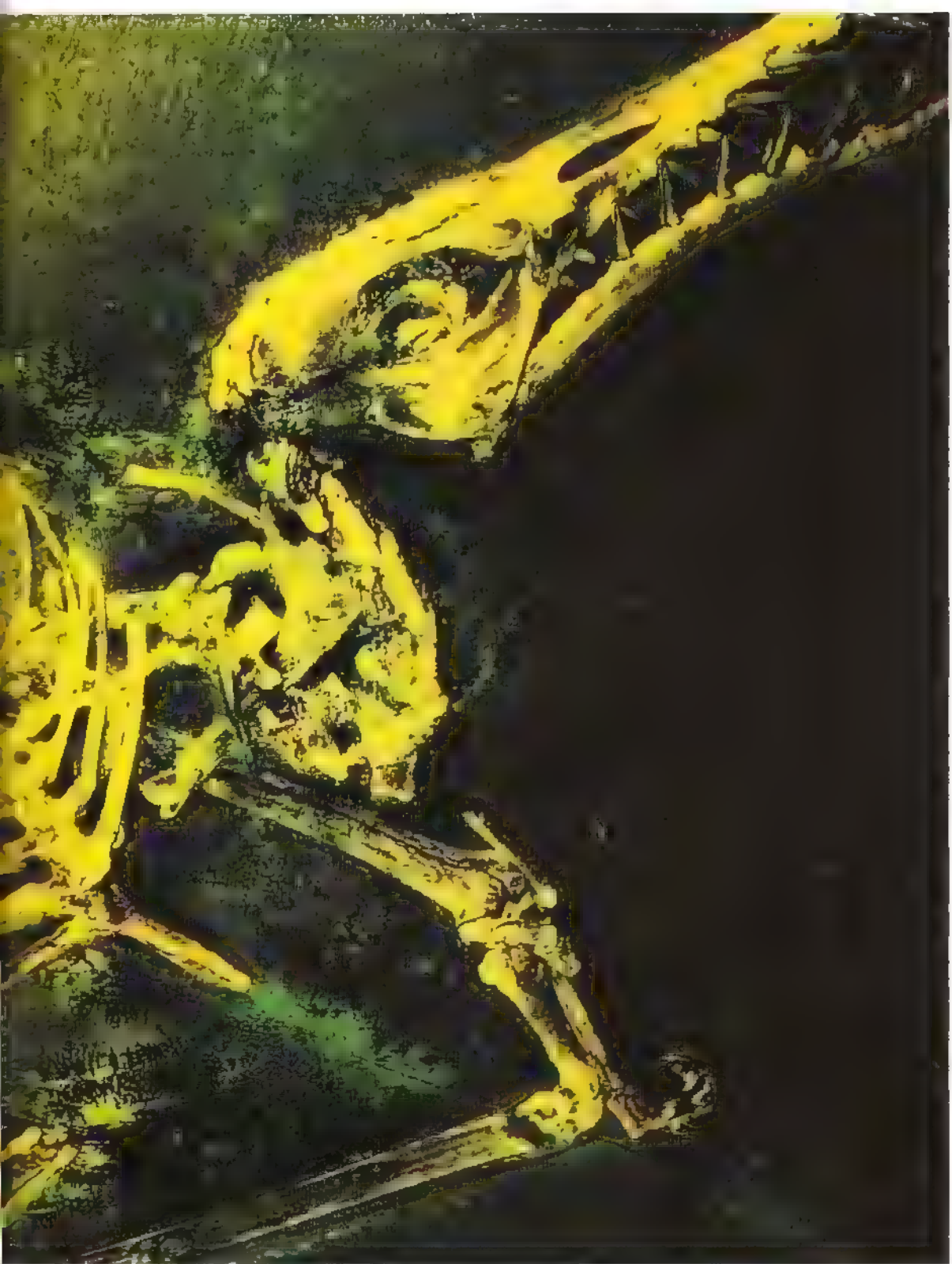
UM DIA ALGO CAIU DO CÉU E ACABOU COM A VIDA DOS DINOSSAUROS. BOM, AGORA QUE VOCÊ JÁ SABE O FINAL, VEJA O COMEÇO.

ESPECIAL DINOSSAUROS

ESTRÉIA DOMINGO, DIA 16 DE DEZEMBRO, ÀS 21H.

Conheça um pouco mais sobre os dinossauros em três programas imperdíveis: O Elo Perdido, Autópsia de um Dinossauro e Pterossauros: Monstros do Céu.

www.natgeo.com.br



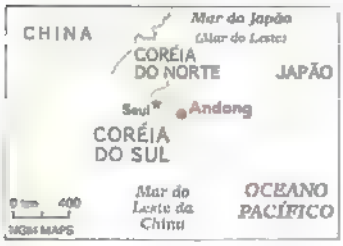
BORGHI RIKOWE

NATIONAL GEOGRAPHIC CHANNEL

Você nem imagina.

Amor para sempre Em 1º de junho de 1586, uma mulher viúva e grávida no leste da Coréia do Sul escreveu a seu marido: "Você dizia que queria viver comigo até que nosso cabelo ficasse branco. Como então me deixou aqui?" Ela pôs a carta na sepultura dele, ao lado de sandálias que havia feito em sinal de amor por seu companheiro doente – tecendo o próprio cabelo e usando casca de cânhamo. E ali eles ficaram até que a cidade de Andong mudou o cemitério de lugar para a abertura de uma área residencial.

A mensagem dela era de que o amor transcende o tempo e o espaço. "Volte a mim em segredo", pediu. "Ainda que tenha muito mais a lhe dizer, agora vou me calar." Os coreanos retomaram esse diálogo por meio de dois livros e um documentário de TV. Turistas já compraram milhares de exemplares da carta. "É algo que está fora do tempo", diz Park Chang-gun, que vai dirigir uma ópera sobre o casal, "e ainda traz lágrimas aos olhos das pessoas." – *Por Nell Shea*

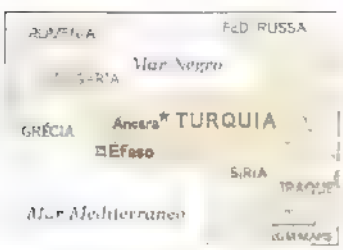


Uma jovem usa o próprio cabelo para tecer sandálias para o marido. Elas agora estão em um museu de Andong, na Coréia do Sul.

FOTOS DE ANDONG NATIONAL UNIVERSITY MUSEUM

www.osfilhosafastar.imagente.com.br

A volta dos gladiadores Os lutadores enterrados em uma sepultura comum na antiga cidade de Éfeso trazem novos dados sobre vidas que eram menos brutais do que se poderia imaginar. Ferimentos nos esqueletos, que remontam ao século 3, comprovam que eram de gladiadores. Um dos crânios exibe dois buracos situados à mesma distância dos dentes de um tridente (à direita) achado no sítio arqueológico do porto de Éfeso. No entanto, nem sempre as lutas eram fatais – os mesmos homens mostravam sinais de excelente saúde. Um osso do braço cicatrizou com tal perfeição que os antropólogos da Faculdade de Medicina de Viena foram obrigados a fazer tomografias para ter certeza de que havia mesmo sofrido fratura. Análises dos ossos revelam que os lutadores comiam pouca carne e marcadores musculares comprovam que praticavam exercícios. Após tanto treinamento, não fazia muito sentido econômico obrigar os gladiadores a se baterem até a morte. "Eles eram populares e, se fossem espertos, juntavam dinheiro", diz o antropólogo Fabian Kanz. A carreira dos lutadores pod a durar anos. Os mais bem-sucedidos até conseguiam, às vezes, obter sua liberdade. – *Por Helen Fields*



O tridente choca-se com um escudo neste grafite (acima) em uma residência em Éfeso.

W. PIETSCH, OAI (NO ALTO); A. KRINZINGER, ÖAI

www.planetasustentavel.com.br

PLANETA
sustentável
o futuro a gente faz agora

FECHE A TORNEIRA!

As áreas afetadas por secas severas já representam um terço do planeta

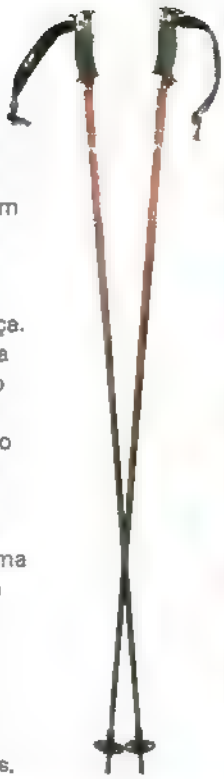
Qual a relação entre o aumento da biodiversidade em torno dos icebergs e o uso racional da água? A importância de entender a sustentabilidade.

De acordo com a ONU, cerca de 3,5 bilhões de pessoas podem enfrentar dificuldades para encontrar água até o ano de 2025. Previsões indicam que, com a seca de aqüíferos, redução de rios e aumento de áreas áridas, o acesso à água potável se tornará um sério problema.

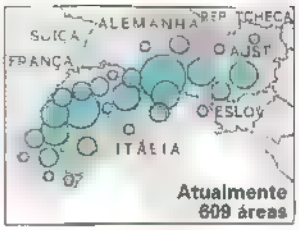
Confira a seguir mais um exemplo de sustentabilidade e entenda por que ela é fundamental para uma vida melhor.

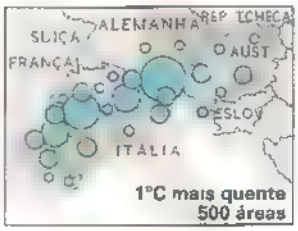
É PRECISO FAZER ALGO. É POSSÍVEL FAZER MUITO. E DEVEMOS FAZER JÁ.

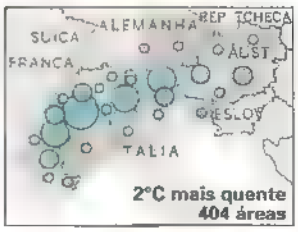
Abril · BANCO REAL ABN AMRO · CPFL ENERGIA · BUNGE

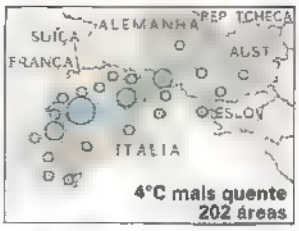


Esquiando ladeira abaixo Em dezembro de 2006, era impossível esquiar em algumas encostas dos Alpes. Temperaturas altas fora de época resultaram em muita chuva e lama, e pouca neve. O frio do início deste ano contribuiu para que a temporada de esqui européia não fosse fracasso completo, mas isso não bastou para salvar a estação de Abbondance, na França. Neste ano, os vereadores da cidade decidiram fechar a estação devido à falta de neve. A situação não é muito melhor nos Estados Unidos. As temperaturas médias estão aumentando sem parar – 2006 foi o segundo ano mais quente em mais de um século –, tornando cada vez mais escassas as áreas de neve. As maiores estações de esqui diminuíram o tempo em que ficam abertas, passando da média de 158 dias por ano há uma década para 146 em 2005-06. O que fazer para sanar o déficit de neve? Muitas áreas estão recorrendo mais a equipamentos que produzem neve, mas a artificial é cara e requer temperaturas baixas para que funcione como pista de esqui. Outros locais lançam mão agora de atividades de clima mais quente, como golfe e mountain bike. Mas isso não trará de volta os invernos. "Sempre contamos com a neve", diz Lisa Isaacs, diretora de programas ambientais da área de esqui do monte Mammoth, Califórnia. *Por Christopher Elliott*









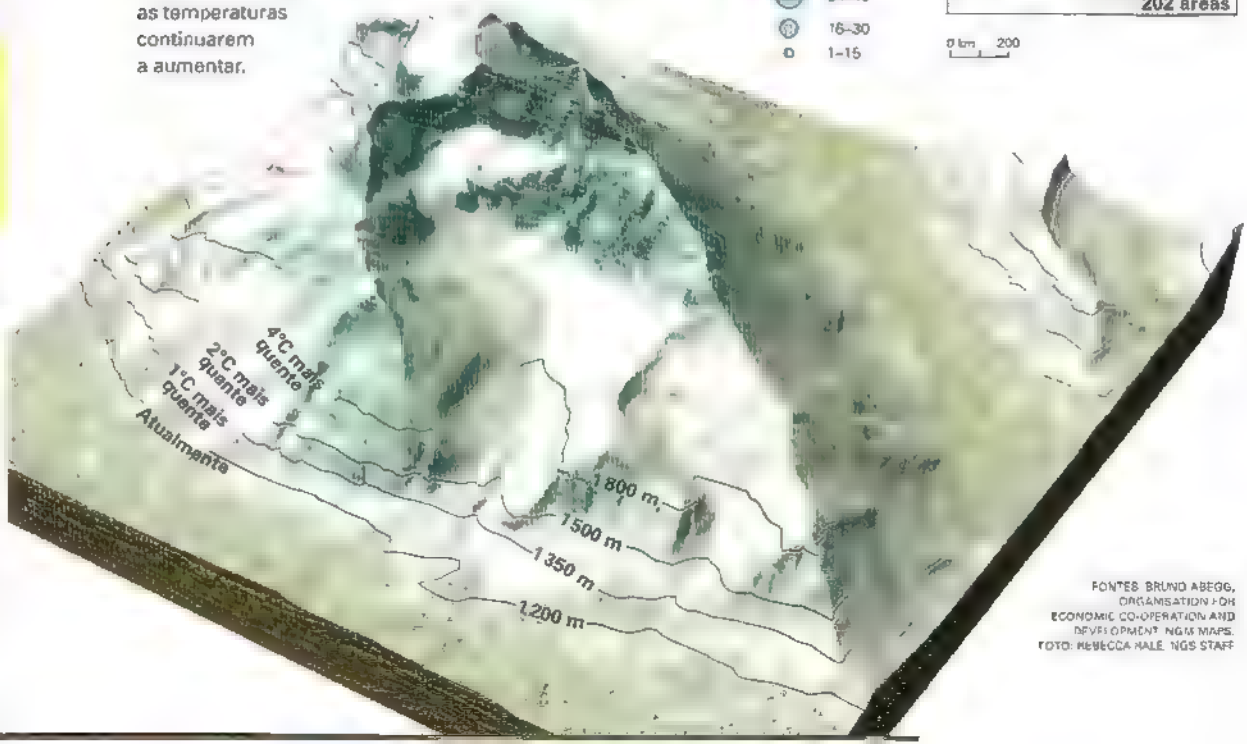
Região de esqui

Áreas de esqui que podem contar com neve natural

61–75
46–60
31–45
16–30
1–15

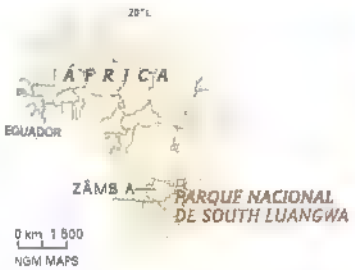
0 km 200

Neste pico alpino imaginário, as linhas mostram a perda de neve natural se as temperaturas continuarem a aumentar.



FONTES: BRUNO ABEGG, ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. NGM MAPS. FOTO: REBECCA HALE, NGS STAFF

APOIO NGS **Seres híbridos** Embora a sereia seja criatura lendária, encontram-se pelo mundo seres de fato híbridos, frutos do acasalamento entre espécies diferentes. Quando um babuíno kinda (*Papio cynocephalus kindae*) se acasala com um babuíno chacma, ou amarelo, os filhos continuam sendo babuínos – mas são os híbridos que despertam o interesse de Jane Phillips-Conroy e Clifford Jolly, que pesquisam a dispersão dos genes kinda no Parque Nacional de South Luangwa, Zâmbia. Os bebês kinda muitas vezes começam a vida com uma tonalidade de pele clara, em vez do preto típico dos babuínos. Explorando essa pista visual, os cientistas testaram o DNA em excrementos e descobriram que ancestrais miscigenados são comuns no local. O estudo lança nova luz sobre o caminho não-linear da evolução. E é possível que até mesmo seres humanos primitivos tenham cruzado a fronteira entre as espécies. *Por Jennifer S. Holland*



STEVE TOLAN

www.
planetasustentavel.
com.br

PLANETA
sustentável
o futuro a gente faz agora

Como você viu nas páginas anteriores, agora mesmo e ao longo dos próximos meses, 55 revistas e 33 sites da Abril abordarão o conceito de sustentabilidade nas mais diversas formas, além de criar um espaço de diálogos que nos ajude a construir um mundo melhor e sustentável para todas as gerações.

Faça parte desta causa, junte-se a nós!

É PRECISO FAZER ALGO.
É POSSÍVEL FAZER MUITO.
E DEVEMOS FAZER JÁ.

Abril
BANCO REAL
ABN AMRO
BUNGE
CPFL ENERGIA

BUNGE APRESENTA PLANETA sustentável

Como plantar um futuro sustentável

Fornecer alimentos à crescente população global é um dos principais objetivos do milênio. Para a Bunge, melhorar a vida das pessoas, aprimorando a cadeia global de alimentos e o agronegócio, é a forma de dar sua contribuição

À medida que a população mundial cresce, crescem também as responsabilidades de cada um sobre o destino do planeta. Todos nós – indivíduos, empresas, governos e sociedade civil – temos uma contribuição a dar para tornar o lugar onde vivemos mais justo, tanto do ponto de vista econômico, quanto social e ambiental.

Você contribui usando os recursos naturais sem desperdício, reciclando materiais e preservando a natureza. Nós, da Bunge, também procuramos fazer a nossa parte. Com 102 anos de história no Brasil, a décima sétima marca mais valiosa do país (pesquisa da Brand Finance) tem colaborado para o desenvolvimento sustentável antes mesmo de esse termo virar moda.

Seja na área alimentícia, fabricando alguns dos produtos mais conhecidos e queridos do brasileiro, seja no setor de fertilizantes, ajudando a melhorar a produtividade e a segurança no campo, a Bunge aposta na gestão responsável e nos compromissos de longo prazo como forma de obter o sucesso empresarial e ajudar no crescimento do país.

Um século de iniciativas sociais

Voluntariado Iniciativas em escolas públicas como o programa Comunidade Educativa, que beneficia anualmente cerca de 6 mil alunos e 300 professores em sete estados brasileiros.

Formação de educadores Ações direcionadas para professores da rede pública de ensino, como o programa ReciCriar – A Pedagogia do Possível, que já contribuiu com a formação de mais de 11 mil educadores.

Incentivo à excelência Reconhecimento ao talento por meio do Prêmio Fundação Bunge, voltado à produção científica, que em mais de 30 anos já homenageou cerca de 150 personalidades das Ciências, Letras e Artes do país, e do Prêmio Professores do Brasil, de valorização dos educadores do ensino fundamental da rede pública, que, desde 1995, já reconheceu o trabalho de 165 professores.

Programa Bem Estar Bunge 3 mil colaboradores da Bunge Fertilizantes beneficiados com atividades de autoconhecimento, saúde, lazer e cultura.

Programa Bunge Vida Ações despertando valores e atitudes para a qualidade de vida dos mais de 7 mil funcionários, familiares e comunidades vizinhas da Bunge Alimentos.

Respeito ao meio ambiente

Água e Energia Prioridade para o reuso de recursos hídricos, com unidades reutilizando até 90% da água consumida. Mais de 65% da energia consumida vem de fontes renováveis.

Carbono Programa de redução de 98 mil toneladas na emissão de CO_2 entre 2003 e 2009.

Biodiversidade Programa de Conservação do Cerrado conciliando a agricultura com a criação de corredores de biodiversidade, por meio da educação do produtor rural. Mais de 180 mil hectares já foram atingidos.

Reciclagem de óleo comestível Parceria em projetos que já alcançaram mais de 22 mil famílias.

Reflorestamento Plantio de 8 mil hectares/ano de áreas reflorestadas.

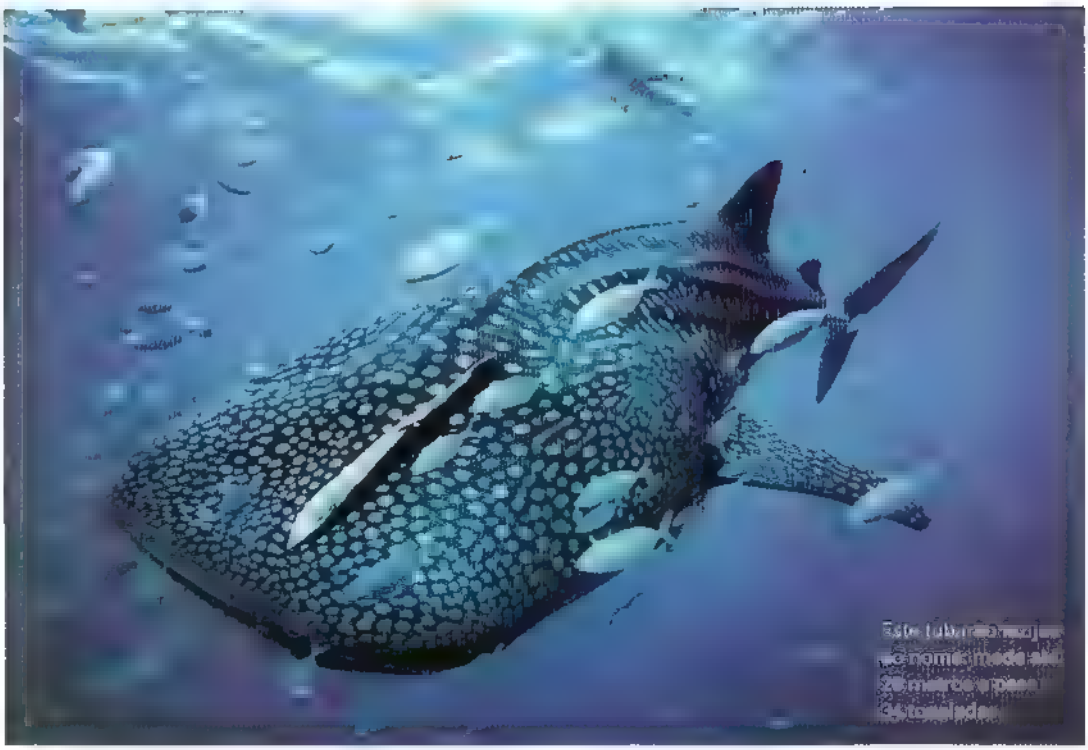
Reservas naturais A Bunge mantém 4 mil hectares de áreas preservadas de Mata Atlântica, em Cajati (SP) Araxá (MG) e Gaspar (SC).

Centros de Educação Ambiental Mais de 70 mil pessoas atendidas, entre colaboradores, estudantes e professores nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina.

iap MANAH Serrana OUROVERDE Delícia Primor soya Cyclus

CONTEÚDO PUBLICITÁRIO

BUNGE
DO CAMPO À SUA MESA



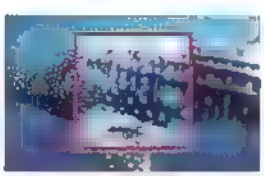
Paparazzi de tubarão-baleia

Imensos e dóceis, os tubarões-baleia são encontrados em todos os oceanos do mundo, mas ninguém sabe onde se reproduzem, quais são suas rotas migratórias ou mesmo quantos espécimes existem. E é por meio da catalogação de fotos, de especialistas ou amadores, que os pesquisadores esperam preencher essas lacunas em nosso conhecimento. Um banco de dados, a Ecocean Whale Shark Photo-identification Library (Biblioteca Ecoceânica de Identificação de Tubarões-Baleia), já reúne milhares de imagens – veja em *whaleshark.org* –, que identificam cerca de 830 tubarões pela configuração de manchas brancas no trecho de pele logo atrás das guelras. Com o acompanhamento dos espécimes, os diretores do projeto, Brad Norman e Jason Holmberg, querem descobrir se as recentes proibições de caça aos tubarões-baleia ajudaram a aumentar sua população. Além disso, a Ecocean está treinando agentes de turismo e outros para que participem do registro fotográfico – e da conservação – do maior peixe do planeta. *– Por Helen Fields*

INSCREVA SEU TUBARÃO

A Ecocean compara as fotos enviadas por você com as do banco de dados.

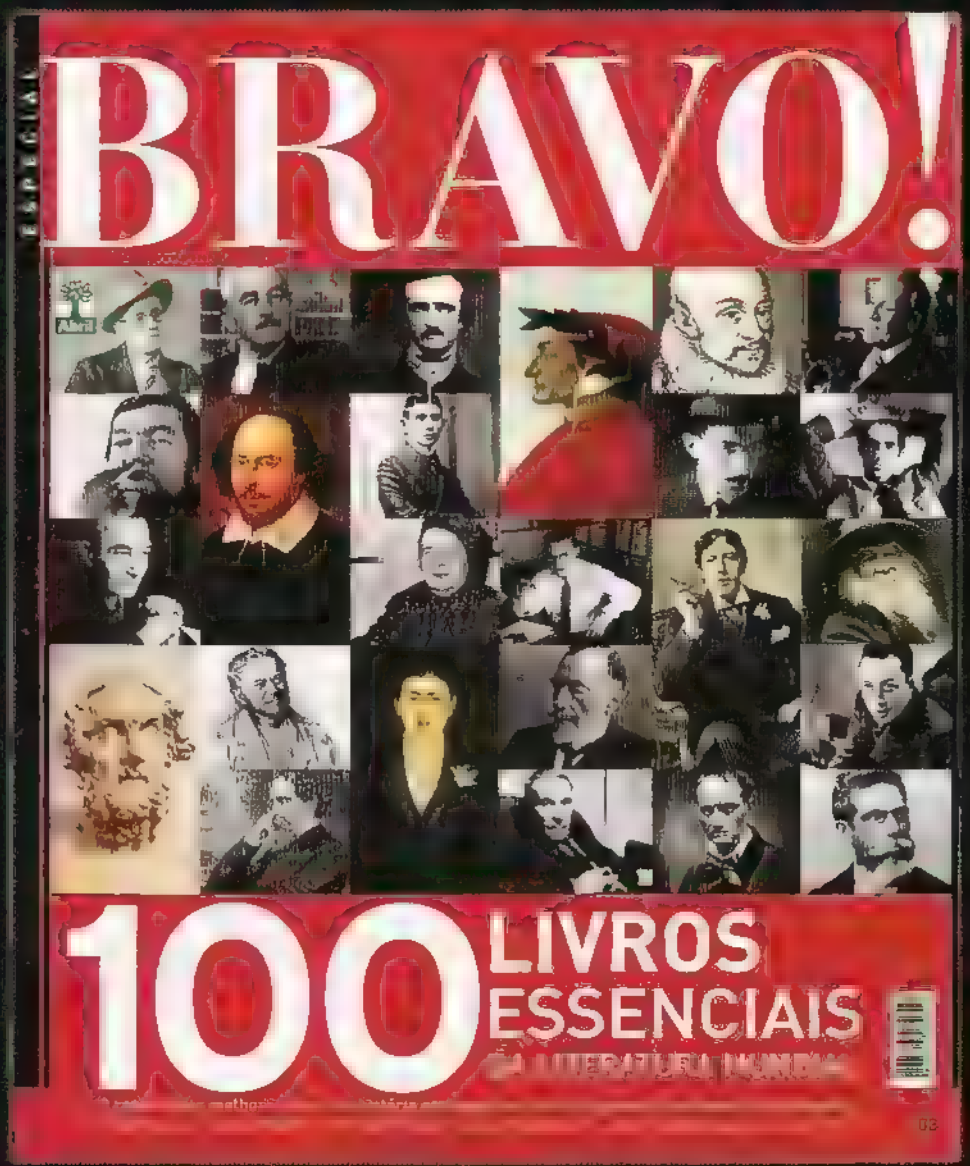
- **Regras** Eles não mordem, mas a cauda tem uma força tremenda; por isso, fique pelo menos a 1 metro de distância deles.
- **Posição** Focalize o lado esquerdo do tubarão com a objetiva perpendicular à área com figuras acima da barbatana peitoral (abaixo).
- **Bônus** O registro de cicatrizes na cabeça, nas barbatanas e no corpo facilita a identificação.



BRIAN SKERRY (NO ALTO); BRAD NORMAN, ECOCEAN INC.; NGM MAPS

Já nas bancas!

Um ranking das obras que ajudam a contar a história da literatura

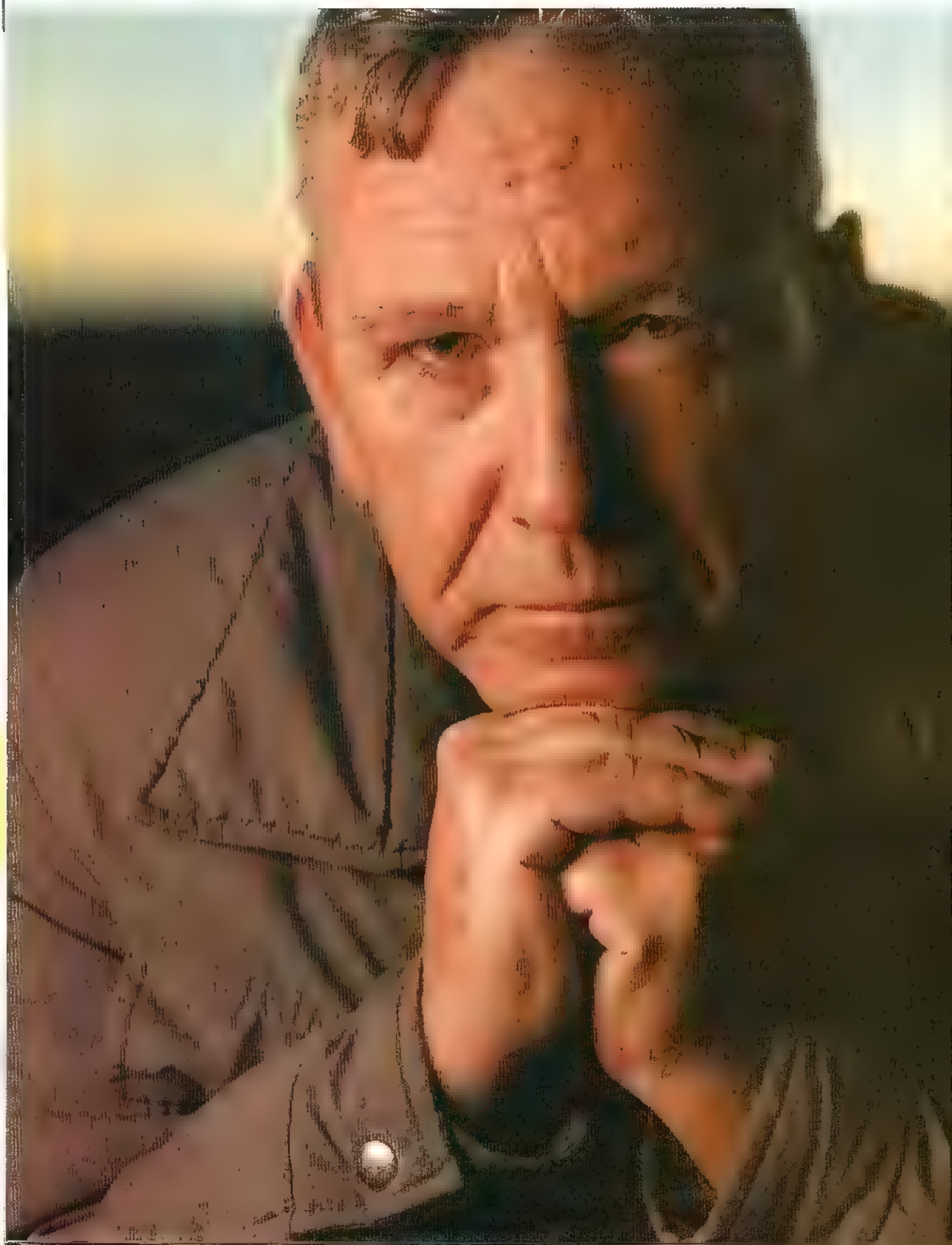


Dos primeiros registros escritos às obras mais recentes, na poesia, na prosa de ficção e na dramaturgia.

EDITORA Abril

www.revistabravo.com.br

VOZES



Amos Oz
Imaginar o outro

ENTREVISTA A YOSSI KLEIN HALEVI

O escritor mais renomado de Israel vive na pequena cidade de Arad, à beira do deserto, com vista para o monte fortificado de Masada, onde, em 73 d.C., quase um milhar de zelotes judeus escolheu o suicídio em massa para não se render às tropas romanas que os cercavam. Esse é um reflexo apropriado da experiência de vida do próprio Amos Oz. Ao crescer na sitiada Jerusalém da década de 1940, ele identificou se ardorosamente com a forma mais militante do sionismo. Depois, já pacifista, passou a ver o conflito israelense-palestino como um confronto de "dois direitos e dois delitos". Em seu livro Como Curar um Fanático, *Oz argumenta que a melhor defesa contra o fanatismo político está nos recursos que costumamos associar aos escritores – a objetividade, a ironia e, acima de tudo, a capacidade de "imaginar o outro", de colocar-se na pele do outro. Oz fala aqui ao jornalista Yossi Halevi, correspondente em Israel da revista americana* The New Republic *e membro do Centro Shalem, instituto de pesquisa acadêmica com sede em Jerusalém.*

Afinal, como se cura um fanático?

A resposta é individual, e não coletiva. O fanatismo não pode ser curado por meio de guerras. A enfermidade tem origem no indivíduo; portanto, a cura deve ser individual. Um poderoso antídoto contra o fanatismo é o bom humor. Mais um é a capacidade de imaginar o outro – não necessariamente a fim de concordar ou mesmo de ter empatia com ele. Mas o mero fato de imaginá-lo já nos torna imunes ao fanatismo cego.

Quando você passou a incorporar a perspectiva dos palestinos no modo como vêem o conflito no Oriente Médio?

O que de fato me salvou a alma foi a imaginação. Sempre fui muito curioso. Quando pequeno, meu passatempo favorito era dar asas à fantasia: "Como eu seria se fosse ele? E se estivesse na pele dela?" Fazia isso por causa da solidão, pois era filho único e tinha poucos amigos da minha idade. Passava horas e horas, muito bem comportado, ao lado de meus pais enquanto conversavam em cafés. Foi o que me levou a esse jogo de imaginar o outro. Como seriam as coisas do ponto de vista árabe? Será que falam a nosso respeito tal como falamos deles? Como é possível que não gostem de nós? Essa curiosidade, essa imaginação e o desejo de ser amado não deixaram que me tornasse um fanático.

MARK THIESSEN

Não tenho [illegible] dificuldade [illegible] me imaginar como um [illegible] nacionalista, alguém parecido com o tipo de israelense que [illegible] quando jovem.

Então o primeiro passo para sair do fanatismo é ver com os olhos dos outros?

É por aí. E isso não é apenas o primeiro passo para evitar o fanatismo mas também o primeiro passo para escapar do egocentrismo moral, do autismo moral.

Como é que alguém pode ter uma arraigada identidade religiosa ou nacional e, ao mesmo tempo, não negar a identidade alheia?

A identidade não passa de roupagem. Muita gente muda de identidade, de sexo, de nacionalidade, de religião. Se não nos esquecermos de que a identidade é apenas uma vestimenta, mais uma entre tantas, então podemos muito bem nos imaginar com roupas diferentes. Por outro lado, se imaginarmos que a identidade está entranhada em nossa pele, então o mais provável é que sejamos contaminados pelo vírus do fanatismo.

Em termos religiosos, a identidade é algo que pertence ao mundo das coisas perecíveis, e não ao da alma?

Isso. Há algo em nossa alma – a imaginação – que tem a capacidade de nos levar muito além de nossa roupa. Posso me imaginar como um judeu praticante, mesmo que jamais tenha sido algo parecido. Posso me imaginar como uma mulher. Ou como um árabe. Posso me imaginar sob muitas formas.

De que maneira o nacionalismo de direita preencheu carências emocionais em sua juventude?

Na época, o mundo era em preto e branco, dividido em mocinhos e bandidos, e nele havia respostas para todas as minhas dúvidas. O mundo externo era ameaçador, injusto, egoísta, e ali estávamos nós, israelenses isolados, poucos, heróicos e justos. E isso refletia o que víamos, meus amigos e eu, nos filmes a que íamos assistir em um cinema de Jerusalém – os faroestes, os policiais, os filmes de ação. Era um mundo muito idealizado e, no fim, o bem sempre vencia.

Como o holocausto afetou sua formação?

Em minha família, esse era um assunto tratado com pudor. Era uma daquelas coisas que não se discutiam na frente das crianças. Mesmo assim, era algo que estava na atmosfera. A gente ouvia os adultos conversando sem parar sobre o que havia ocorrido com nossa família na Europa. E dava para notar uma vinculação entre o assassinato em massa dos judeus europeus e as ameaças que pairavam sobre a comunidade judaica em Jerusalém e no resto do país. Eu sentia uma mistura de medo, insegurança, desespero, raiva e, claro, pena de nós mesmos. As pessoas costumavam falar nas vítimas do holocausto usando a primeira pessoa do plural, "nós", mesmo que não tivessem passado pessoalmente por aquilo. E eu não via nenhuma contradição em transferir para os árabes toda a raiva que sentia em relação aos alemães.

Quando olho para a cara dos fundamentalistas islâmicos em uma manifestação, vejo indignação e uma espécie de êxtase raivoso. Você consegue identificar-se com essa experiência?

Sei que a raiva pode ser muito doce. Na verdade, ela é um grande conforto, um anestésico maravilhoso. Quando estamos tomados pela raiva, não somos mais indefesos, não somos mais inferiores, não estamos mais perdidos. Todo o nosso ser se concentra nela. Quanto mais complexas se tornam as questões, mais gente clama por respostas inequívocas. E as perguntas estão se tornando bastante complexas – para os palestinos em particular e para a sociedade árabe e muçulmana em geral. Há um profundo sentimento de fracasso. Sei disso porque acompanho a literatura árabe. Existe um profundo sentimento de inadequação. Veja o que acontece no Egito: um país que na Antiguidade fez avançar a civilização hoje nem sequer produz máquina de lavar roupa. Isso é doloroso. Se você fica para trás, é natural que queira compensar. E isso muita gente faz se tornando militante, dizendo que ama o que tem, que não precisa de mais nada.

De que modo a ascensão do Hamas entre os palestinos alterou a maneira como você pensa o conflito?

Isso nao alterou o fundamento de minha concepção. Ou seja, que existem duas naçoes neste país. E que elas não podem viver juntas como uma família feliz. É preciso dividir o território. Porém, o que me ocorre é que deve haver outra maneira de se chegar a isso. Está na hora de Israel conclamar a Liga Árabe a participar da solução do problema palestino. Na Palestina, a ascensão da Irmandade Muçulmana por intermédio do Hamas é um sinal de alerta para a Síria, a Jordânia, o Egito e, sobretudo, a Arábia Saudita. Se Israel se entender com a Liga Árabe, o acordo pode em seguida ser apresentado aos palestinos em um referendo.

O que na verdade você está dizendo é que Israel não conta com nenhum parceiro no lado palestino?

Não é isso. Israel tem um parceiro: os palestinos moderados. Não devemos ignorá-los, assim como seria um erro ignorar os moderados em Israel, mesmo que por muito tempo eles tenham sido impotentes. Precisamos conversar com os palestinos moderados; eles são os nossos aliados de fato.

Já conheci muitos palestinos moderados que não suportam mais esse conflito. Mas nunca vi um Amos Oz palestino, alguém capaz de imaginar o lado judaico do conflito. Será que ele existe?

Lembre-se de que é bem mais fácil imaginar o outro quando se está em posição superior. São os palestinos que vivem sob ocupação israelense; não o contrário. Tenho imaginação suficiente para me perguntar: "Seria capaz de imaginar o outro se ele estivesse ocupando meu território?" Não sei como responder, mas posso fazer a pergunta.

[illegible] judeus agora perderam a [illegible] para os [illegible]. Mas, [illegible] o entre [illegible] for encerrado, [illegible] sempre fica [illegible] a pergunta: quem [illegible] e quem [illegible] Golias?

Você já comentou que esse é um conflito estritamente territorial, e que em ambos os lados os fanáticos tentam transformá-lo em disputa religiosa. Você menosprezou a força da religião aqui?

Não creio que a religião seja crucial. Não se trata de guerra santa islâmica contra os judeus. O que está em questão é a terra. Se os judeus tivessem concordado em viver como uma comunidade religiosa na Palestina muçulmana, suponho que isso seria aceito pela maioria dos palestinos, até mesmo por muitos defensores do Hamas. O fato é que não se trata de conflito entre o Islã e o judaísmo. Com a ascensão do Hamas, o conflito adquiriu forte dimensão religiosa, algo como uma sanção religiosa para a reivindicação territorial palestina.

Por que você acha que os palestinos recebem apoio incondicional de certos grupos, especialmente europeus?

Muitos intelectuais europeus de esquerda acreditam que, "certos ou errados, eles fazem parte do Terceiro Mundo, e temos de demonstrar nosso apoio, pois somos responsáveis por essa situação". Isso é parte do culto contemporâneo das vítimas, da defesa da vitimização. Evidentemente, os judeus perderam a condição de maiores vítimas para os palestinos, e com razão. Eu, particularmente, não lamento que os judeus tenham perdido a medalha de ouro da vitimização.

Há certa cegueira dos americanos em relação ao conflito árabe-israelense?

É evidente que há simplificação excessiva por parte dos americanos, uma divisão entre mocinhos e bandidos. "Israel é nosso irmão menor. Nós conhecemos a história, já passamos por isso, é nossa história." É a imagem espelhada da simplificação européia. Mesmo quando o conflito estiver encerrado, e houver um embaixador palestino em Jerusalém Ocidental, e um embaixador israelense em Jerusalém Oriental, e as duas embaixadas forem perto uma da outra, e tudo não passar de história, uma questão ainda vai permanecer em aberto: quem foi Davi e quem foi Golias?

Você já se referiu a si mesmo como membro da "ordem da colher de chá", um dos que acreditam em extinguir pacientemente incêndios com uma imaginária colher de chá. Mas o fogo no Oriente Médio só se alastra. Não está ficando cada vez mais difícil preservar a sensatez e a capacidade de imaginar o outro – ou seja, ser Amos Oz?

Na mais honrosa tradição judaica, vou responder a essa questão com outra pergunta: o que mais posso fazer? Me desesperar? Viver em outro país? Me converter? Sou como o médico rural que vai com sua maletinha de uma casinhola a outra tentando fazer o possível pelos doentes. Procurando aliviar a dor, quando não dá para curá-la. Oferecendo algum conforto, quando não há remédio, ou algum remédio, quando não há cura. O que mais resta a uma pessoa decente? □

EDITORA Abril

O MELHOR PRESENTE DE NATAL!

MAIS DE 50 DVDs

R$ 9,99 CADA

Produtos sujeitos à disponibilidade de estoque. Reservamo-nos o direito de corrigir eventuais erros de divulgação neste material.

Vá até a banca mais próxima e aproveite !

EXPEDIENTE

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

Laurentino Gomes, DIRETOR SUPERINTENDENTE
Caco de Paula, DIRETOR DE NÚCLEO
Matthew Shirts, REDATOR-CHEFE
Cristina Veit, DIRETORA DE ARTE
Ronaldo Ribeiro, EDITOR SÊNIOR
Roberto Sakai, DESIGNER
Cristina Lopes, COORDENADORA DE PRODUÇÃO
Karen Pegorari Silveira, ATENDIMENTO AO LEITOR
Eduardo Blanco (chefe), Alexandre Ferreira Cristina Nogueiros, Fernando Batista, Leandro Alves, Luciano Neto e Marcelo Tavares, cti
Beatriz de Cássia Mendes e Carlos Grasseti APOIO EDITORIAL
Grace de Souza, DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO E ABRIL PRESS

ASSESSORES
Amyr Klink, EXPEDIÇÕES
Antonio Pedro Tota, HISTÓRIA
Aziz Ab'Sáber, GEOGRAFIA
Carlos Roberto Brandão, ZOOLOGIA
Claudio Petto, BIOLOGIA
Drauzio Varella, MEDICINA
Marcelo Gleiser, FÍSICA
Márcia Ramos de Oliveira, OCEANOGRAFIA
Otto Gadig, BIOLOGIA
Rosita Belinky, MONTANHISMO
Rualdo Menegat, GEOLOGIA
Washington Novaes, AMBIENTE

REVISÃO DE TEXTO
Marta Magnani

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO
Claudio Marcondes, Laura Motta e Reinaldo Moraes
TRADUTORES

PUBLICIDADE
CENTRALIZADA
Marcos Peregrina Gomez, Mariane Ortiz Robson Monte e Sandra Sampaio, DIRETORES
Claudia Gaidino, Eliani Prado, Luciano Almeida, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Marcia Soter, Nilo Bastos, Pedro Bonaldi, Regina Maurano, Rodrigo Floriano Toledo, Virginia Any e William Hagopian, EXECUTIVOS DE NEGÓCIO

REGIONAL
Jacques Baisi Ricardo, DIRETOR

RIO DE JANEIRO
Paulo Renato Simões, DIRETOR

NÚCLEO TURISMO
Maria Luiza Marot, GERENTE DE VENDAS DE PUBLICIDADE
Adriana Martins, Fabio Fernandes, Michele Brito, Regiane Ferraz, Suzana Carreira e Suzana Vieira, EXECUTIVOS DE NEGÓCIO

MARKETING E CIRCULAÇÃO
Fábio Luis dos Santos, GERENTE DE MARKETING
Carolina Ubrig, GERENTE DE PUBLICAÇÕES
Débora Fazio Cigais, ASSISTENTE
Fernanda Alvares e Renan Silveira, ESTAGIÁRIOS
Fabiana Trevisan, GERENTE DE EVENTOS
Gabriela Freua, ASSISTENTE
Gabriela Yamaguchi, GERENTE DE PROJETOS ESPECIAIS
Eliane Soares, GERENTE DE CIRCULAÇÃO AVULSAS
Euvaldo Nadir Lima Junior, GERENTE DE CIRCULAÇÃO ASSINATURAS

PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES
Auro Iasi, DIRETOR
Ana Koh e Victor Zockun, GERENTES
Marina Bonagura, CONSULTORA
Alberto Martins e Renato Rosante, PROCESSOS

ASSINATURAS
Ana Dávalos, DIRETORA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR
Fernando Costa, DIRETOR DE VENDAS

INTERNET
Claudinei Montes, GERENTE
Anna Paula Lima, Bettina Monteiro e Simone Saggioro, EDITORAS
Verônica Fraidenraich, REPÓRTER
Danilo Vespa e Rogério Fratin, WEBDESIGNER
Giovanna Spada, ESTAGIÁRIA
Fred Carbonaro, GERENTE DE PRODUTO

NATIONAL GEOGRAPHIC

CHRIS JOHNS, *Editor in Chief*
Victoria Pope, *Managing Editor*
Tim Appenzeller, Dennis R. Dimick, Bill Marr, *Executive Editors*
David Griffin, *Director of Photography*
Charles Blow, *Art Director*
Robert L. Booth, *Associate Editor*

DEPARTMENT DIRECTORS
Rob Covey, *Online*
William McNulty, *Maps*
Oliver Payne, *Manuscripts*
Lesley B. Rogers, *Research*
Christopher P. Sloan, *Mission Programs*
David C. Whitmore, *Design*
Margaret G. Zackowitz, *Departments*

INTERNATIONAL EDITIONS
Amy Kolczak, *Editorial Director*
Darren Smith, *Design Editor*
Justin Kavanagh, *Text Editor*
Julie McCord, *Text Editor*
Shannon Hibberd, *Photographic Liaison*
Angela Botzer, *Production*
Laura Ford, *Coordinator*

Maureen Flynn, *Contributing Editor, NG Maps*

REVISTA OFICIAL DA NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY "PARA A AMPLIAÇÃO E A DIFUSÃO DOS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS."

JOHN M. FAHEY, JR., *President and CEO*

EXECUTIVE VICE PRESIDENTS
Terrence B. Adamson
Linda Berkeley, *President, Enterprises*
Terry D. Garcia, *Mission Programs*
John Q. Griffin, *President, Magazine Group*
Nina D. Hoffman, *President, Books and School Publishing Group*
Betty Hudson, *Communications*
Christopher A. Liedel, *CFO*

BOARD OF TRUSTEES
Gilbert M. Grosvenor, *Chairman*

INTERNATIONAL PUBLISHING
Robert W. Hernandez, *Senior Vice President*
Cynthia Combs, Lona Fenik, Gretchen Franke, Cynthia Ghatibouo, Katie Hayes, Christina Higgins, Patricia Hill, Amy Johnson, Koray Kotan, Maeve Lee, Diana Z. Lenkovna, Jennifer Liu, Rachel C. Love, Howard Payne, John Robertson, Desiree Sullivan

COMMUNICATIONS
Sarah Clark, *Director, International Media Relations*

RESEARCH AND EXPLORATION COMMITTEE
Peter H. Raven, *Chairman*
John M. Francis, *Vice Chairman*
Keith Clarke, Steven M. Colman, Scott V. Edwards, Philip Gingerich, William L. Graf, Nancy Knowlton, Dan M. Martin, Scott E. Miller, Jon Nilman, Stuart L. Pimm, Elsa M. Redmond, Bruce D. Smith, Patricia C. Wright, Melinda A. Zeder

EXPLORERS-IN-RESIDENCE
Robert Ballard, Wade Davis, Jared Diamond, Sylvia Earle, J. Michael Fay, Zahi Hawass, Beverly Joubert, Derek Joubert, Louise Leakey, Meave Leakey, Johan Reinhard, Paul Sereno, Spencer Wells

A National Geographic Society foi fundada em Washington, DC, como organização científica e educacional sem fins lucrativos. Desde 1888, a Sociedade patrocinou mais de 8 mil explorações e pesquisas, aumentando assim nossos conhecimentos a respeito da terra, do mar e do céu.

COPYRIGHT © 2007 National Geographic Society
Todos os direitos reservados. A National Geographic e a moldura amarela da capa são Marcas Registradas (R). A Revista National Geographic não se responsabiliza por materia editorial não solicitado.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

EDITORA Abril
CENTENÁRIO VICTOR CIVITA
1907 - 2007

Roberto Civita, PRESIDENTE E EDITOR
Jairo Mendes Leal, Mauro Calliari, VICE-PRESIDENTES

Roberto Civita (Presidente),
Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente),
José Roberto Guzzo, CONSELHO EDITORIAL

Sidnei Basile, DIRETOR SECRETÁRIO EDITORIAL E DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS
Thais Chede Soares B. Barreto, DIRETORA CORPORATIVA DE PUBLICIDADE

Abril

Roberto Civita, PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Giancarlo Civita, PRESIDENTE EXECUTIVO
Douglas Duran, Marcio Ogliara, VICE-PRESIDENTES

www.abril.com.br

DO EDITOR

Cleve Anseth e seu filho usam o chapéu adotado pelos peões do Oregon.

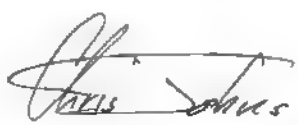
Estou encostado à parede de um bar em Williams Lake – típico vilarejo de vaqueiros na província canadense da Colúmbia Britânica –, esperando por dois irmãos que vão me levar a pescar, quando um jovem se aproxima. Estamos vestidos da mesma maneira: chapéu de peão, botas, camisa listrada, jeans e cinto com fivela grande. "Você é de NATIONAL GEOGRAPHIC, não?", pergunta ele. "Como descobriu?", respondo surpreso. "Porque está com um chapéu diferente daquele que se usa por aqui."

Ligeiramente constrangido, examino os clientes do bar e noto que ele tem razão. Estou usando um gasto Stetson preto que comprei anos atrás em Pendleton, no Oregon. Não há nenhum outro chapéu parecido no salão.

O rapaz então contou-me que, quando chega alguém em busca de trabalho nas fazendas, os moradores sabem de onde vem ao examinar chapéu, botas, fivela, corda, sela, arreio e freio dele.

O equipamento que carregam é revelador, e tudo ali tem sua função. "Se não é útil, nem vale a pena usar", comenta Colter Schlosser, um peão da Columbia Britânica. Neste edição, Robert Draper e Robb Kendrick decifram os códigos de elegância de um peão canadense e a aparência severa de seu equivalente texano. De forma nenhuma os caubóis e seus equipamentos ficaram parados no tempo. Uns e outros evoluem para se adaptar aos requisitos econômicos e ao avanço tecnológico. Se o gado já está sendo identificado com chips digitais, há certas coisas que parecem imutáveis – como a forma reveladora de um chapéu.

Basta perguntar a um peão de Williams Lake.



ROBB KENDRICK

EDITORA Abril

EM SÃO PAULO: REDAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA: av. das Nações Unidas, 7221, 1º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5891
PUBLICIDADE SÃO PAULO: www.publiabril.com.br
CLASSIFICADOS: tel. 0800-7012066
GRANDE SÃO PAULO: tel. (11) 3037-5000

ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE:
CENTRAL-SP 1º tel. (11) 3037-6564 BAURU: Gnottos Midia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0376, e-mail: gnottos@gnottosmidia.com.br BELÉM: Midiasolution Belém, tel. (91) 3222-2303, e-mail: ana.midiasolution@veloxmail.com.br BELO HORIZONTE: ESCRITÓRIO tel. (31) 3282-0630, fax (31) 3282-0632 REPRESENTANTE TRIÂNGULO MINEIRO: F&C Campos Consultoria e Assessoria Ltda., telefax (16) 3620-2702, cel. (16) 8111-8459, e-mail: fmc.rep@mensite.com.br BLUMENAU: M. Marchi Representações, tel. (47) 3328-3820, fax (47) 3329-6191, e-mail: mauro@mmarchiabril.com.br BRASÍLIA ESCRITÓRIO: tels. (61) 3315-7564/55/56/57, fax (61) 33.5-7588 BRASÍLIA: Carvalhaw Marketing Ltda., tels. (61) 3426-7342/3223-0736/3225-2946/3223-7778, fax (61) 3321-1943, e-mail: starmkt@uol.com.br CAMPINAS: CZ Press Com. e Representações, telefax (19) 3233-7175, e-mail: czpress@czpress.com.br CAMPO GRANDE: Josimar Promoções Artísticas Ltda., tel. (67) 3382-2 39, e-mail: karen@josimarpromocoes.com.br CUIABÁ: Agronegocios Representações Comerciais, tels. (65) 9235-7446, e-mail: lucianoolivet@uol.com.br CURITIBA, ESCRITÓRIO tel. (41) 3250-8000/8030/8040/8050/8080, fax (41) 3252-7110 CURITIBA REPRESENTANTE: Via Mídia Projetos Editoriais e Mkt. e Repres. Ltda., telefax (41) 3234-1224, e-mail: viamidia@viamidiapr.com.br FLORIANÓPOLIS: Interação Publicidade Ltda., tel. (48) 3232-1617 fax (48) 3232-1782, e-mail: fgorgonio@interacaoabril.com.br FORTALEZA: Midiasolution Acores e Negoc., telefax (85) 3264-3939, e-mail: simone.midiasolution@veloxmail.com.br GOIÂNIA: Middle West Representações Ltda., tels. (62) 3215-5188, fax (62) 3215-5007, e-mail: publicidade@middlewest.com.br MANAUS: Paper Comunicações, telefax (92) 3656-7568, e-mail: paper@internet.com.br MARINGÁ: Atitude de Comunicação e Representação, telefax (44) 3028-6989 e-mail: marlene@atituderep.com.br PORTO ALEGRE: Escritório tel. (51) 3327-2850, fax (51) 3327-2855 PORTO ALEGRE REPRESENTANTE: Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., telefax (51) 3328-1344/3823/4954, e-mail: ricardo@printsul.com.br RECIFE: MultiRevistas Publicidade, telefax (81) 3327-1587 e-mail: multirevistas@uol.com.br RIBEIRÃO PRETO: Gnottos Midia Representações Comerciais, tel. (16) 39 1-3025, e-mail: gnottos@gnottosmidia.com.br SALVADOR: AGMN Consultoria Public. e Representação, tel. (71) 3311-4999, fax. (71) 330-4960, e-mail: abrilagm@uol.com.br VITÓRIA: ZMR Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952, e-mail: samuel@zambramkt.com

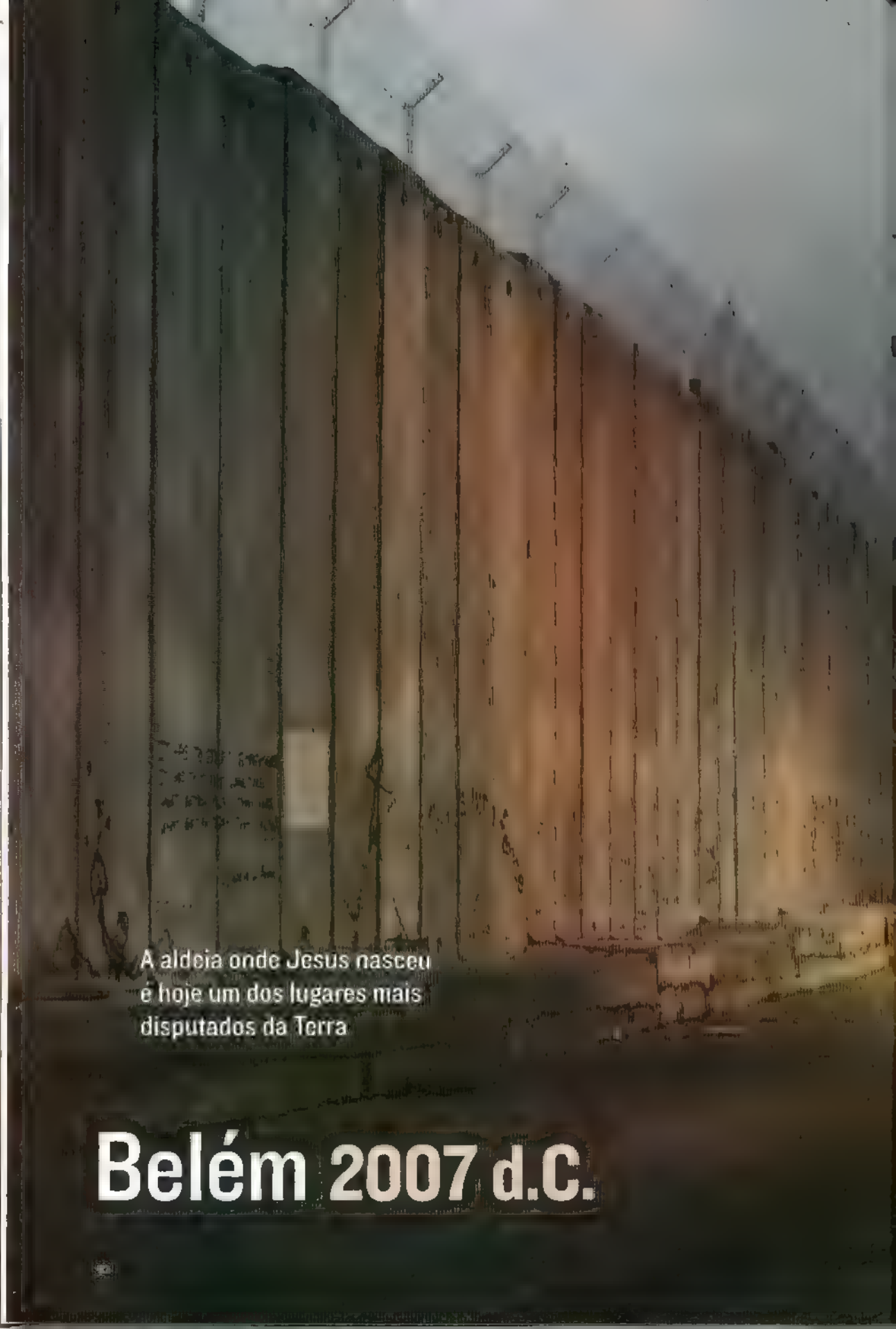
PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
VEJA: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Regionais
NÚCLEO NEGÓCIOS: Exame, Exame PME, Você S/A
NÚCLEO TECNOLOGIA: Info, Info Corporate
NÚCLEO INFORMAÇÃO: Revista da Semana
NÚCLEO CONSUMO: Boa Forma, Elle, Estilo, Manequim, Revista A
NÚCLEO COMPORTAMENTO: Claudia, Gloss, Nova
NÚCLEO SEMANAIS DE COMPORTAMENTO: Ana Maria, Faça e Venda, Sou Mais Eu!, Viva Mais!
NÚCLEO BEM-ESTAR: Bons Fluidos, Saúde!, Vida Simples
NÚCLEO JOVEM: Almanaque Abril, Aventuras na História, Bizz, Capricho, Guia do Estudante, Loveteen, Mundo Estranho, Superinteressante
NÚCLEO INFANTIL: Atividades, Disney, Recreio
NÚCLEO HOMEM: Men's Health, Playboy, Vip
NÚCLEO CASA E CONSTRUÇÃO: Arquitetura e Construção, Casa Claudia
NÚCLEO CELEBRIDADES: Bravo!, Contigo!, Minha Novela, Tititi
NÚCLEO MOTOR ESPORTES: Frota S/A, Placar, Quatro Rodas
NÚCLEO TURISMO: Guias Quatro Rodas, National Geographic, Viagem e Turismo
FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA: Nova Escola

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL nº 93 (ISSN 1517-7211), ano 7, dezembro de 2007, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. EDIÇÕES ANTERIORES: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca + despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL não admite publicidade redacional.

PARA ASSINAR: GRANDE SÃO PAULO: 3347-2121
DEMAIS LOCALIDADES: 0800-7752828
WWW.ASSINEABRIL.COM.BR
SERVIÇO AO ASSINANTE: GRANDE SÃO PAULO: 5087-2112
DEMAIS LOCALIDADES: 0800-7752 12
WWW.ABRILSAC.COM

TRABALHE CONOSCO
WWW.ABRIL.COM.BR/TRABALHECONOSCO

IVC FIPP ANER



A aldeia onde Jesus nasceu é hoje um dos lugares mais disputados da Terra

Belém 2007 d.C.

O muro erguido por Israel transformou em beco sem saída uma antes movimentada rua comercial da cidade. Os palestinos consideram-se presos, mas, do outro lado, os colonos judeus se sentem mais seguros.

Fortes na fé, porém não em número, cristãos palestinos assistem a uma missa na gruta da Igreja da Natividade, para eles o lugar onde Jesus nasceu. Há um século os cristãos eram 90% da população de Belém. Agora são menos de um terço e continuam a sair da cidade.

Por Michael Finkel
Fotos de Christopher Anderson

Não foi assim que Maria e José entraram em Belém.

mas, hoje, não há outro jeito. É preciso esperar diante do muro, uma intimidante barricada de concreto da altura de três andares guarnecida de arame farpado. Soldados armados com fuzis de assalto examinam os papéis. Revistam o veículo. Por ordem militar, nenhum civil israelense pode entrar. E poucos residentes em Belém têm permissão para sair – a razão de ser do muro, segundo Israel, é manter os terroristas fora de Jerusalém.

Apenas 9,5 quilômetros separam Belém de Jerusalém, mas, na geografia condensada e intratável da região, é como se estivessem em reinos diferentes. Pode demorar um mês para um cartão-postal ir de uma cidade a outra. Belém fica na Cisjordânia, em terras que Israel tomou em 1967, na Guerra dos Seis Anos. É uma cidade palestina: a maioria de seus 35 mil habitantes é muçulmana. Em 1900, mais de 90% eram cristãos. Hoje, essa parcela caiu para cerca de um terço, e vem minguando à medida que os cristãos partem para a Europa ou para as Américas. No mínimo 12 homens-bomba vieram da cidade e do distrito circundante. Belém, a "aldeia" venerada do Natal, é um dos lugares mais disputados do planeta.

Dada a autorização para entrar, uma porta de aço deslizante, parecida com as de um trem de carga, abre-se com rangido. Os soldados dão passagem, e o motorista atravessa a brecha temporária no muro. E então, rilhando nos trilhos, a porta se fecha com estrondo. Eis Belém.

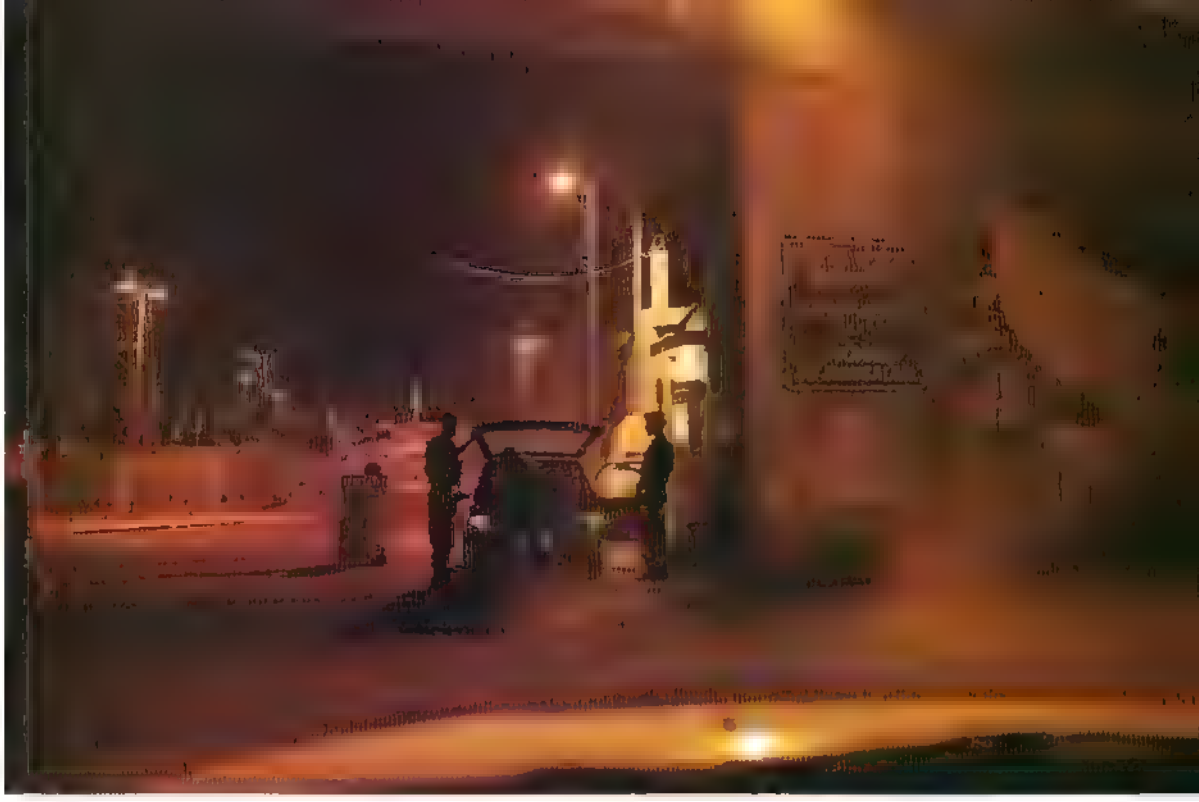
A cidade fica na escabrosa orla do deserto da Judéia. A vegetação é esparsa, e as casas mais antigas, feitas de pedras de um amarelo desmaiado, ladeiam espremidas as vielas íngremes. Alguns táxis decrépitos circulam, chamando passageiros a buzinadas. Num quiosque, carne de carneiro gira no espeto, pingando gordura. Homens sentados em cadeiras de plástico bebem o forte café árabe em copinhos. Paira um cheiro de lixo não coletado. Subindo o morro, pode-se ver a extensão do muro e avaliar sua contínua expansão: uma serpente verde, segmentada de guaritas cilíndricas, cingindo metodicamente Belém.

Muros adentro, há três campos de refugiados palestinos: blocos de apartamentos exíguos e amontoados a esmo. As ruelas do acampamento são decoradas com centenas de cartazes de mártires – moços de olhar fixo e impassível, alguns empunhando fuzis. Muitos são vítimas das Forças de Defesa de Israel. Outros explodiram a si mesmos em algum shopping, restaurante ou ônibus israelense. O texto em árabe nos cartazes louva a grandiosidade desses atos.

Do outro lado do muro, dominando a crista de morros ao redor, esparramam-se assentamentos judaicos, espetados por guindastes de construção, em férvido crescimento. No fim de tarde, o Sol fulgura nas paredes das casas dessas povoações, e Belém parece cercada de brasas.

No topo da colina central de Belém está a praça da Manjedoura, calçada de paralelepípedos, defronte à igreja da Natividade. Ali a estrutura mais alta e destacada é uma mesquita. Muitas das lojas de suvenir estão de portas e janelas fechadas. São relíquias de tempos mais pacíficos. O turismo é reduzido. Os peregrinos religiosos entram e saem levados por guias – uma rápida parada na praça e uma partida apressada morro abaixo para atravessar o muro e voltar a Jerusalém. Os hotéis vivem às moscas. Poucos visitantes pernoitam. O desemprego em Belém, pela estimativa do prefeito, anda em 50%, e muitas famílias não sabem se irão comer no dia seguinte.

A igreja da Natividade fica quase escondida. Parece uma fortaleza de pedra, com paredes grossas, impenetráveis, e fachada austera. Talvez por



No Posto de Controle 300, única passagem entre Belém e Jerusalém, soldados israelenses revistam um carro que sai da cidade. Para um palestino poder atravessar a porta de aço, fortemente guardada, só com autorização israelense, coisa rara de obter.

isso mesmo tenha sobrevivido por 14 séculos: Belém não é lugar para delicadezas arquitetônicas. Estar plantada na encruzilhada do mundo – a movimentada intersecção de Europa, Ásia e África – significa perpétua hora do rush dos exércitos invasores. A igreja sobreviveu a conquistas de pérsios, bizantinos, muçulmanos, cruzados, mamelucos, otomanos, jordanianos, britânicos e forças israelenses. A porta de entrada foi sendo diminuída com o passar dos séculos, talvez para impedir o acesso a cavalos e camelos dos viajantes, até ser apenas uma abertura minúscula. Para passar ali, é preciso quase dobrar o corpo ao meio.

O interior da igreja, fresco e escuro, é tão severo quanto o exterior. Quatro fileiras de colunas em uma nave aberta conduzem ao altar principal. Em vez de bancos, um amontoado de cadeiras dobráveis baratas. Mas sob o altar, descendo um lance de desgastados degraus de calcário, há uma pequena caverna. Nas áreas rurais de Belém, hoje como há 2 mil anos, as grutas são usadas como estábulo. As manjedouras são esculpidas na rocha. Aqui, bem no centro desse lugar volátil, rodeada de assentamentos judeus, aprisionada em um muro, circundada por campos de refugiados, enfurnada no subsolo de uma igreja antiquíssima, há uma estrela prateada. Nesse lugar, acredita-se, Jesus nasceu.

Algumas pessoas que encontramos em Belém citam a *Bíblia*, outras recitam o *Corão*, outras ainda entoam a *Torá*. Há quem nos mostre sua plantação, quem aponte seus olivais; uns invocam a história, outros visualizam o futuro. Alguns oram ajoelhados, outros com a testa no chão. Há os que atiram pedras, os que dirigem tanques e os que se embrulham em explosivos. Mas em essência, descartando todo o ódio, a política e as guerras que abalaram o planeta, a coisa de que mais se fala, em se tratando de Belém, é terra. Um fiapo de terra. Um pedacinho de chão varrido pelo vento, sedento de água, juncado de rochas.

OS JUDEUS CHEGARAM PRIMEIRO. Assim diz o rabino. Menachem Froman, o rabino, mora no assentamento judaico de Tekoa, uma coleção de casas de pedra esbranquiçada, encimada por telhado vermelho, muitas delas com carrinhos duplos de bebê na varanda. Tekoa tem 1,5 mil habitantes. Do lado norte do assentamento, Froman pode ver toda Belém; o chamado muçulmano à oração

Igrejas fulguram no bairro antigo de Belém. O monte a distância marca o local da fortaleza de Herodes, o Grande, governante da Judéia no início da era cristã. Como um sinal da fé hoje dominante, o minarete da mesquita de Omar ergue-se sem luz na praça da Manjedoura.

chega pelos ares cinco vezes por dia. Ao sul ficam os pardacentos outeiros calvos do deserto judaico, onde Jesus teria jejuado por 40 dias. Também ao sul ficam as fundas ravinas que, numa queda insondável, se precipitam abaixo do nível do mar – nesse lugar até o terreno parece desafiar a razão – e continuam seu mergulho até o ponto mais baixo do planeta, o mar Morto.

"Esta não é só uma terra", diz Froman, homem de barbas brancas que jorram do queixo revoltas como corredeira de rio. "É a Terra Santa. Não tem petróleo, nem ouro nem diamantes. É um deserto! Mas este é o palácio de Deus." Froman tem 62 anos e pode contar 17 gerações de rabinos em sua família. Ele é da 18ª. Seu filho também é rabino.

Ele nasceu em terras hoje israelenses, mas que eram então, durante a Segunda Guerra Mundial, conhecidas como o Mandato Britânico na Palestina (os britânicos começaram a governar a região em 1922, após o colapso do Império Otomano). Terminada a Segunda Guerra, na esteira do holocausto, as Nações Unidas determinaram a divisão da região em dois Estados, um judeu, o outro árabe. Os judeus aceitaram o plano, mas os árabes não. A luta entre árabes e judeus começou antes mesmo de Israel declarar sua independência, em 1948; e a guerra decorrente resultou na fuga de 750 mil palestinos de suas povoações nativas, muitos deles forçados pelo Exército israelense. Boa parte mudou-se para a Cisjordânia, a região da margem ocidental do rio Jordão, administrada pela Jordânia, ou para a Faixa de Gaza, governada pelo Egito. Esses foram os primeiros refugiados palestinos.

Em 1967, Israel derrotou as forças militares de Egito, Jordânia, Síria, Iraque e Líbano em seis caóticos dias e ocupou, entre outros territórios, a Cisjordânia, lugar que muitos israelitas chamam pelos nomes bíblicos, Judéia e Samaria. Isso deu início ao movimento de colonização: judeus passaram a estabelecer assentamentos por todo o território. Menachem Froman foi um dos primeiros a ir. Ele acredita, assim como muitos colonos, que o direito dos judeus a Judéia e Samaria está expresso no Antigo Testamento. Eles são os donos.

Michael Finkel é o autor do texto sobre a malária na edição de julho de 2007. Christopher Anderson foi escolhido o fotógrafo do ano em revistas em 2006 nos EUA por seu trabalho em Gaza, Venezuela e Líbano.

No distrito de Belém, que inclui a cidade e as povoações vizinhas, há cerca de 180 mil palestinos, dos quais uns 25 mil são cristãos (praticamente todos moram na zona urbana de Belém e em duas cidades-satélite, Beit Jala e Beit Sahur). Inseridos nesse mapa estão 22 assentamentos judaicos, com uma população que já beira 80 mil colonos, e no mínimo mais 12 acampamentos de posseiros, conhecidos como "postos avançados". Muitos deles não passam de um amontoado de trailers estropiados dispostos em roda.

Basta olhar pela janela de sua casa em Tekoa para Froman ver por que todos anseiam por um pedaço dessa terra. Para os judeus que ainda esperam seu messias, Froman garante ser possível que ele chegue bem ali, nos erodidos confins de Belém, onde é palpável a presença de Deus no vento abrasivo do deserto. Para os cristãos que anseiam pelo retorno de seu messias, por que ele não voltaria ao local em que nasceu? Os muçulmanos não acreditam em nenhum messias – só existe Alá, só Deus –, mas os muçulmanos palestinos também veneram essa terra, pois Jesus é um dos profetas do Islã. Além disso, Belém e a Cisjordânia circundante, bem como a Faixa de Gaza e Jerusalém, são a região onde eles esperam estabelecer uma pátria viável.

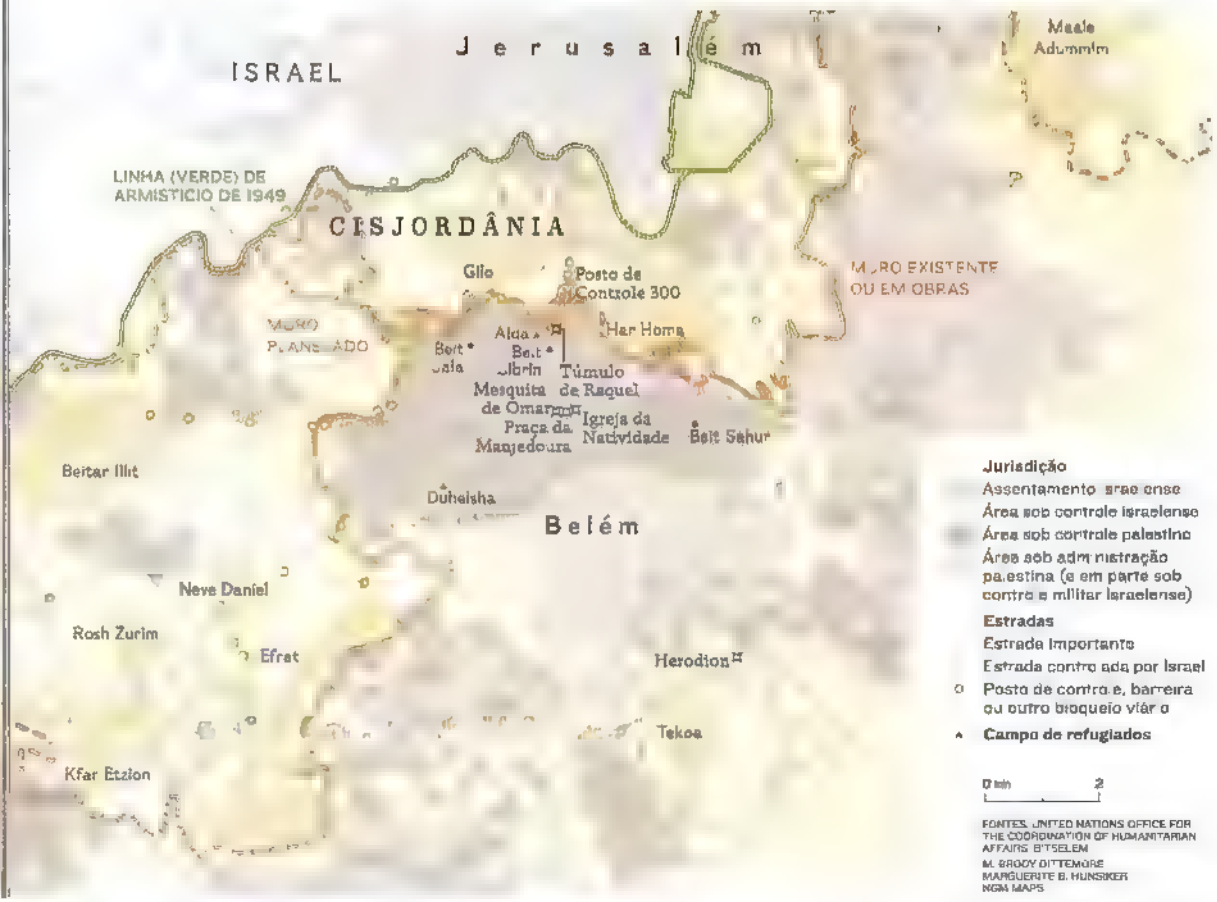
As Nações Unidas, a União Européia e a Corte Internacional de Justiça declararam ilegais os assentamentos israelenses: eles violam a Convenção de Genebra, que proíbe aos países ocupantes permitir a seus cidadãos povoar um território ocupado. Mas o governo israelense facilita o crédito para quem procura moradia nos assentamentos da Cisjordânia. Um dos maiores na área de Belém é Har Homa. Seus reluzentes arranha-céus erguem-se tão próximos de Belém – logo do outro lado do muro – que dão a impressão de ser possível estender o braço numa esquina palestina para chamar um táxi em Har Homa. O local agora é um bairro residencial desenvolvido, habitado por 2 mil israelenses. Cerca de metade dos colonos não se considera religiosa, e os anúncios imobiliários de Har Homa salientam as vantagens temporais da cidade: preços módicos, ótima localização, facílimo acesso a Jerusalém!

Har Homa é exemplo da estratégia israelense conhecida como *facts on the ground* (fatos na terra): quanto mais judeus viverem em uma área concentrada no lado leste da chamada Linha Verde – a linha de armistício estabelecida em 1949 após a guerra da independência de Israel –, mais provável será essa área tornar-se parte de Israel se a região for dividida em dois países. Os palestinos ainda se referem a Har Homa pelo nome original, Jabal Abu Ghuneim – em árabe, "montanha do pastor". Esse já foi um dos últimos espaços abertos em Belém, uma encosta sombreada por pinheirais onde os pastores cuidavam de seus rebanhos desde tempos bíblicos. As obras começaram em 1997; o terreno foi nivelado e se encheu de prédios. Nenhum palestino que tinha terras ali foi indenizado. O novo nome do lugar significa "montanha murada", em hebraico.

Os assentamentos são projetados para parecer tranqüilos oásis residenciais, mas não são. A presença de colonos tão próximo a cidades palestinas faz deles alvos de hostilidade exacerbada. Tantas pedras estilhaçaram pára-brisas de carros que muitos colonos substituíram o vidro por plástico resistente a pedradas. Antes do muro, balas perdidas vindas do nível da rua às vezes atingiam os apartamentos. No assentamento de Efrat, algumas colinas depois de Tekoa, um homem-bomba explodiu-se dentro de um centro médico. Outro foi fuzilado quando estava prestes a se explodir no supermercado do assentamento. Foi morto não por um soldado, mas por um colono.

"Dá para imaginar Belém sem nenhum cristão? Pois vá imaginando, porque em alguns anos isso poderá ser realidade."

"Nossos filhos já presenciaram mais funerais que a maioria das pessoas já viu durante a vida inteira", diz Sara Bedein, mãe de seis crianças, moradora de Efrat. "Todos os meus filhos têm amigos, vizinhos ou colegas de escola que foram mortos." Sara usa um lenço de cor viva na cabeça – as judias ortodoxas, como as muçulmanas tradicionais, não mostram o *(Continua na página 66)*


Jerusalém
ISRAEL
Maale Adummim
LINHA (VERDE) DE ARMISTÍCIO DE 1949
CISJORDÂNIA
MURO EXISTENTE OU EM OBRAS
Gilo
Posto de Controle 300
MURO PLANEJADO
Aida
Beit Jala
Har Homa
Beit Sahur
Belém
Beitar Illit
Duheisha
Neve Daniel
Rosh Zurim
Efrat
Herodion
Tekoa
Kfar Etzion
Jurisdição
Assentamento israelense
Área sob controle israelense
Área sob controle palestino
Área sob administração palestina (e em parte sob controle militar israelense)
Estradas
Estrada importante
Estrada controlada por Israel
Posto de controle, barreira ou outro bloqueio viário
Campo de refugiados
0 km
2
FONTES: UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS; B'TSELEM
M. BRODY DITTEMORE
MARGUERITE B. HUNSIKER
NGM MAPS

Belém emparedada

O muro de 7 metros de altura que cerca Belém de três lados serve de parede para pichações desafiadoras (acima). Ele é parte de uma barreira de 724 quilômetros, mais da metade já concluída, que anexará 10% da Cisjordânia quando circundar dezenas de assentamentos judaicos a leste da Linha Verde. Agricultores palestinos com terras no lado israelense têm de obter permissão para cuidar de suas plantações. Mesmo dentro do muro, um pastor (acima, à esquerda) está sujeito a deparar com postos de controle.

Críticos apontam a barreira como usurpação de terras visando criar novas fronteiras para Israel. Autoridades israelenses a defendem como obstáculo aos homens-bomba, e citam a diminuição dos ataques desde que a construçao começou em 2003, sobretudo em Jerusalém (gráfico abaixo). Mas especialistas ponderam também as operações de prisão de suspeitos de terrorismo e o fato de os líderes palestinos terem proibido explosões suicidas.

Ataques suicidas, por mês que resultaram em mortes de israelenses.

cabelo em público. Ela conta que, depois de uma bomba jogada contra um ônibus escolar ter arrancado as pernas de três jovens estudantes e matado dois professores, sua filha e os colegas passaram a sentar-se de pernas cruzadas sobre o banco do veículo, na esperança de que isso reduza a probabilidade de perder os membros em um ataque. Apesar de tudo, se perguntarem a Sara por que sua família não se muda do território ocupado, a resposta é imediata e inequívoca: "Adoramos este lugar". Ela adora a vista, o ar da montanha, o forte espírito comunitário dos colonos.

Muitos colonos andam armados: são xerifes em sua própria versão do Velho Oeste. Alguns entram assim até na sinagoga e, quando erguem os braços para orar e suplicar a Deus, evidenciam, com a inconfundível centelha de um revólver no coldre, que a proteção buscada não é só a divina.

Em suas breves caminhadas pelo deserto, Seth Mandell leva seu Glock de 9 milímetros na pochete. Mandell vive em Tekoa, a duas ruas da casa do rabino Froman. Sua caminhada tornou-se um ritual de luto. Ele desce uma trilha íngreme e escorregadia, pintalgada de flores silvestres encarnadas: rajadas de cor no deserto pardacento. Algumas pombas sobrevoam em círculos. Pombas no céu, ramos de oliveira embaixo.

Os palestinos sentiram a ocupação israelense como uma série de humilhações – um povo altivo reduzido a depender de seu odiado inimigo.

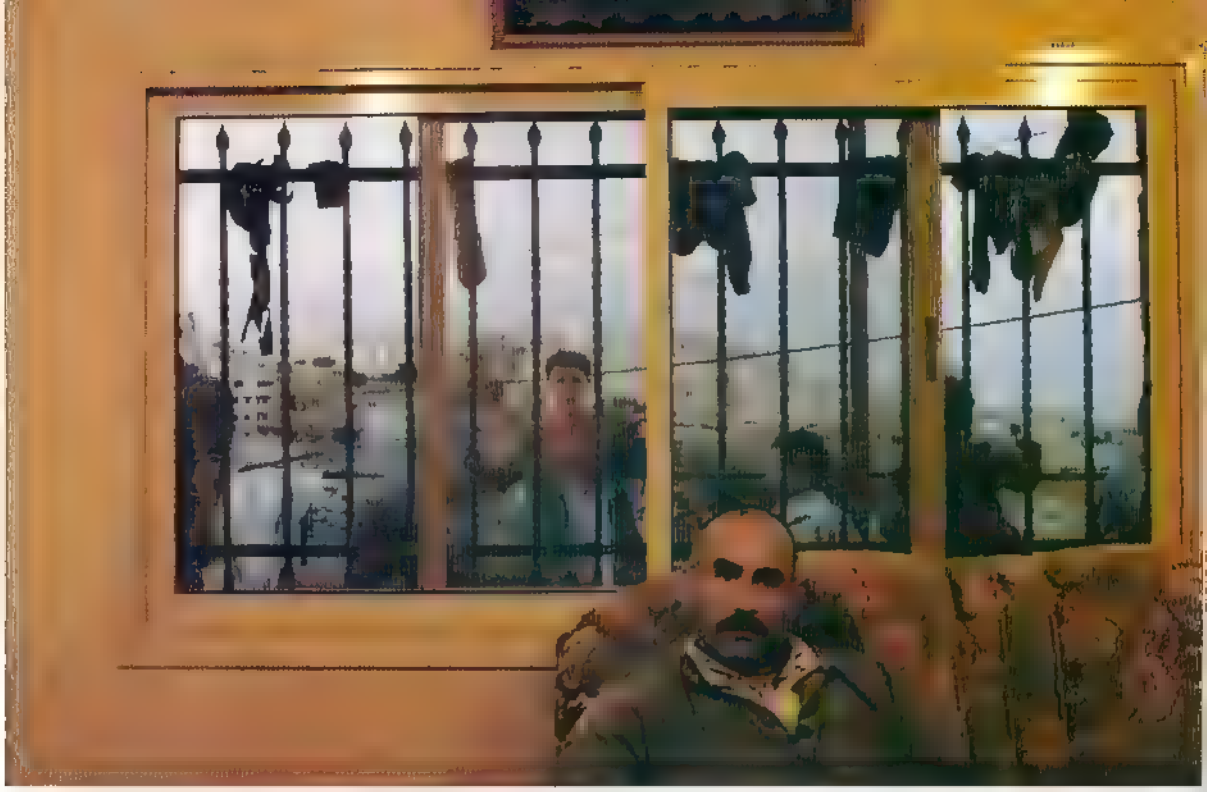
Mandell segue para uma pequena gruta em um lugar tranqüilo. Monges meditam ali desde o século 15, conta ele. Não é de admirar, então, que um garoto de 13 anos se inspirasse para explorar o local. O menino era Koby Mandell, filho de Seth. Um dia, em maio de 2001, ele matou aula com seu amigo Yosef Ishran, de 14 anos, também de Tekoa. Passaram algum tempo naquela caverna de teto baixo, talvez sentados na sombra fresca, contemplando a vista espetacular de um desfiladeiro rochoso de paredes ressequidas que mergulham serenas no leito seco de rio lá embaixo.

Caiu a noite, e os meninos não voltaram para casa. Começaram as buscas. Chegaram soldados. Na manhã seguinte, encontraram Koby e Yosef na caverna. Haviam sido mortos a pedradas. Seu sangue manchava as paredes. Ao lado dos corpos estavam as lancheiras, com sanduíches intactos e garrafas d'água. Os assassinos nunca foram achados. A dor que Seth Mandell sente nessas caminhadas parece emanar dele como ondas de calor na calçada. Mas Mandell diz que ele e sua família – a mulher e outros três filhos – não pretendem partir. Fala como o rabino Froman. E como muitos colonos. Sua ligação espiritual, emocional e cultural com essa terra é profunda. "Partir seria deixar para trás uma parte de mim", diz ele.

MIL ANOS ANTES do nascimento de Cristo, Belém era conhecida como a cidade de Davi. Ali nascera o rei Davi, líder judeu que ganhou respeito graças a uma célebre luta: derrotou Golias, matando-o com uma pedrada de estilingue. O gigante, segundo o Antigo Testamento, tinha "seis côvados e um palmo" de altura, cerca de 3 metros. Golias era filisteu, e seu povo era inimigo dos judeus. Da palavra filisteu (ou seu sinônimo, filistino) derivou o atual "palestino", embora a ligação seja apenas etimológica, e não genética.

Os judeus, ainda que raramente no poder, foram o grupo mais populoso na região durante séculos. Mas no primeiro século da era cristã, após uma série de governantes incompetentes e de derrotas pelo Exército romano, os judeus foram expulsos da Terra Santa. Nos 2 mil anos seguintes, espalharam-se pelo mundo – a Diáspora –, mas nunca deixaram de rezar pelo retorno.

Nesse meio tempo, o cristianismo ganhou relevo. Parece puro acaso Jesus ter nascido em Belém. Afinal de contas, ele é Jesus de Nazaré, uma cidade 145 quilômetros a norte. Alguns arqueólogos e historiadores têm dúvidas quanto a muitos detalhes da história do Natal, entre eles o de que Jesus nasceu em Belém da Judéia. Existe uma pequena povoação também chamada Belém mais próxima de Nazaré, e há quem acredite que foi nela que Jesus nasceu. (Em hebraico, Belém significa "casa do pão", e poderia referir-se a qualquer lugar com um moinho de cereais.)



Avistando pela janela o assentamento judeu de Har Homa, Abdullah Abu Sheirah aguarda a volta do filho, preso em Israel sob a acusação de ajudar um grupo terrorista. Jovens penduram bandeiras palestinas para a festa pela libertação do detento.

No Novo Testamento, no Evangelho de Lucas, todavia, está dito que o imperador César Augusto mandara fazer um recenseamento, e por isso todos deveriam voltar à cidade natal a fim de alistar-se. José descendia do rei Davi, e, apesar de sua mulher estar quase no fim da gestação, eles concluíram a viagem em Belém. "Porque não havia lugar para eles na hospedaria", diz a célebre frase do Evangelho de Lucas, em que Jesus nascera no meio de animais, talvez na gruta sobre a qual seria depois construída a igreja da Natividade.

O governante da Judéia, rei Herodes, alarmou-se ao ouvir que nascera um novo rei e potencial rival, diz o Evangelho segundo Mateus. Por isso, mandou seus soldados matarem todos os meninos com menos de 2 anos. Maria e José fugiram com Jesus para o Egito, mas milhares de crianças foram massacradas, consta no relato.

No quarto século, o cristianismo era a religião oficial do Império Romano, e Belém rapidamente se tornou um de seus lugares mais sagrados. Em 326, Helena, mãe de Constantino, o primeiro imperador cristão, viajou para Belém e pouco depois seu filho ordenou a construção da igreja da Natividade original. (A igreja foi destruída durante um levante 200 anos depois, mas logo reconstruída. A segunda versão, concluída em meados do século 6, ainda permanece.) A visita de Helena e uma injeção de dinheiro imperial desencadearam um afluxo de peregrinos, e logo havia dezenas de mosteiros no deserto próximo.

Chegaram então os muçulmanos. No começo do século 7, um comerciante chamado Muhammad, morador de Meca, em terras da atual Arábia Saudita, ouviu uma voz que ele supôs ser do anjo Gabriel. A voz lhe disse: "Recite". Muhammad decorou as palavras que se seguiram, e essas revelações tornaram-se o *Corão*, que, em árabe, significa "recitação". Um século após a morte de Muhammad, em 632, sua religião – o islamismo – já se difundira por todo o Oriente Médio.

Por séculos Belém permaneceu uma ilha cristã em um mar muçulmano sempre crescente. Refugiados palestinos da guerra de 1948 aumentaram a parcela de muçulmanos na área, mas Belém permanecia majoritariamente cristã. Em 1967, entretanto, a vitória de Israel mais uma vez alterou as características da cidade. Colonos judeus começaram a instalar-se na Cisjordânia ocupada; os cristãos, que haviam começado a fugir para

Muitos olham e poucos compram em um mercado no centro de Belém, cidade às voltas com 50% de desemprego. Restrições a viagens reduziram as chances de emprego em Israel. Também diminuíram as remessas de maçãs e outros gêneros da Cisjordânia para Jerusalém.

terras mais seguras durante a Segunda Guerra, acceleraram seu êxodo; e militantes palestinos iniciaram os ataques a alvos militares e civis. Na mesma região onde Jesus um dia combateu os filisteus, agora eram israelenses contra palestinos.

ANTES DE SUMIREM todas as aparências de normalidade, o restaurante Al-Amal, pegado à praça da Manjedoura, costumava encher-se de fregueses judeus. Iam ali comer *falafel*, um bolinho de favas temperado com tahine e salsa, e sanduíches fresquinhos de *shawarma*: carne de carneiro envolta em fibras quentes de pita. Judeus também iam fazer compras em Belém, célebre por produzir as melhores hortaliças da região.

Mas os palestinos sentiram a ocupação israelense como uma série de humilhações – um povo altivo reduzido a depender de seu odiado inimigo, à mercê da lei militar israelense, proibido de ter um aeroporto e forçado a pagar tributos à autoridade ocupante. Em 1987, depois de duas décadas desse tratamento, teve início a intifada, ou levante (a tradução literal da palavra é "sacudir").

Os assentamentos são projetados para parecer tranqüilos oásis residenciais, mas não são. A presença de colonos transforma-os em alvo.

Jovens palestinos atiravam pedras contra os tanques israelenses: uma versão moderna de Davi e Golias, com papéis trocados.

A intifada empurrou os dois lados para a mesa de negociação, e os Acordos de Oslo foram assinados em 1993. Mas tanto os israelenses como os palestinos achavam que as cláusulas não estavam sendo cumpridas pelo outro lado. Em 2000 começou um segundo levante palestino, dessa vez mais brutal. Houve ataques a colonos e aumentou a freqüência de explosões de homens-bomba. As forças israelenses bombardearam cidades palestinas e colonos atacaram aldeões e agricultores palestinos. Dois anos depois, os israelenses começaram a construir a barreira. Hoje, os únicos judeus que entram em Belém são soldados, em veículos blindados, de armas em punho.

Omar Shawrieh, dono do restaurante Al-Amal, é um muçulmano de 53 anos de baixa estatura, barba bem aparada e olhos caídos sob o peso de fundas olheiras. A decoração mais em evidência no restaurante é o cartaz de um mártir: um garoto de cabelos cacheados e camiseta pólo azul-clara. "Ele está de uniforme escolar", diz Shawrieh. É o filho dele.

No outono passado, o Exército israelense entrou na praça da Manjedoura com a missão de prender um militante procurado. Os militares chegaram em um grande comboio: 12 jipes blindados e um pelotão de homens. Era começo de tarde. Mohammed Shawrieh, de 13 anos, entrou no restaurante do pai para pegar dinheiro para ir ao barbeiro. A presença dos soldados, como sempre, provocou comoção: várias pessoas começaram a atirar pedras, a violência recrudesceu e houve tiros. Mohammed, curioso, foi até a praça. Assim que notou a falta do garoto, Shawrieh desesperou-se. "Corri para encontrar meu filho", conta. "Mas eles chegaram primeiro, antes que eu o alcançasse." Mohammed foi atingido no flanco por uma bala, que perfurou seu fígado. Chegou ao hospital já morto, de hemorragia.

As Forças de Defesa de Israel (FDI) admitem que o garoto foi baleado. "Estávamos em meio a uma operação de objetivo bem específico: prender um terrorista bastante procurado", diz Aviv Feigel, tenente-coronel das FDI. "Foi uma ação muito concentrada." Segundo Feigel, atiraram coquetéis molotov e granadas nos soldados. Alguns foram feridos. Por isso, revidaram. "Talvez o garoto só estivesse olhando", pondera Feigel. "Ou talvez estivesse participando. Não investigamos. É uma situação complicada; não é um campo de batalha clássico. Todos ali usam trajes civis."

Mohammed Shawrieh foi sepultado no dia seguinte em um cemitério nas cercanias de Belém, à sombra de uma amendoeira. Em seguida houve uma manifestação e a distribuição de muitos cartazes com sua imagem de mártir. Mais tarde se afixou uma placa no local onde foi baleado, perto da igreja da Natividade, vizinho às criptas nas quais se acredita estarem enterrados os ossos das crianças mortas há 2 mil anos pelo rei Herodes.

Moradores de Beitar Illit, um assentamento de judeus haredi ortodoxos, esquivam-se de ser fotografados num ponto de ônibus. O tráfego limita-se a colonos e militares, mas mesmo assim, temerosos de um ataque, os moradores só andam de ônibus blindado.

O jogo de culpar é cíclico. Omar Shawrieh, obviamente, culpa a tática brutal do Exército israelense: atirar primeiro, sem consideração pela vida dos palestinos. O Exército argumenta que, se os terroristas não tentassem matar seus soldados, estes nem sequer teriam entrado na praça da Manjedoura. Desde o começo da primeira intifada, mais de 5,6 mil palestinos e 1,2 mil israelenses foram mortos.

Existem moderados na região: milhares de judeus, muçulmanos e cristãos que desejam forjar laços e trabalhar pela paz. Mas tamanha é a tensão em Belém que até os mais tímidos esforços – um povoado árabe que arrisca vender gêneros alimentícios a uma cidade israelense; a universidade palestina local que tenta receber um conferencista judeu – são barrados pela atroz realidade. As interações entre palestinos e israelenses reduziram-se a breves diálogos em postos de fronteira; é comum soldados israelenses ficarem encafuados em cabines à prova de balas, de vidros tão grossos que a imagem deles parece borrada.

A frustração chega ao auge nos campos de refugiados, onde ainda vivem famílias que foram arrancadas de sua casa quando Israel tornou-se nação – geração após geração presas em um limbo, destituídas de um Estado. Pergunte de onde são, e dirão o nome de uma cidade que provavelmente foi apagada do mapa de Israel. Descreverão com ternura e tristeza as águas cristalinas e os campos verdejantes de sua terra. Alguns mostram um molho de chaves enferrujado que outrora destrancava a casa em que viviam seus pais ou avós antes da existência de Israel.

"Todos no acampamento odeiam os judeus", diz Adel Faraj, de 28 anos, dono de uma minúscula loja no campo de refugiados de Duheisha, no sopé das colinas de Belém. Mais de 10 mil pessoas vivem no quarteirão de 1,3 quilômetro quadrado do campo. Ali as vielas apertadas são como colagens de pichações militantes. Crianças correm em meio a cacos de vidro. O esgoto escorre pela sarjeta. Pelo menos dois terroristas suicidas eram de Duheisha e um deles, uma moça.

Faraj vende artigos de higiene pessoal, lâmpadas e CDs. Tem rosto fino, cabelo encaracolado que gosta de pentear com gel e olhos expressivos sob um dossel de sobrancelhas negras. Mantém em sua loja um cachimbo de água, ou narguilé, e fuma tabaco com aroma de maçã o dia todo.

Faceira, Ruchama Bedein, de 7 anos, veste-se para o jantar da Páscoa judaica no assentamento de Efrat. Sua mãe, Sara, como a maioria dos colonos, acha que os judeus têm o direito de viver em terras bíblicas na Cisjordânia e de "andar pelos caminhos de nossos ancestrais".

"Se um judeu entrasse neste campo, seria morto. Com uma pedra. Ou uma faca. Ou um revólver. Fosse ele quem fosse. Judeu é judeu", diz Faraj.

"Meu amigo foi um homem-bomba", acrescenta ele, exalando e enchendo a loja de fumaça. O amigo de Faraj era Mohammad Daraghmeh, de 18 anos, que se explodiu em março de 2002 perto de uma sinagoga em Jerusalém. Matou 11 pessoas, entre elas dois bebês e uma criança pequena em seu carrinho. Enquanto fala, Faraj põe um CD no som portátil. É Bob Marley. Toca a primeira música: *Is This Love?* (Isso é amor?)

"Eu me orgulho dele", comenta Farah sobre seu amigo homem-bomba. "Ele fez uma coisa grandiosa. Os israelenses nos forçaram a essa situação. Nos deixaram sem nada. E quem não tem nada nada tem a perder."

ÀS 2 DA MADRUGADA, quase todos os dias da semana, várias centenas de homens que têm, sim, algo a perder – esposa, filhos – começam a fazer fila no lado de dentro do muro de Belém. Procuram trabalho em território israelense. Permanecem no interior de uma jaula de aço que parece uma calha de gado, esperando que os revistem, apalpem, tirem suas impressões digitais e os mandem passar pelo detector de metais. Alguns recebem ordem de despir-se. Esse processo pode levar mais de duas horas. Para receber permissão de passar pelo posto de controle, é preciso ser casado e ter ao menos um filho. Isso, espera o Exército israelense, assegurará que o homem retorne.

Existem moderados que desejam a paz. Mas tamanha é a tensão que até os mais tímidos esforços são barrados pela atroz realidade.

Muitos deles trabalham na construção civil – boa parte em assentamentos. Esperam horas na fila para poder construir casas para seus inimigos na terra que já foi deles. Recebem 35 dólares por dia. Depois, tornam a atravessar o muro de volta para casa. "Você acha que queremos isso?", diz um dos homens, Sufian Sabateen, de 35 anos. Ele tem na mão uma sacola de papel, contendo húmus e pão, e fuma um cigarro L&M. Seu rosto, endurecido pela luz forte da lâmpada de Klieg, é estóico. Falta uma hora para amanhecer. Sabeteen garante que acharia ótimo trabalhar em Belém por metade do salário, mas não há empregos. Eis como ele descreve sua semana: "Do colchão para o trabalho, do trabalho para o colchão. Minha vida não é vida".

O muro sufoca toda a população por causa das ações de uma diminuta minoria, dizem os palestinos. Eles acham que Israel está tentando estabelecer nova fronteira nacional, lacrando no lado israelense todos os melhores pedaços da terra ocupada em 1967: as áreas de assentamentos, as escassas fontes de água, os campos férteis. A cidade de Belém está sendo espremida num quadrilátero de 18 quilômetros quadrados, cercada por uma barreira de três lados.

O muro continua a crescer, e gigantescas escavadeiras, protegidas por guardas armados, abocanham terra dia e noite. Quando concluído, ele terá 724 quilômetros e em algumas partes adentrará até 24 quilômetros o território da Cisjordânia, apossando-se de 10% das terras palestinas em favor de colonos israelenses. O governo de Israel afirma que seu objetivo é apenas proteger vidas israelenses, e não redefinir a fronteira, e que, quando ocorrer uma mudança radical na política palestina em relação a Israel, o muro será demolido e as terras confiscadas serão devolvidas. O governo nem mesmo usa a palavra muro. Prefere dizer "cerca de segurança", e em muitas partes da Cisjordânia realmente a barreira é uma série de redes metálicas eletrificadas e espirais de arame farpado. Mas não em Belém. O muro ao redor de boa parte de Belém é mais alto que os paredões dos presídios israelenses.

O governo de Israel assegura que o muro está funcionando. A segunda intifada trouxe onda após onda de explosões suicidas por toda Israel, matando numerosos civis e soldados. A partir de 2003, o número de ataques caiu drasticamente, graças à construção do muro, que se dava a passos rápidos, ao aumento dos postos de controle de fronteira, a mais patrulhas e à intensificação das operações de inteligência. "Nossa vida era um

Pistoleiros mascarados, aliados do Fatah, marcham para Belém para intimidar rivais do Hamas. As duas facções palestinas coexistem na cidade. Oficialmente, Israel só negocia com o Fatah, pois o Hamas não reconhece a existência de Israel.

inferno", diz Ronnie Shaked, jornalista israelense. "Cafés explodiam, ônibus explodiam. Mas acabou. O muro é importantíssimo – ele está nos protegendo. Graças a Deus existe um muro."

Mas líderes palestinos argumentam que o paredão pouco influenciou na redução dos ataques suicidas. Dizem que as explosões pararam porque foram proibidas pelos principais grupos militantes, entre eles o Hamas, na esperança de que se reiniciem as negociações de paz. Um muro de concreto não pode deter quem está disposto a morrer, garantem os palestinos. Se os grupos militantes quisessem, poderiam mandar um homem-bomba a Jerusalém a qualquer hora do dia.

O mais poderoso político de Belém vê de outro ângulo. Salah Al-Tamari, governador do distrito de Belém, acha que o muro é uma manobra psicológica. "Os israelenses querem nos provocar, querem nos fazer perder a cabeça", diz. "Eles nos querem fora daqui." Na opinião do governador, os israelenses criaram deliberadamente essas condições insuportáveis na esperança de que todos fujam. Assim poderão ficar com a terra.

"Pois não a terão", declara Al-Tamari. Ele prediz o contrário: os israelenses acabarão derrotados. O governador explica que a pura demografia favorece os palestinos. Em média, os palestinos muçulmanos têm mais filhos por família que os judeus israelenses. "A arma nuclear deles é o útero", avalia um soldado israelense. Em 2010, o número de judeus e palestinos em Israel e nos territórios ocupados será aproximadamente igual. Depois disso haverá maioria palestina.

"Ficarei aqui, e meus filhos ficarão aqui", garante Al-Tamari. "Creio no futuro. O muro cairá, e a ocupação terminará – talvez em dez anos, talvez em 50. Não sabemos quando. Mas de uma coisa temos certeza: vamos ficar aqui, na nossa terra. Aconteça o que acontecer."

BELÉM PODE SER O BERÇO do cristianismo, mas, hoje, seus residentes cristãos estão em situação precária. Os israelenses os definem como palestinos. Os muçulmanos os consideram cristãos. Eles próprios se vêem ora como um amortecedor salva-vidas, ora como um saco de pancadas para os outros dois lados. Bernard Sabella, sociólogo cristão e membro do Parlamento palestino, diz que a comunidade cristã talvez seja a única coisa que está impedindo toda a área de implodir numa

A hora da prece chega para uma família de Belém que cuida de seu vinhedo antes que o muro divida sua terra. Atrás deles já foi limpo o terreno para a barreira que cercará o assentamento de Efrat, ao fundo, e acentuará a divisão entre israelenses e palestinos.

chacina. A mera presença de cristãos parece reduzir a escala da violência na cidade: os soldados israelenses pisam com cautela perto de lugares sagrados cristãos. A última coisa de que Israel precisa é incorrer na ira da cristandade mundial danificando uma igreja venerada.

Mas, com tudo isso, os cristãos de Belém cada vez mais se sentem forasteiros em sua própria cidade. Muitos seguem a moda ocidental: jeans apertados, decotes ousados, jóias coruscantes. Nos sábados à noite, os adolescentes vão para a balada no Cosmos, uma das únicas discotecas da Cisjordânia, onde rolam doses de tequila e danças mais ou menos apimentadas. Embora alguns muçulmanos adotem estilos modernos de vestir, a maioria das mulheres islâmicas em Belém cobre a cabeça com um lenço; outras usam o *jilbob*, túnica longa e larga feita para esconder todas as curvas. Para ambos os sexos, beber álcool em público é inadmissível. O convívio social entre cristãos e muçulmanos é raro, e quase inexistem casamentos mistos. Mas cristãos e muçulmanos trabalham lado a lado em repartições públicas, hospitais, escolas e organizações beneficentes.

Nos postos de controle, os cristãos são tratados como todos os outros residentes em Belém: com extrema desconfiança. Nem o prefeito, Victor Batarseh – por lei municipal, o prefeito de Belém tem de ser cristão –, possui permissão para permanecer no lado israelense depois das 7 da noite. "É degradante", diz Batarseh. "Quando me convidam para coquetéis em Jerusalém, não posso ir por falta de autorização." Ele tem 73 anos.

Bernard Sabella calcula que, por causa do conflito, mais de 3 mil cristãos fugiram nos últimos sete anos. "Não é só questão de número", diz, "mas dos tipos de pessoa. Quem está emigrando? Os instruídos, os ricos, os politicamente moderados, as famílias jovens. Os que mais teriam condições de mudar a situação estão indo embora. Quem não tem qualificação nem educação ou é politicamente radical não obtém visto."

"Não temos como sobreviver aqui", diz o patriarca de uma família cristã que pediu para ficar anônimo. Ele diz que, em Belém, o governo local é um fantoche do Exército israelense – a polícia e os tribunais têm pouca autoridade, e tal situação afeta todos os residentes, inclusive os muçulmanos. O verdadeiro poder em Belém está nas mãos de famílias numerosas, e os clãs mais po-

derosos são muçulmanos. Alguns moradores de Belém admitem na surdina: gostariam que os israelenses tomassem a cidade e acabou-se.

"Os cristãos temem que, se falarmos com franqueza e as famílias muçulmanas ouvirem, seremos perseguidos", diz o patriarca. "Seremos forçados a pagar altas quantias. E obviamente existe a possibilidade de agressão física. Incêndios propositais. Qualquer coisa imaginável." Sua família vive em um *hosh*, tradicional grupo de casas construídas em torno de um pátio. Eles habitam em Belém há tanto tempo que são mencionados no Antigo Testamento. Estavam lá antes de Cristo. "Temos até um ramo judaico da família em Jerusalém", diz. "Nós nos separamos faz uns 2 mil anos, quando parte da família decidiu seguir os ensinamentos de Cristo."

Agora ele está pensando em partir. Tem uma irmã na Califórnia e quatro irmãos em Honduras. "Nossa família estará totalmente fora da Terra Santa pela primeira vez desde Cristo", diz. "E vou vender meu *hosh* aos muçulmanos. Eles considerarão isso uma vitória – mais uma. Como o mundo cristão pode aceitar este fato?"

Há 50 anos havia apenas um punhado de mesquitas no distrito de Belém. Agora existem quase 100. "Minha alma vive em Belém", diz ele. "Sou como um peixe – esta é minha água. Se me tiram daqui, definho e morro. Mas temo o futuro. Dá para imaginar Belém sem nenhum cristão? Pois vá imaginando, porque em alguns anos isso poderá ser realidade", diz o patriarca.

Os próprios cristãos não estão imunes a lutas internas. Cada metro quadrado da igreja da Natividade é disputado pelas três seitas que usam conjuntamente o templo: gregos ortodoxos, católicos romanos e armênios ortodoxos. Os homens santos das três vertentes discutem sobre quem tem de limpar que parede sagrada, quem pode andar em qual ala. Os guardas da igreja às vezes parecem estar lá não para proteger os turistas, mas para impedir os padres de se engalfinharem. "Tirando Cristo, poucos aqui ofereceriam a outra face", diz o frei franciscano Ibrahim Faltas, que serviu na igreja por 12 anos.

Os três lados não conseguem sequer concordar sobre o Natal em Belém. Em que data é celebrado o dia santo na igreja da Natividade? Os padres ortodoxos gregos, cuja parte no controle da igreja é majoritária, baseiam os eventos eclesiásticos no calendário juliano, que tem uma defasagem de 13 dias em relação ao atual calendário gregoriano. Por isso, eles celebram sua missa de Natal em 6 de janeiro.

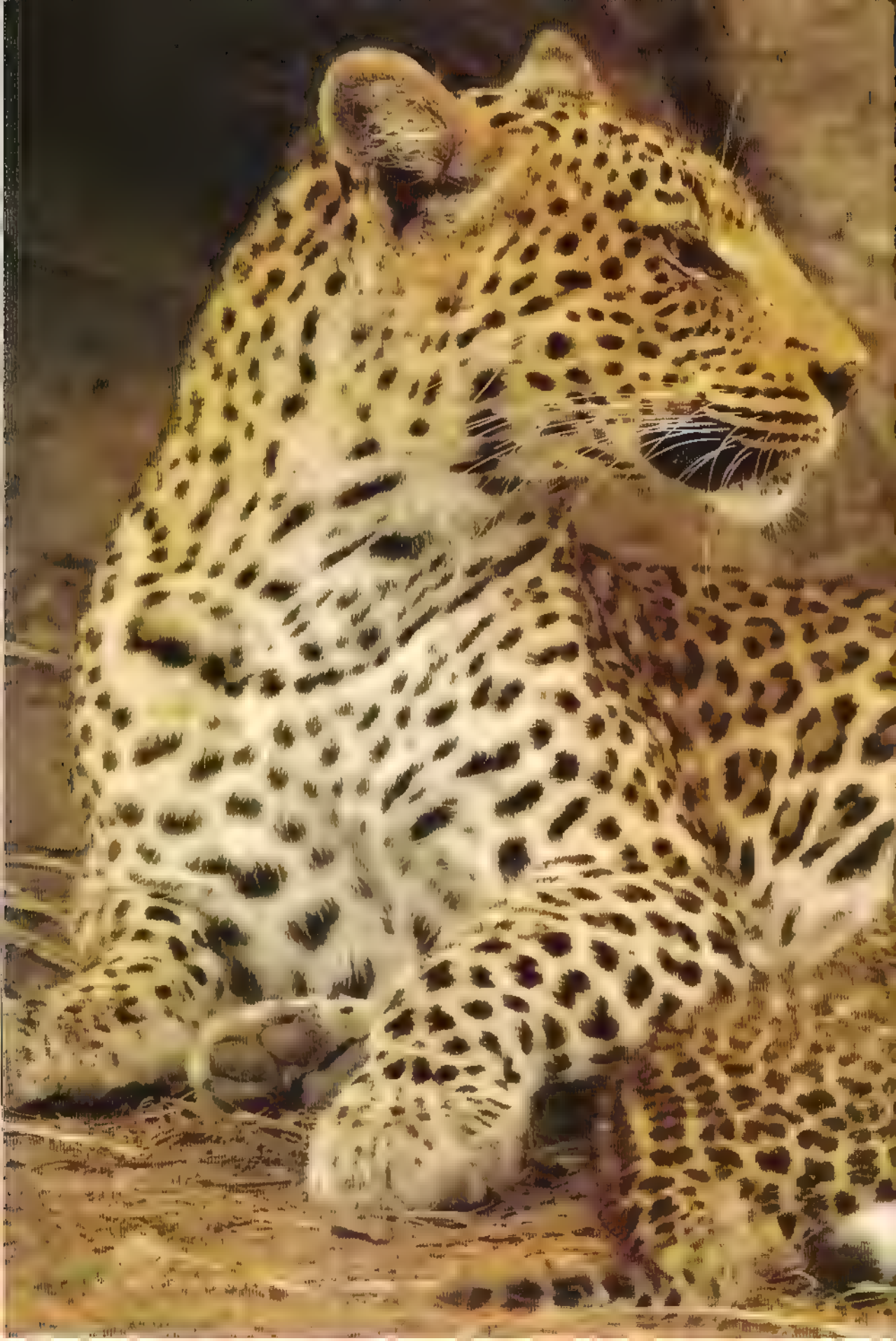
A missa da véspera de Natal em Belém, transmitida mundialmente em 24 de dezembro, na verdade é celebrada em uma igreja bem mais nova ao lado da Natividade: a igreja de Santa Catarina, que é dos católicos romanos. E, para complicar ainda mais, os armênios celebram o Natal em sua ala da igreja em 18 de janeiro. Com isso, em Belém, o Natal acontece três vezes por ano.

Não importa a versão do cristianismo que se siga – ou mesmo que não se siga religião nenhuma –, parece haver algo significativo na gruta no subsolo da igreja, com seu cheiro de incenso e vela, iluminada por uma fieira de lâmpadas nuas. Visitantes do mundo todo descem os 14 degraus terra adentro. Muitos, involuntariamente, caem de joelhos após a chegada. Oram, cantam, choram e desmaiam no local da natividade. Isso acontece o dia todo, todos os dias.

"Ficarei aqui, e meus filhos ficarão aqui", diz Al-Tamari. "Creio no futuro. O muro cairá e a ocupação terminará."

O ar úmido e bolorento da gruta exala história. Os conflitos que fervilham em Belém têm o potencial de transcender fronteiras – afinal, está em jogo o futuro de milhões de pessoas. Um desastre de grandes proporções poderia engolfar boa parte do globo. "É fácil pensar em Belém como o centro do mundo", diz o prefeito Batarseh. "Não é possível que justo neste lugar nunca reine a calma. Se for para o mundo ter paz algum dia, ela deve começar bem aqui." □

Cidade turbulenta O fotógrafo Christopher Anderson narra as histórias de bastidor de suas imagens de Belém em **ngbrasil.com.br/0712**



LIÇÃO DE CAÇA

Uma mãe leoparda pode ensinar ao filhote muitas
sobre a
para a vida

POR DERECK JOUBERT

FOTOS DE BEVERLY JOUBERT

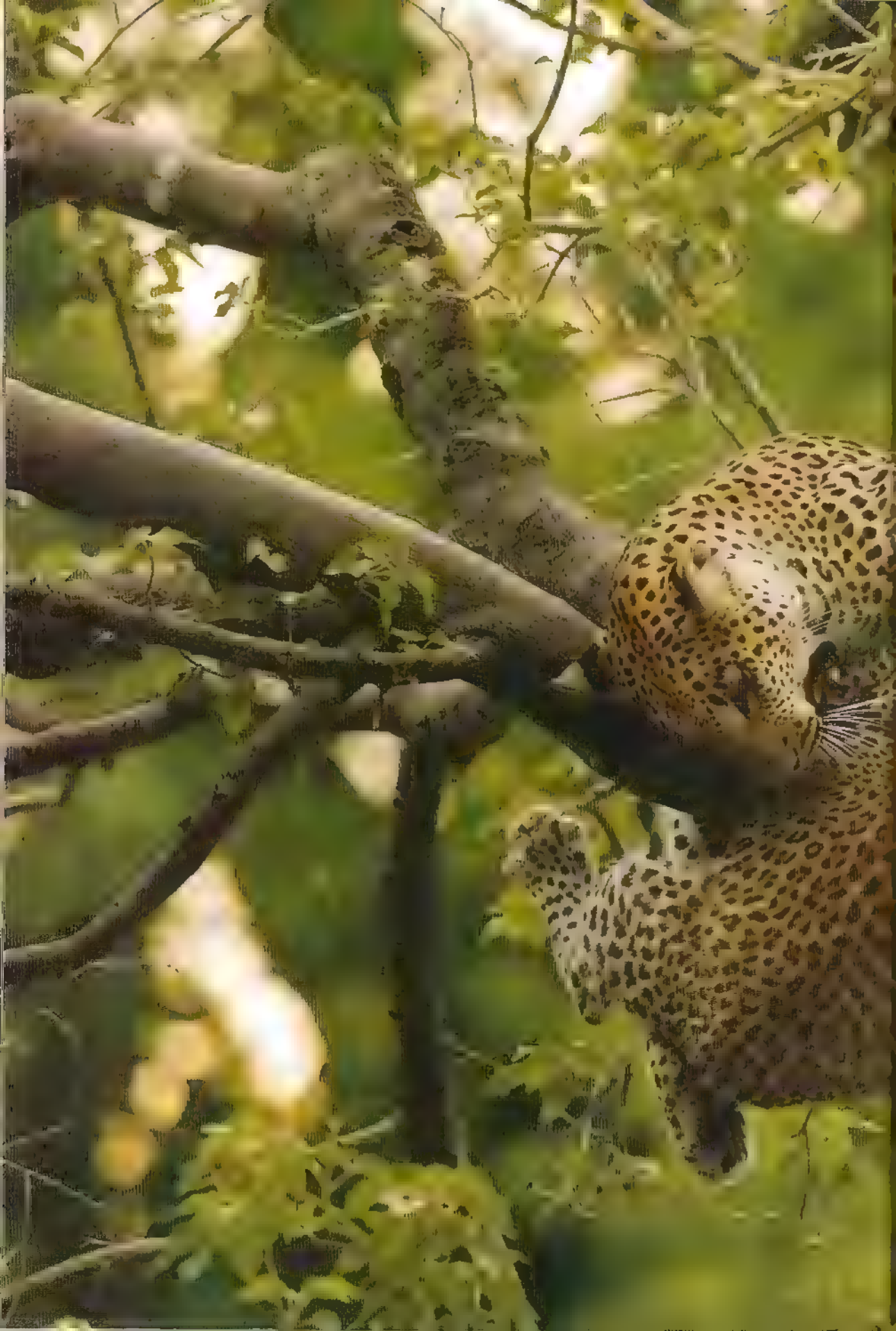
Ela tinha apenas 8 dias de vida quando a encontramos. Seus olhos ainda exibiam um tom cinzento leitoso e, ao mover se, bambolea va insegura. Ao sair da toca para a luz do dia, parecia curiosa e aventureira, mal se dando conta dos alvoroçados esquilos. Sua mãe já perdera cinco outros filhotes nas garras de hienas, babuínos e outros predadores. Qual seria o destino desse?

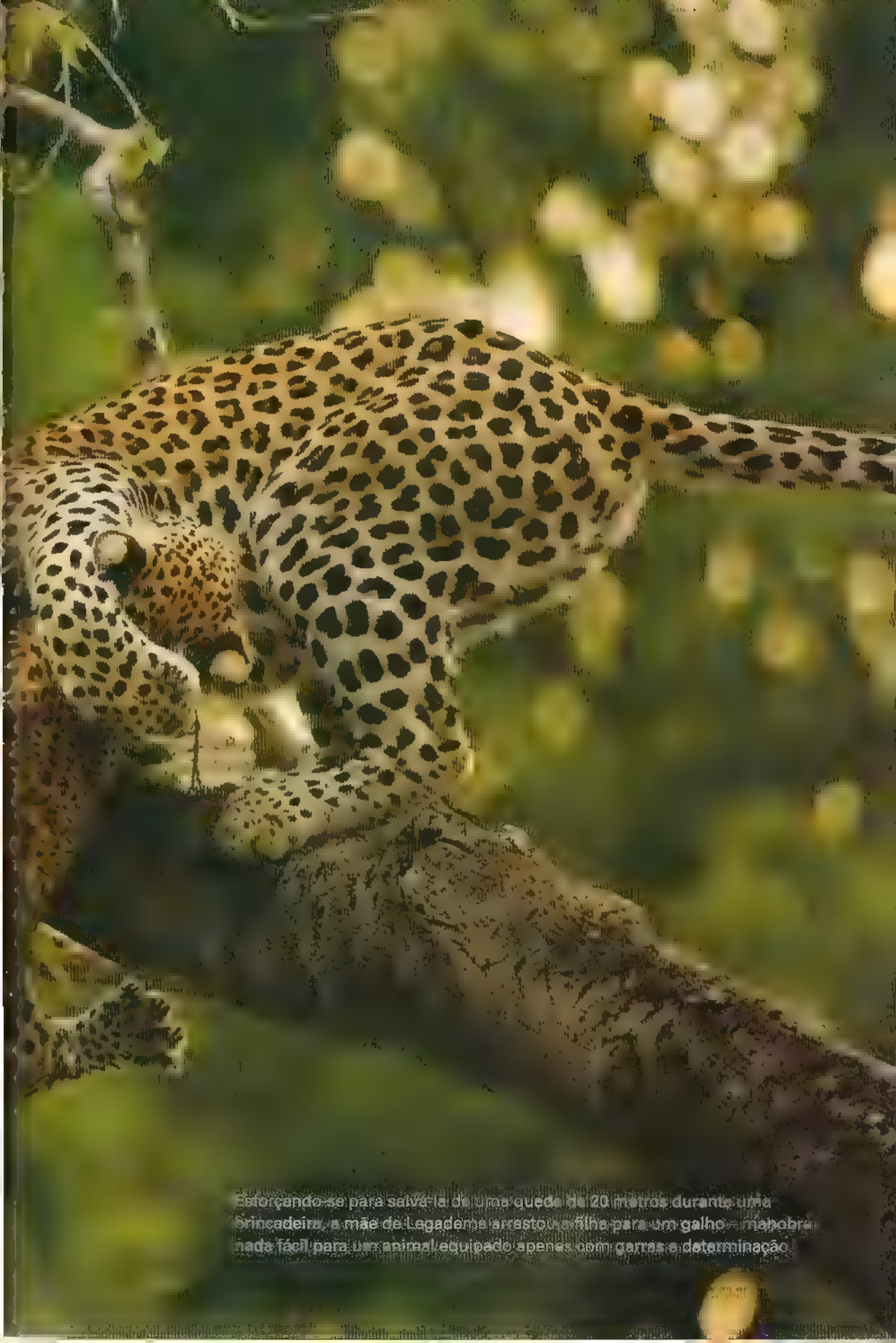
Ao contrário do leão ou do guepardo, o leopardo é felino dissimulado e solitario. Como não depende de grupo familiar, tem de caçar sozinho, sobrevivendo graças a invisibilidade e à inteligência. Encontrar um leopardo é dificil. Quando vimos a mãe e a filha na densa mata de árvores de ébano e acácia em Mombo, no delta do rio Okavango, em Botsuana, decidimos acompanhar o filhote.

Desde os primeiros dias, Legadema, como a batizamos ("luz vin da do céu", na língua setsuana), viveu sob riscos. Babuínos e hienas rondavam a toca. Leões, uma ameaça para os filhotes, são bastante comuns nessa parte da Reserva de Caça de Moremi. Nada disso, porém, impediu Legadema de explorar a floresta por conta própria quando a mãe a deixou sozinha por alguns dias para caçar. Para onde quer que Legadema seguia, os atentos macacos-vervet a localizavam, a 1,5 quilômetro de distância, e os esquilos logo faziam soar o alarme. Com o tempo, tais incidentes apenas a ajudaram a aperfeiçoar sua capacidade de ocultação e disfarce.

A mãe ensinava a Legadema habilidades que lhe seriam úteis como predadora: de que maneira encurralar a presa e em que ponto do pescoço atacá-la com as presas para que su foque. Apenas depois de dominar essas lições ela se transformaria no magnífico caçador em que um dia se tornam todos os leopardos

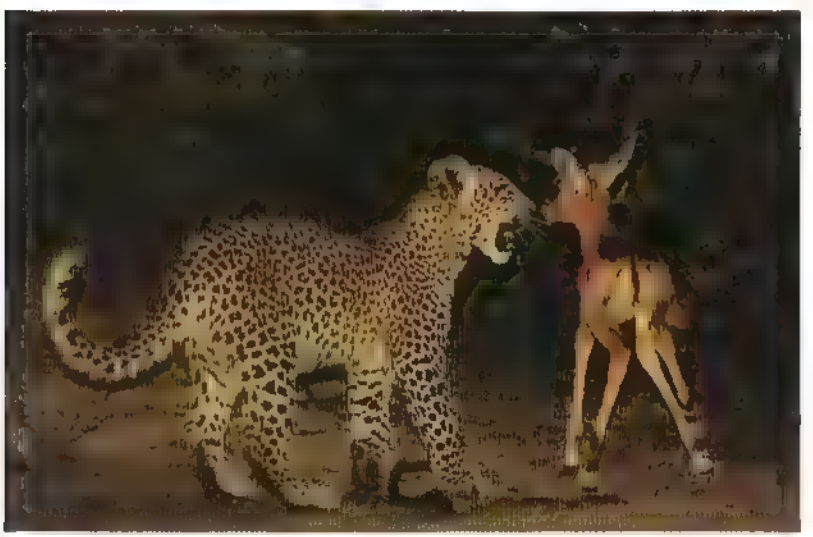
Enquanto patrulham seu território em Mombo e caçam juntas, Legadema parecia a imagem espelhada da mãe. As duas tornaram-se muito íntimas durante o primeiro ano, às vezes brincando como se fossem irmãs.



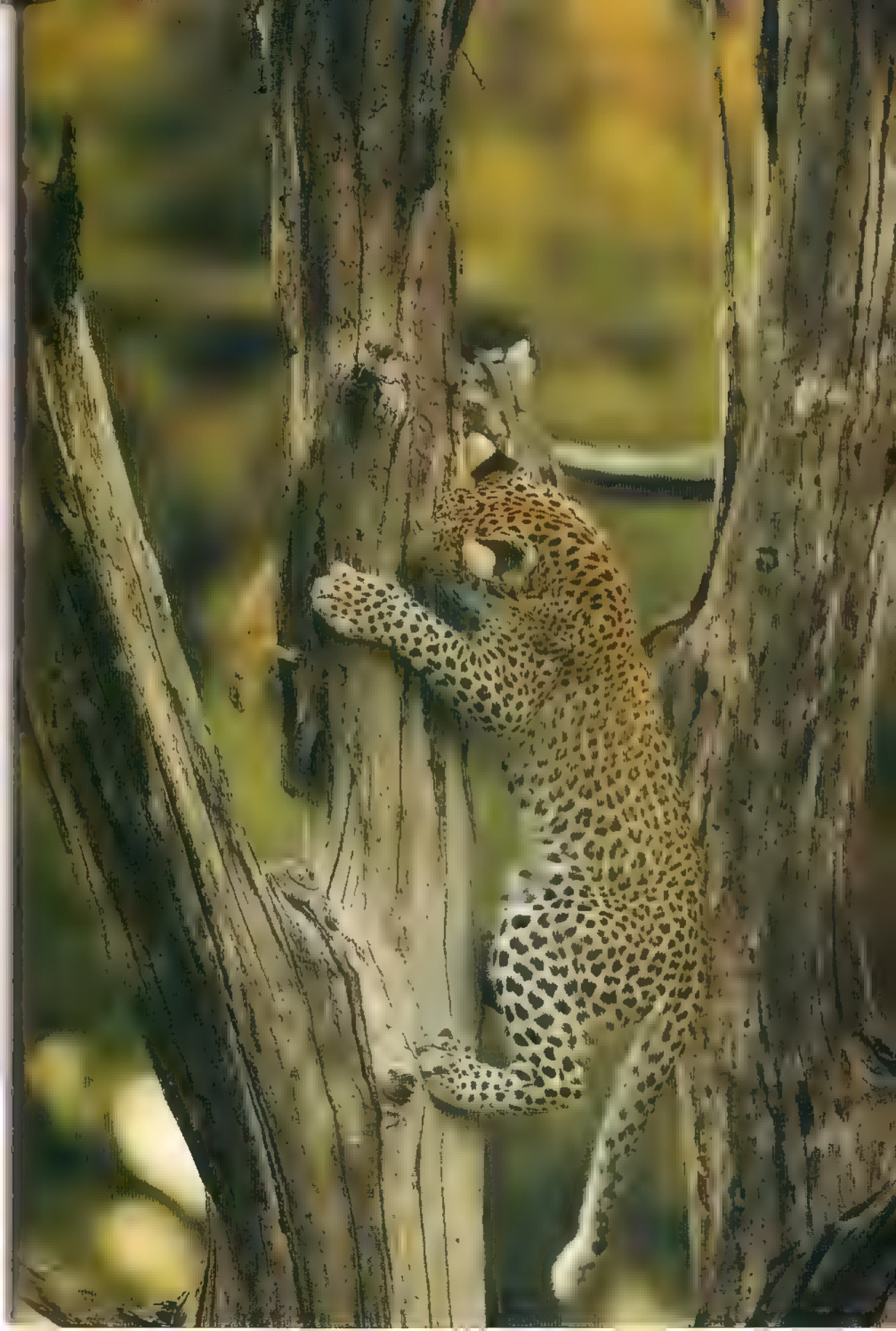


Esforçando-se para salvá-la de uma queda de 20 metros durante uma brincadeira, a mãe de Legadema arrasta a filha para um galho — manobra nada fácil para um animal equipado apenas com garras e determinação

QUANDO A MÃE ENSINA A ARTE DE MATAR

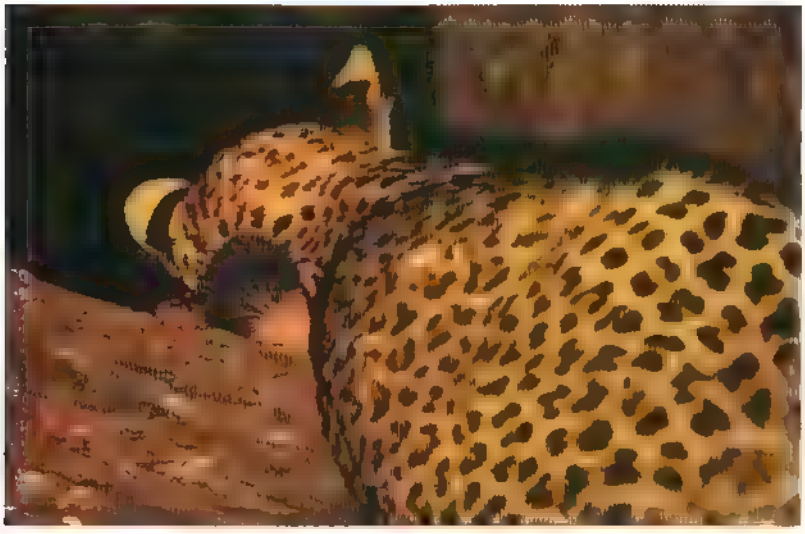


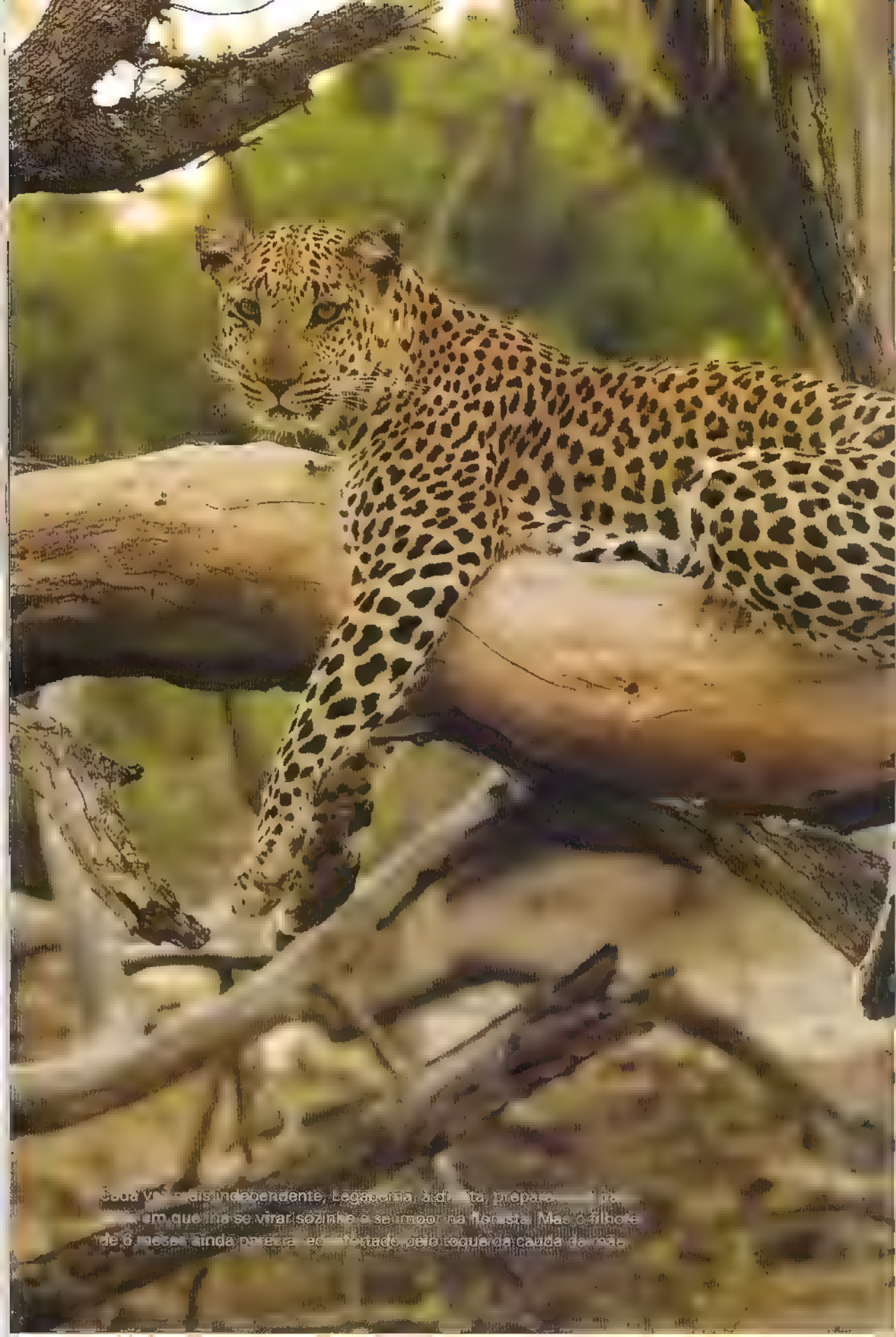
Com 5 meses de vida, Legadema recebeu da mãe um filhote de impala vivo (no alto). No início, não parecia ter idéia do que fazer: primeiro, brincou com ele e, depois, atacou-o de mentirinha (acima). Mas a mãe a conduziu por todas as etapas da matança até que, por fim, Legadema aprendeu que outros animais vivos podem lhe servir de alimento. Com a habilidade de predadora aperfeiçoada, Legadema voltou a atenção para os esquilos, entretendo-se com letais jogos de esconde esconde (à direita). Com o tempo, ela tornou-se competente, matando centenas de esquilos e presas maiores, como filhotes de javali.



DEPOIS DE MATAR
UM BABUÍNO ADULTO,
ELA PERCEBE O FILHOTE.

A despeito de seu temor dos babuínos, um dia Legadema matou uma fêmea adulta. Quando descobriu um filhote recém-nascido e agarrado ao pêlo da mãe, a situação tornou-se surrealista. O minúsculo babuíno inocentemente voltou-se para Legadema, aceitando-a como sua nova mãe. No início, o leopardo parecia confuso, mas, durante as quatro horas seguintes, tomou conta do bebê babuíno (acima); em seguida acariciou-o e carregou-o com zelo para galhos mais altos e seguros na árvore toda a vez que ele chorava (à direita, no alto). No fim, os dois aninharam-se e acabaram adormecendo (à direita). Legadema já começava a sentir instinto maternal? Antes que a noite terminasse, o frio cobrou a vida do indefeso bebê, e Legadema abandonou-o para retomar seu papel de predador, alimentando se do corpo da mãe.





CRESCIDA, ELA AFASTA-SE DA MÃE E REIVINDICA UM TERRITÓRIO PRÓPRIO.

Com 13 meses – ainda adolescente –, Legadema divergiu da mãe. O motivo: a recusa da jovem leopardo em partilhar um animal abatido. A tensão entre as duas cresceu, e Legadema agora demonstrava sua independência. Isso fez com que a mãe a repudiasse. Sumindo no matagal (à direita), ainda partilhou algo do território da mãe por um período. Mais tarde, porem, estabeleceu seu próprio espaço, movendo-se como fantasma pela floresta (acima). No fim do ano passado, com 3 anos e meio de vida, acasalou. Se ela e seu filhote permanecerem em Moremi, não serão ameaçados pelos seres humanos. Em outras regiões da África, porém, os leopardos não desfrutam de tanta segurança. A cada ano, cerca de 2,5 mil deles podem ser abatidos legalmente por caçadores, e uma quantidade equivalente é morta por caçadores clandestinos. É provável que um número cada vez menor de leopardos tenha uma existência livre como a da jovem Legadema. □

Felinos em ação Assista a cenas do filme *Eye of the Leopard*, rodado pelo casal Joubert, e tenha um vislumbre dos bastidores em **ngbrasil.com.br/0712**

Cowboys do século 21

Por que o espírito resiste

POR ROBERT DRAPER

FOTOS DE ROBB KENDRICK

Na foto feita pelo processo de ferrotipia, que evoca o Velho Oeste, o traje de Colter Schlosser, de 17 anos, funde estilo e utilidade. "Se não for funcional, não vale a pena", diz o *buckaroo* da Colúmbia Britânica. O chapeu de aba reta bloqueia o Sol, as mangas de couro protegem de espinhos e as perneiras com franjas isolam a chuva.

O dia de um caubói começa no curral, à primeira luz da manhã, arreando e selando o cavalo. A montaria é sua companhia, além do meio de transporte. "Você e o cavalo são um time", diz Clint Damewood, de chapéu preto, na histórica fazenda ZX, no Oregon. "Quando se vai atrás de uma vaca, é só você e ele."

Há coisas que Wes Miner espera não ver quando se levanta de manhã e sela o cavalo para ir supervisionar o gado sob sua guarda. Grandes pássaros negros estão entre elas. Miner não tem nada contra corvos e gaviões, em si. Mas vê-los circulando solenes no céu, ou partindo em revoada de moitas a sua aproximação, é algo que lhe dá nó no estômago, pois isso significa que algum dos animais sob sua guarda foi morto. Um ou mais de um.

Algumas dessas mortes são bem estranhas. Quatro anos atrás, Miner trabalhava numa fazenda em Idaho quando uma tempestade elétrica eclodiu nos céus e abateu uma dúzia de cabeças de gado que se aglomerava sob uma árvore. Seus ossos permaneceram no pasto por anos, dando testemunho do azar que tiveram. Na fazenda que agora ele toca, no sudoeste de Montana, os lobos devoraram um bezerro na calada da noite e não deixaram traço. Uma vaca foi literalmente para o brejo e quebrou a perna, obrigando Miner a abatê-la com um tiro. Uma bezerra comeu a floração da venenosa espora-brava e caiu dura depois de quatro horas. A natureza dá e tira segundo seus caprichos, mas ele vai se virando. "O que me deixa cabreiro é perder um punhado de reses doentes", diz Wes Miner, 28 anos. "Pois isso é algo que eu deveria ter controlado melhor."

Miner é um típico *cowboy* (a palavra já foi assimilada em português, caubói). Os homens nesse ofício adoram cavalgar, laçar e viver o árido romantismo de uma pastagem. Para Miner, todos os anos isso tem prazo para acabar, o fim de outubro, quando as 4,1 mil cabeças que lhe pagam para cuidar são recolhidas, à espera dos donos.

Nas terras altas e isoladas, como na fazenda Snowline, onde Miner trabalha, a temperatura pode pular de 26 graus centígrados positivos para 13 negativos num dia, fazendo da pneumonia risco constante. Isso deixa Miner atento ao gado. Se parte dele se vê debaixo de uma tromba-d'água no inverno, o caubói é pego de calça curta. Ele terá de captar os sintomas precoces: aquele bezerro com uma orelha caída, por exemplo. Sempre a cavalo, Miner irá separá-lo dos outros, laçá-lo com sua corda longa, pegar o Nuflor no alforje e dar uma injeção no bicho. No fim de outubro, o bezerro pesará 272 quilos e será recebido por seu dono com um meio sorriso de aprovação.

Sabedor das tragédias que conseguiu evitar, o sentimento é de orgulho para Wes Miner. Ele sente-se gratificado pelo reconhecimento dos proprietários ao embarcar e despachar sua mercadoria gorda. Tal satisfação dura uma noite. Na manhã seguinte, Miner terá de encarar um espetáculo que preferia não ver: o pasto vazio de gado. Isso lhe bate como uma espécie de morte. "A gente vem dando duro nas últimas semanas. E, de repente, você olha para as colinas e não vê nada além dos cavalos de sela. Dá um vazio..."

Beau e Rowdy Hall jogam basquete, nadam e surfam na neve. Mas atuar de caubóis ao lado do pai na fazenda North Pueblo, no Colorado, é o maior divertimento que há. "Eles ajudam mais que vários dos adultos contratados", diz a mãe dos garotos.

OS CAUBÓIS AMERICANOS não sumiram em meio à névoa da lenda. Eles continuam ali, onde sempre estiveram ao longo de três séculos, nos campos do oeste e do sudoeste dos Estados Unidos, bem como no âmago da identidade nacional, e sem nenhum fim à vista. Isso tudo, apesar dos vagos contornos dessa profissão. Quantos caubóis estão hoje em atividade? Dez mil? Cinqüenta mil?

Seja qual for o número, o emprego de caubói anda periclitando. À medida que a criação de gado vira, de forma crescente, um grande negócio, o papel fundamental do caubói vai torna-se objeto de um escrutínio contábil desapaixonado. Além disso, a indústria do gado, que movimenta 71 bilhões de dólares anuais, vive sob desafios que vão de mudanças dos padrões climáticos a oscilações do mercado internacional, passando pela ampliação da mancha urbana e pelas ameaças sanitárias vindas de fora do país, como a febre aftosa.

Como era inevitável, os pecuaristas tiveram de aprender a diversificar suas operações, arrendando terras a caçadores, por exemplo. A informatização, presente na etiquetagem de orelha e na marcação eletrônica dos bichos, entre outras coisas, é uma inovação estranha que tem sido cada vez mais bem acolhida nas fazendas de gado.

Mas, se a alta tecnologia é a força incoercível, um fator resiste imutável: o gado ainda subsiste em grande medida comendo capim. Bois e vacas têm de ser levados a lugares com abundância dessa gramínea. Para isso, é preciso que um sujeito a cavalo, munido de corda e, talvez, um par de bons cães pastores, tudo isso dentro de uma paisagem afastada do tumulto urbano.

Prova da resistência do caubói é o fato de ter sobrevivido ao incessante culto hollywoodiano de sua figura enquanto emblema lapidar da individualidade masculina. Essa romantização passa por cima de alguns detalhes: manhãs de fevereiro com temperatura negativa, tórridas tardes de agosto. Costelas quebradas na queda de um potro assustado. Um dedão lesado pela corda presa a um touro castrado e nervoso. Um antebraço gosmento depois de empurrar para dentro da vagina o útero prolapso de uma vaca. Semanas a observar milhares de criaturas de couro peludo mastigando capim sem parar enquanto o próprio estômago ronca de fome. Tudo isso por um salário que orça pelos 4 dólares a hora.

Um arranjo desse tipo acaba produzindo autoseleção. Somente os que buscam tal miséria é que têm condições de suportá-la.

"Oh, *yeah*, foi legal", diz Tyrel Tucker, de 18 anos, sobre o inverno em que passou com seu irmão Blaine, de 20 anos, cuidando de 2,3 mil cabeças de gado num campo no norte de Flagstaff. Dia a dia, de dezembro a abril, eles trilharam perto de 4,5 mil hectares de terra, acompanhados apenas pelo gado, pelos cavalos e por si mesmos. A culinária providenciada por Blaine não variava: panqueca e lingüiça no café da manhã, uma lata de sardinha no almoço, batatas e um hambúrguer com biscoito ou tortilha no jantar. O vento não dava trégua e, à noite, a temperatura despencava para 26 graus negativos.

Nada disso importava. "Tivemos de laçar pelo menos uma novilha por dia", diz Tyrel. "Você tem de se virar. Vai fazendo as suas coisas, sem patrão por perto para amolar. Eu voltaria para lá."

Os irmãos Tucker são altos, magros, desengonçados e taciturnos. Não parecem interessados em nenhum outro tipo de vida além da que vêm levando desde a infância, quando aprenderam a montar antes mesmo de andar. Os dois ganharam seus primeiros cavalos com 2 anos de vida, mas não como diversão. A mãe deles, Michelle, cuidava da fazenda familiar perto de Powell, em

Robert Draper passou os verões de sua infância numa fazenda de criação de cavalos quarto-de-milha. Robb Kendrick documentou durante seis meses a vida de caubói em ferrotipia, processo fotográfico do século 19.

O novo Velho Oeste

Houve um tempo em que o formato do chapéu de um vaqueiro indicava de que parte do oeste ele tinha vindo. Estilos distintos de caubói se desenvolveram. Hoje, a mão-de-obra pula de fazenda em fazenda, misturando costumes. No entanto, quatro tradições perduram em diferentes regiões.

VAQUEROS

No século 17, início do negócio de gado na Nova Espanha, atual Novo México, esses pastores ostentavam o sombreiro de aba em forma de pires que lhes dava abrigo contra o Sol. Hoje, eles adotaram muitos costumes dos *cowpunchers* no Texas.

BUCKAROOS

Com um nome derivado do espanho *vaquero*, os *buckaroos* adaptaram os costumes do antigo México a c imas frios e espaços amplos: perneiras de ã, chapéu com aba chapada, *riatas* (cordas) de couro cru trançado, a.ém da prata no freio de boca, nas esporas e nos apliques na sela.

COWPUNCHERS

O nome "estocadores de gado" vem dos homens que antes cutucavam com chuço as rezes, obr gando-as a embarcar nos vagões de trem. Os *cowpunchers* usam chapéu com a aba dobrada nas latera s em forma de *teco* (tort lha mex'cana), perneiras e cordas curtas.

COWBOYS

Cow (vaca) *boy* (rapaz) refere-se genericamente a todo o pessoal que lida com gado no oeste. Nas Grandes Planícies, emprestaram os estilos de seus vizinhos, como a longe corda dos *buckaroos* e as perneiras integrais dos *cowpunchers*.

H.G. e Cooper Adams nasceram para ser caubói e se juntam a Tanner Rollins nas tarefas da fazenda XI. O tataravó deles comprou aquelas terras no Kansas, e um dia, o filho de H.G., Horace Greeley Adams VI de 1 ano de vida, tomará as rédeas da fazenda.

COWPUNCHER

"Eu estava domando um potro quando ele virou e disparou um coice na minha cara.

No dia seguinte, o veterinário deu uns pontos e botou um Band-Aid na ferida. Fiquei sem ver direito por vários dias." – *R.D. Horn, Adrian, Texas*

Wyoming, e precisava da ajuda dos garotos. Quando Tyrel tinha 17 anos, resolveu cair fora do segundo ano do ginásio regular e prestar uma bateria de exames resumidos que lhe deu um certificado equivalente ao diploma ginasial. Com isso, passou a trabalhar em tempo integral na fazenda. "Por mim, tudo bem", lembra-se Tyrel. Afinal, o que ele estava perdendo? Todos os seus colegas passavam o tempo livre jogando Nintendo.

Blaine usa bigode e cavanhaque à Fu Manchu, a exemplo do pai e do tio. Tyrel vai pelo mesmo caminho. A esse estilo espartano de vida e desejo de independência soma-se uma inesperada vaidade: os caubóis preocupam-se com sua aparência. Um homem que vive pulando de fazenda a fazenda pode não ter uma cama sua, muito menos uma casa. Assim, suas roupas e sua montaria são tudo o que ele possui. "Acho que daria para fazer esse trabalho de tênis e boné de beisebol", reconhece Pat Crisswell, um filho de Oklahoma que hoje cuida de um acampamento na fazenda de 60,7 mil hectares da Companhia Wagonhound de Terra e Gado, em Wyoming. "Mas, quanto mais tradicional você se vestir, melhor", conclui ele.

Os vaqueiros originais – *vaqueros* mexicanos – eram cavaleiros do território que é hoje o México, encarregados de conduzir o gado até o Texas e, mais acima, a Califórnia. Cheias de prata trabalhada e artigos de couro com apliques, as galantes figuras dos vaqueiros distinguiam-se contra o grosseiro pano de fundo do Velho Oeste. Mas a forma raramente era desprovida de função. O chapéu de aba chata e o lenço ao pescoço os protegiam do Sol e da poeira. E nenhuma corda de algodão poderia competir em durabilidade com a *riata*, corda trançada com tiras de couro cru.

O estilo vaqueiro sobrevive em variadas medidas conforme a região. O México, com sua economia periclitante, não é mais seu grande guardião. Na verdade, os *buckaroos* (pronuncia-se "bacarús", uma corruptela de *vaqueros*) da Califórnia e de Nevada mostram-se mais aptos a seguir a tradição ao pé da letra: perneiras, reluzente freio de boca em prata para o cavalo, grandes estribos de base chata, sela pequena e o compulsório conjunto de chapéu de aba chata e cordas longas. Para os *buckaroos*, elegância é lei. Longe de espancar seu cavalo, eles preferem conduzi-lo com pequenos toques de espora. A arte de laçar gado envolve, em primeiro lugar, capturar o animal, enrolando e fazendo deslizar a corda no bico da sela, em vez de amarrá-la. Isso demanda mais tempo, mas o *buckaroo* não deixa por menos. Ele também sabe que Deus não perdoa o caubói que cuida de uma vaca doente com seu utilitário 4x4. "Gosto de jogar um laço bem armado. Nada de serviço feito às pressas, com gente xingando o tempo todo em volta", afirma Wes Miner, o nativo de Montana criado no mundo do rodeio e hoje apegado ao jeito *buckaroo* de ser.

O estilo do *buckaroo* é determinado pelo amplo território no qual ele circula. Paisagens mais agrestes geram uma abordagem mais despojada no trabalho e na roupa. Numa região de moitas e arbustos que rasgam jeans e epiderme, tornam-se necessárias as perneiras integrais (duas peças de couro que vão da cintura até os pés) sem adorno, usadas pelos caubóis, também chamados de "estocadores de gado" (*cowpunchers*, que, no século 19, embarcavam brutalmente o gado nos trens com o auxílio de chuços), dos estados das Grandes Planícies (Colorado, Kansas, Montana, Nebraska, Novo México, Dakota do Norte, Dakota do Sul, Texas e Wyoming). Localidades cobertas de árvores e macega requerem cordas mais curtas e sela grande para o cavaleiro se segurar melhor em cima do cavalo. (A técnica de fazer a corda escorregar pelo bico da sela é sempre a mesma.)

Nas regiões sujeitas a ventanias, um pé-de-vento pode jogar longe o chapéu do caubói, motivo pelo qual muitos preferem o mais seguro chapéu-taco – aquele com a aba dobrada nas laterais,

COWBOY

"Quando você monta um cavalo xucro, é realmente divertido, um pique de adrenalina.

Já caí, levei coice, fui pisoteado. Mas provavelmente vou levar essa vida de caubói até bater as botas ou até ficar muito velho e entrevado para me agüentar em cima do cavalo." – *Tyrel Tucker, Powell, Wyoming*

VAQUERO

"Eu tinha 4 anos quando comecei a ajudar meu pai na fazenda La Mora. Sou da quarta geração de minha família a trabalhar ali. Casei me há pouco e me mudei para a cidade, mas, assim que o nosso primeiro filho nascer, vamos voltar para lá. O campo é lindo e o ar, limpo." – *Manuel Rodríguez Franco, Coahuila, México*

BUCKAROO

"O que me atrai nessa vida? Bom, são coisas que não dá para explicar: cavalgar pelas colinas

ao nascer do Sol e topar com 300 alces pastando. O trabalho é o nosso hobby. Não valeria a pena se não fosse assim." *Wes Miner, Snowline, Montana*

como se fossem tortilhas do *taco*, o popular sanduíche mexicano. Os puristas *buckaroos* podem desprezar o estilo aguerrido e espartano dos "estocadores de gado", que amarram a corda no bico da sela, em vez de deixá-la deslizar, e tocam o gado com varas. Mas as aparências enganam. O apuro no trabalho de um *cowpuncher* é tão evidente quanto na versão mais estilizada do *buckaroo*.

Tyrel Tucker não sabia grande coisa sobre essas vagas diferenças entre as diversas tradições caubóis até que seu irmão Blaine voltou de um verão passado numa fazenda perto de Pryor, Montana. Os *buckaroos* de lá usavam perneiras tacheadas de prata, rédeas feitas de crina trançada e giravam no ar laços de corda de couro cru. É o que fazem agora os irmãos Tucker. Tyrel emprega seu tempo livre concebendo e fabricando fivelões de cinta, freios de boca e esporas de prata. A obsessão que outros jovens manifestam por esportes ou videogames, Tyrel e Blaine Tucker demonstram em cada filigrana da cultura caubói.

NEM TODO CAUBÓI já nasce nessa vida. "Alguns são seduzidos por ela", diz Pat Crisswell, filho de um jóquei. "Eu trabalhava na previdência social do governo. O dinheiro era ótimo, mas não gostava da cidade e passava mais tempo em bares do que seria recomendável. Fui, então, para a fazenda Pitchfork, em Guthrie, Texas. O salário baixa de 800 dólares por semana para 750 ao mês. A turma que deixei para trás achou que eu tinha pirado. Disse a eles: 'Tem de considerar o pequeno detalhe da satisfação no trabalho.'"

A cultura caubói é das mais igualitárias. Não há só gente típica do oeste tocando o gado mas também afro-americanos, mexicanos, canadenses e até menonitas, um antigo grupo de cristãos pacifistas. Imigrantes também chegam da Alemanha, do Brasil, da Austrália, até da Índia.

A maioria dos que se rendem à vida de caubói é formada por homens jovens loucos por viver aventuras a céu aberto. Mas há também as *cowgirls*, é claro, como Jodi Miner, uma mulher de olhos claros com um possante aperto de mão, criada numa fazenda perto de Dell, Montana, onde cresceu cuidando de bezerros e novilhas, consertando caixas-d'água e cercas. Nos intervalos da faculdade, em Bozeman, Jodi ocupava-se de bezerros, período em que dormia nos barracões, cercada de homens roncando. Hoje, ela e seu marido, Wes, tocam juntos a fazenda Snowline.

Os caubóis sempre foram meio ciganos, na eterna procura de um bom pedaço de chão, de independência e de oportunidades para viver sobre a sela. (Desnecessário dizer que tal procura se faz boca a boca, pois caubóis não usam o Google.) "Em Montana, já não há muitos empregos de caubói puro", suspira Wes Miner. "Na maior parte, você vai ter de apear do cavalo um bocado."

Vai daí que os Miner, e outros da mesma laia, vão mesmo apeando de seus cavalos. Adaptar-se é necessário, quando se precisa. Os caubóis observam a distância a velha alternativa a essa nova realidade: a vida de urbanóide, contando os dias para o fim de semana e uma partida de golfe. Não há segunda nem sexta-feira numa fazenda. Não há hobby. Tudo se resume a estar em cima de um cavalo, cercado por 300 alces, vendo o pôr-do-sol.

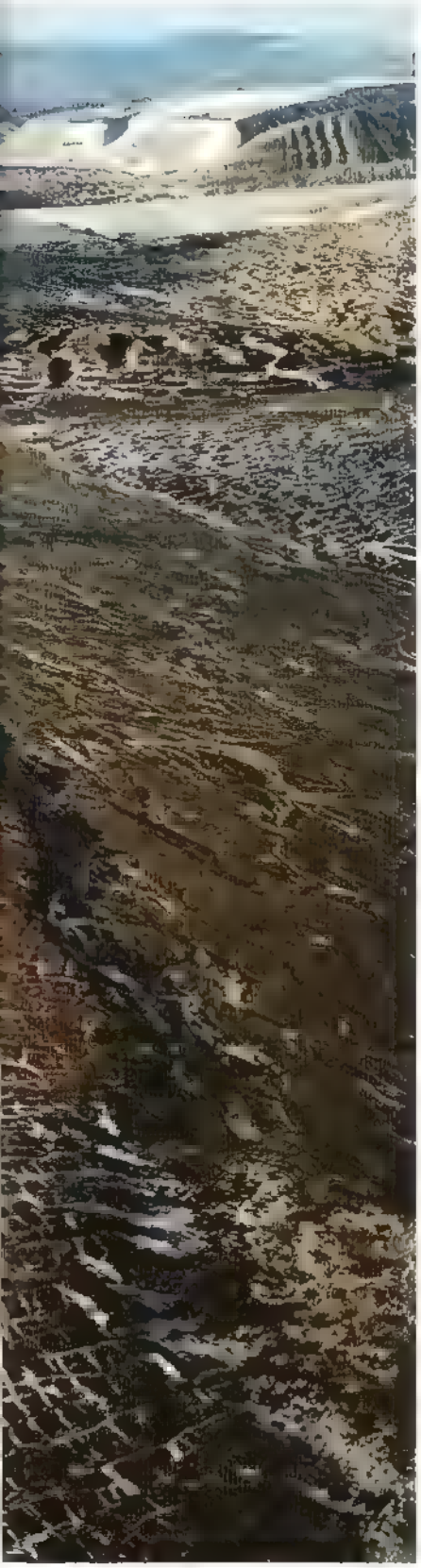
Mas os caubóis não estetizam tais prazeres. Isso fica para os poetas ou para a sagacidade e o brilho de Charlie Russell (1864–1926), o grande pintor e escultor do oeste americano. Os caubóis preservam sua paixão na intimidade, à espera de que neve derreta nas pradarias e carretas transportando gado apareçam no portão da fazenda, tudo ao som do tropel de gado, o primeiro do ano. Aí eles estarão de volta ao Velho Oeste, cavalgando e gritando, garotos mais uma vez.

Estilo de época Veja o fotógrafo Robb Kendrick demonstrar a arte da ferrotipia e outras imagens de caubói em **ngbrasil.com.br/0712**

Homens que passam o [illegible] na [illegible] cavalo têm suas preferências [illegible] à direita, usa uma grande, ou de apartação, no estilo texano, numa fazenda em Wyoming. Chad Milius prefere sela pequena no estilo *buckaroo*.

As *cowgirls* nativas americanas Harli e Ashley Cota e Jessica Kelly cavalgam e manipulam cordas na Reserva Indígena de Duck Valley, em Nevada. Ashley, de 19 anos, estuda administração rural para ajudar a família a comercializar a carne sem hormônio que produzem.

Os menonitas Marcel e Jane Troyer cuidam do próprio rebanho quando conseguem arrendar terras perto de Pueblo, Colorado (à esquerda). Eles esperam ensinar aos filhos o valor de um dia de trabalho honesto e o correspondente senso de dever cumprido. Linc Bundy dorme num *tepee*, uma tenda no estilo indígena (acima), no período final dos trabalhos no campo da fazenda ORO, no Arizona, longe da mulher e dos três filhos. Mas ele vê o Sol nascer e se pôr todos os dias, cavalgando na relva que canta sob as patas do seu cavalo, sob um céu aberto – o paraíso do vaqueiro. □



ENSAIO DE BARRY LOPEZ

FOTOS DE
BERNHARD EDMAIER

Terra de gelo

De beleza sobrenatural, as regiões sempre congeladas revelam os ritmos delicados do planeta. Mas por quanto tempo irá resistir o permafrost?

O FRIO EXTREMO ENTALHA A SUPERFÍCIE DE UM VALE CONGELADO NA ILHA NORUEGUESA DE SPITSBERGEN.

As areas de permafrost abrangem uma vastidão do hemisfério norte. No planalto central da Islândia, córregos com água de degelo escorrem de uma geleira vizinha e circundam lagoas irregulares. Sobre o solo impermeável, as lagoas rasas se estendem por áreas amplas, delineadas pelos ventos constantes.

O SATÉLITE NATURAL DA TERRA, A LUA, TEM UMA paisagem que, por mais estranha e remota, exerce sobre nós imensa atração. Costumamos imaginá-la como um local marcado pela ausência. Afinal, ali não sopra nenhum vento e não há grama que possa ser movida pela brisa. Não ha pessoas. Nenhum regato com cascata, tampouco trilhas de animais. Mesmo assim, a paisagem lunar exibe uma beleza sobrenatural. Em noite sem nuvem, com binoculos capazes de aproximar até 10 vezes, crateras e planaltos, depressões e mares aparecem delineados com tal nitidez, com um jogo de sombra e luz tão encantador, que tais acidentes geográficos chegam a induzir em nós profunda alegria. Em momentos assim, é difícil explicar a beleza. Como se ela não estivesse nas próprias coisas – na planície basáltica, nas crateras –, e sim na capacidade que temos de apreciar tais coisas. Quando uma região da Lua se revela com nitidez, adquirindo vida aos nossos olhos, podemos experimentar uma especie de euforia que não se explica apenas por se tratar da Lua. Pois alguns de nós somos tomados por uma emoção profunda, a de estarmos plenamente vivos.

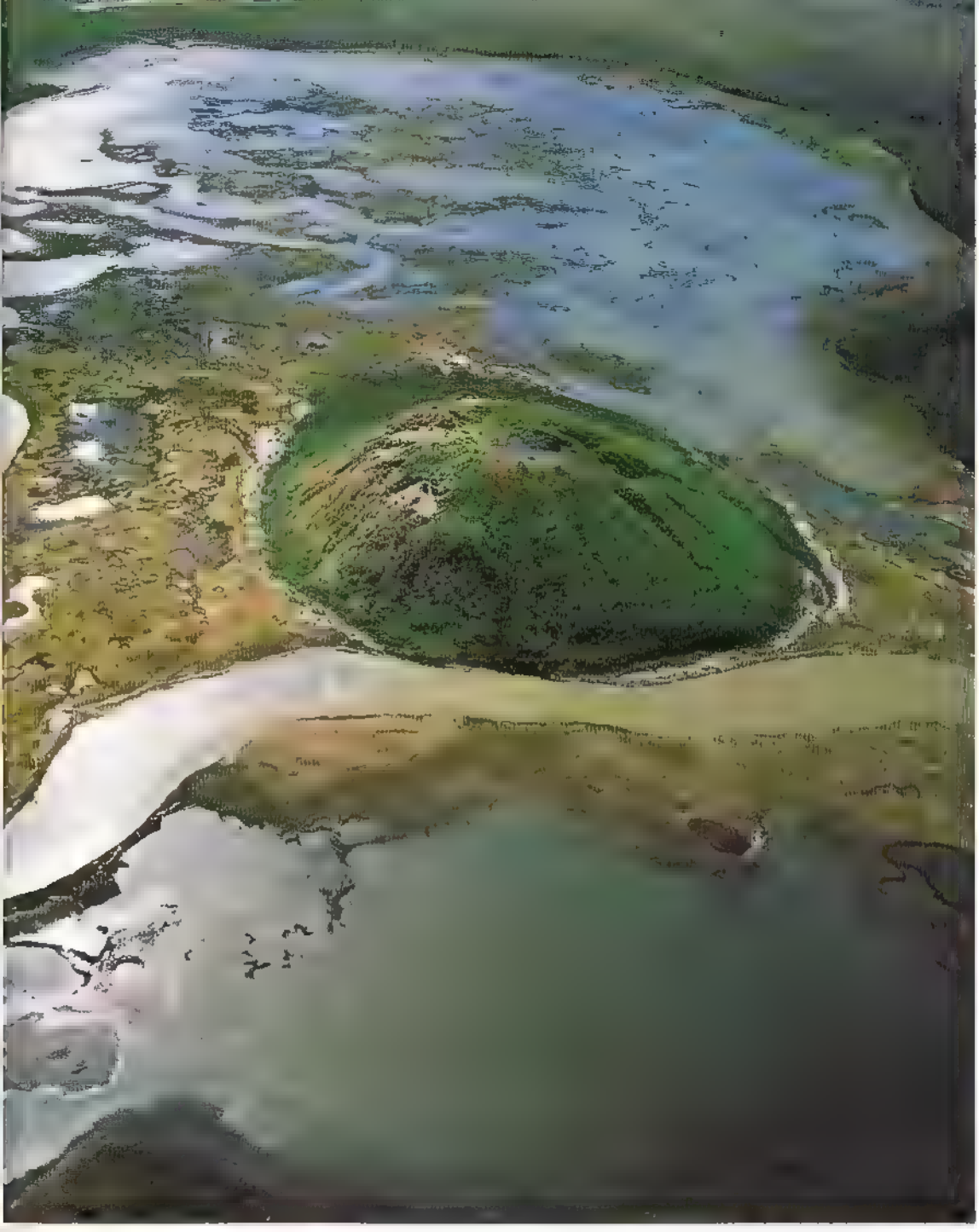
O mundo está repleto de beleza. Em meio à correria da vida, contudo, muitas vezes deixamos de notar a que nos cerca. Para permanecer à tona no mundo moderno, muitos preferem se afastar dos estímulos constantes.

Contemplando essas imagens geladas, penso em nossa tendência a ficarmos ensimesmados. Mais que em qualquer outra região, o Ártico foi afetado de maneira notável pelas mudanças climáticas globais. As imagens não são apenas belas, dotadas de exotismo admirável, mas também um convite para reforçarmos nossos vínculos com o planeta, em especial com uma região da Terra que agora se tornou estranhamente tocante.

Assim como as lunares, as paisagens árticas parecem estranhas e remotas, fascinantes e ameaçadoras. No entanto, somos parte integrante delas. Os montes conhecidos como *pingos* e os polígonos de gelo, os círculos rochosos e os regatos semicongelados são todos parte de nós, mas de maneira bem distinta daquela dos planaltos e mares lunares. Ou então, para ser mais específico, o que se passa no delta do rio Mackenzie, no Canadá, tem mais a ver com o destino de nossas famílias que com qualquer coisa que, no mesmo período, porventura ocorra no vale lunar de Taurus-Littrow.

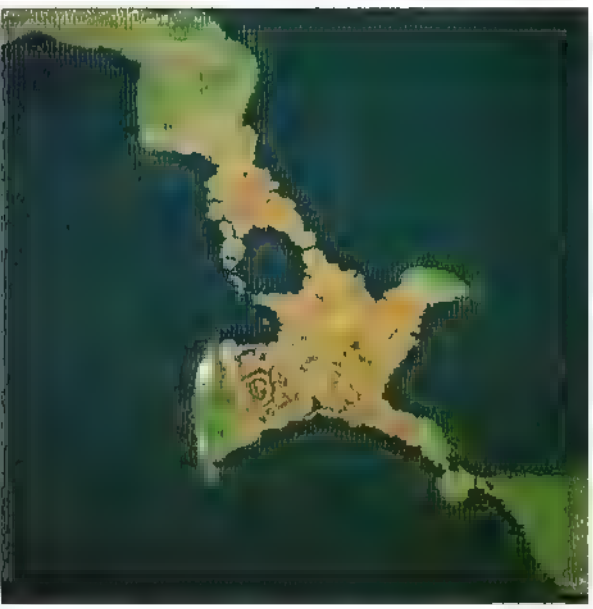
Não sei se você já teve o privilégio, ou mesmo vontade, de voar em baixa altitude sobre as paisagens geladas da Terra ou perambular por Svalbard, pela Islândia, pelo Ártico canadense, pela Sibéria ou pelo Alasca – alguns dos locais em que o permafrost está pouco a pouco se desintegrando, a camada de gelo marinho tornando-se menos espessa e menor. Eu já sofri de tal vontade e, quando contemplo essas imagens, sinto uma nostalgia parecida com a saudade que às vezes experimentamos pelas paisagens de nossa infância, daquela época anterior ao momento em que somos notados pelo mundo e começamos a sentir seu peso em nossa vida. Lembro-me da exuberância com que costumava acampar nas vastidões sem fim da tundra úmida, mesmo com todo o incômodo dos mosquitos e a dificuldade

Barry Lopez é autor de Arctic Dreams, *livro agraciado com o National Book Award. A obra do fotógrafo Bernhard Edmaier, que também é geólogo e engenheiro civil, mescla ciência e estética. Esta é sua primeira contribuição para a revista.*



O frio é poderoso. Ele congela a água sob a superfície, e isso pode empurrar para cima o solo congelado de modo a formar montes cônicos – os chamados *pingos* – na península canadense de Tuktoyaktuk. O mais imponente dentre mais de mil pingos é o Ibyuk (acima), que se ergue 50 metros da planície.

de encontrar um trecho de terra mais elevado. Dependendo do local em que nos encontrávamos, não era incomum toparmos com ursos pardos, renas e lobos. Não desfrutávamos então de nenhuma perspectiva aérea, mas a vista desde o chão era igualmente arrebatadora – a terra estendendo-se para o horizonte por todos os lados, raios solares cintilando sem cessar em algum rio ou nas lagoas da tundra, tufos brancos das ciperáceas balançando ao vento, vívidos trechos rubros de uva ursina, pontilhados pelo verde das flores *Silene acaulis* e pela florescência arroxeada das saxífragas. No céu acima, um bando de 7 mil patos migratórios ou de 500 marrecas arrebio seguindo para alguma parte, deixando para trás penas que caíam pelo ar. Ou talvez não se visse nenhuma ave. Talvez a mandíbula de uma raposa surgisse bem ali, onde eu havia estendido a base protetora de minha barraca.



Águas mais quentes podem ter iniciado a formação de uma baía em uma gelada língua de terra no Ártico canadense. Ao desfazer-se na água, os blocos de permafrost repletos de carbono decompõem-se e podem liberar gases associados ao efeito estufa, como o metano.

E em seguida havia o dia seguinte, quando voltávamos a pescar, a escalar e a remar sempre para mais longe, pois tudo aquilo era de uma beleza estonteante. E não havia nada a prejudicá-la; aparentemente, jamais fora maculada. Não se viam ruínas, cercas, bandeiras, tampouco estradas. Nada fora construído ali. E isso nos tocava em um ponto primordial e permanente.

Deparávamos então com rastros e excrementos, e vasculhávamos com o olhar toda a região em torno. Onde estavam os animais? Era óbvio que viviam por ali, mas permaneciam invisíveis. Continuávamos a remar, sempre confiantes de que não nos perderíamos.

E o tempo todo éramos "nós". Não só por segurança, ou pelos benefícios usuais do companheirismo, mas também para partilhar do entusiasmo por uma região que jamais dependeu de palavras para ser apreciada. A intensidade de nosso relacionamento com um lugar assim só contribuiu para aumentar a intensidade de nossos relacionamentos. Para nós, o território, monótono para alguns, era tão repleto de eternidade que chegava a ser assustador. Ele irradia plenitude. Durante algumas semanas fizemos parte dele, dos misteriosos círculos de pedras, da perfeita reiteração dos polígonos, dos labirintos de corpos d'água descontínuos. Mal conseguíamos vislumbrar o limiar das coisas.

Tenho saudade daquela época. Desde então passei outros períodos em partes remotas da Terra – o deserto de Tanami, na Austrália, as montanhas da Rainha Maud, na Antártica, o alto rio Boro em Botsuana –, mas sinto uma afeição pelas paisagens árticas que só se compara à que tenho pela região que escolhi para viver, no oeste do Oregon. Já me perguntei várias vezes se isso se deve ao fato de a brutalidade do inverno naquelas regiões jamais desaparecer de meus pensamentos quando ali viajei durante aquela breve bonança de luz solar e tempo quente conhecida como o "verão nas altas latitudes boreais". Teria sido o contraste entre essas duas regiões aquilo que a certa altura rompeu algo dentro de mim, permitindo me sentir imensa ternura por uma região do planeta que antes me era indiferente?

AO LONGO DE MUITAS DÉCADAS DE VIAGEM, várias vezes encontrei gente que mantinha uma relação de grande intimidade com os locais em que viviam. Em geral eram caçadores-coletores, pequenos lavradores ou pastores, pessoas que tinham de saber com exatidão todos os detalhes físi-

cos da região de onde tiravam o sustento, caso quisessem manter intacto seu modo de vida. A maioria de nós, que vive no mundo moderno, nada tem de comparável a isso, exceto conhecimento prático da infra-estrutura de nossa própria civilização extremamente técnica. No entanto, ver e apreciar, participar o tempo todo e desde sempre de padrões que nao foram estabelecidos por nós, bem, isso é algo muito diverso.

Algum dia, desconfio de que alguem irá explicar as raízes da solidão humana moderna por essa perda de intimidade com o meio ambiente, pelas nossas incontáveis transgressões em relação ao planeta físico. O fato é que já não temos mais nenhum relacionamento com a Terra. E, mesmo quando ele existe, quase sempre é rápido demais, insuficiente para que as coisas sejam absorvidas. Alguém que insiste em ficar mais tempo em um local está apenas "atrasando o resto do grupo". Penso com frequência nesse tipo de dissociação diante do mundo físico, pois em geral os seres humanos parecem ansiar por um local específico, uma determinada geografia que lhes transmita sentimento de bem-estar.

Na época em que viajei regularmente ao Ártico, sempre perguntava aos yupiks, inupiats e inuits como eles definiam as pessoas que pertenciam à civilização da qual eu fazia parte. "Solitárias" foi uma resposta que ouví com perturbadora freqüência. A cura para a solidão, acabei por me dar conta, não está no aumento dos contatos sociais. Encontra-se antes na capacidade de estabelecer e manter relacionamentos conseqüentes e num clima de intimidade. Decidi falar sobre isso porque é o desejo de intimidade aquilo que sinto com mais força toda vez que percorro paisagens como essas, tão bem evocadas nestas páginas. E aprendi que jamais sou invadido pelo entusiasmo provocado pela intimidade a menos que me torne vulnerável ao local, a menos que me aproxime da paisagem sem nenhum preconceito, a menos que confie na indiferença do lugar em relação a mim. Assim, sempre que viajo, tento me aproximar do território como se ele fosse uma pessoa. Tento me relacionar com ele como se tivesse sentido tão complexo quanto o de uma personalidade humana. Para tanto, espero que ele se manifeste. O tempo que for necessário. Espero. E espero.

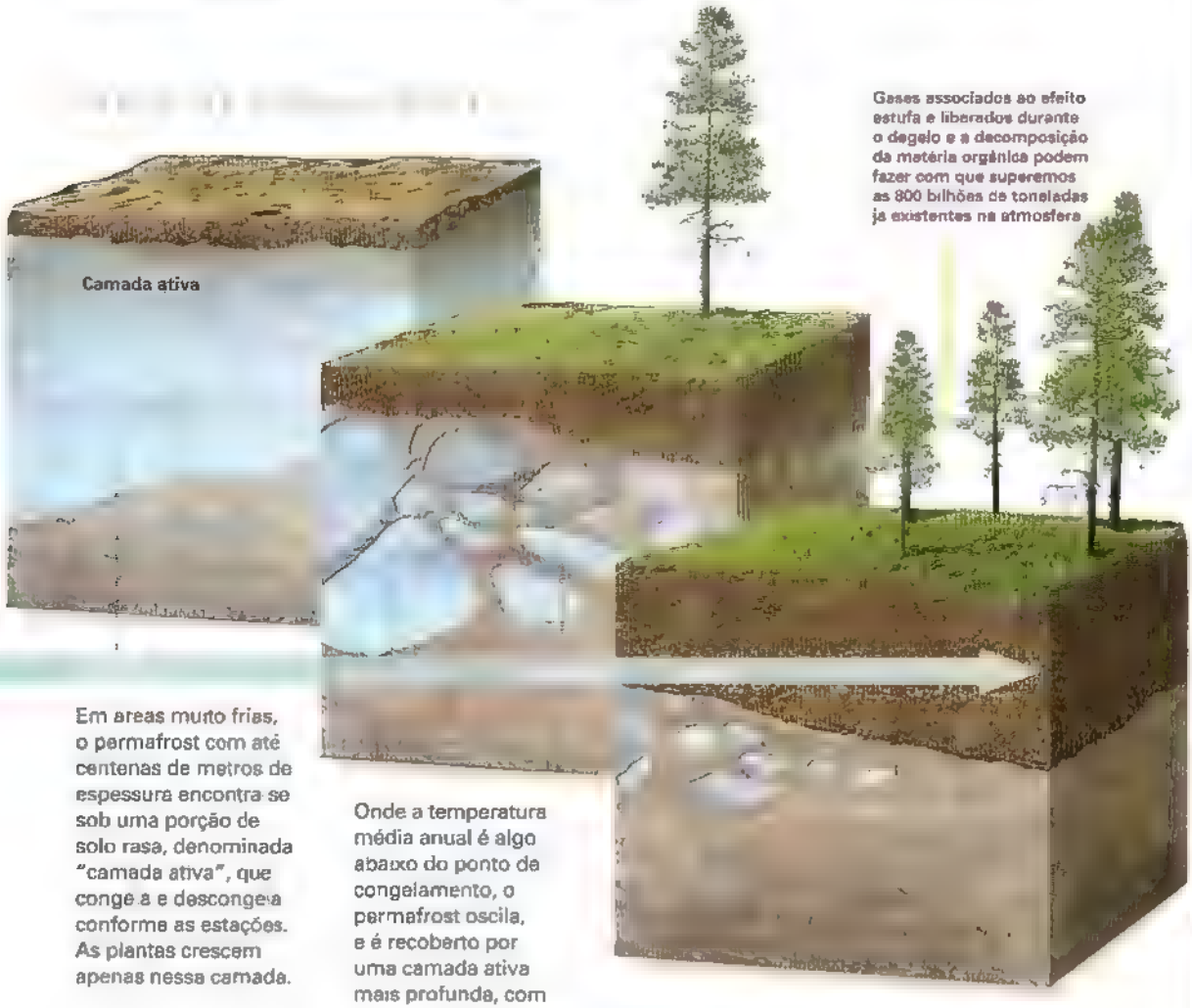
A LUA É BELA, mas o fato é que não vivo em nosso satélite. Por toda a parte na Terra, mesmo naqueles locais pouco ou jamais habitados, encontra-se a beleza; e, no decorrer de toda a história humana, pessoas de formação muito diversa agiram como se o planeta, por toda a parte, lhes dirigisse a palavra. Até agora. Hoje, porém, uma quantidade bem maior de gente prefere acreditar que a Terra é muda, que não tem nada a nos dizer Todo o valor dela, para eles, está em sua utilidade. Ou em sua beleza convencional, seus cenários pitorescos.

Quando olho para essas fotos, sinto uma pontada de desconfiança. Em todo o mundo, vem ocorrendo a desintegração desse hábitat gelado. Um alerta silencioso. Todavia, podemos penetrar nessas imagens, mesmo se jamais tivermos a experiência de conhecer pessoalmente o Ártico. As fotos dizem que a Terra é profunda e reveladora, mas também que, nestes anos inaugurais do século 21, a natureza do planeta vem se transformando.

As fotos aqui nos indagam: o que pensamos disso? Daqui a alguns anos, perguntam elas, o que significará viver em meio à beleza terrena?

↖ **Quadros congelados** Veja outras fotos aéreas de paisagens caracterizadas pelo permafrost em **ngbrasil.com.br/0712**

PERMAFROST É TODO SOLO CONGELADO cuja temperatura permanece inferior a 0ºC durante dois ou mais anos. A maior parte dele está congelada há milênios, capturando carbono sob a forma de matéria orgânica. Com o degelo causado pelas mudanças climáticas, a liberação de gases do efeito estufa poderia ajudar na subida das temperaturas. Mas o aumento no degelo do solo também poderia estimular o crescimento da vegetação, que por sua vez absorveria o dióxido de carbono.



Em áreas muito frias, o permafrost com até centenas de metros de espessura encontra-se sob uma porção de solo rasa, denominada "camada ativa", que congela e descongela conforme as estações. As plantas crescem apenas nessa camada.

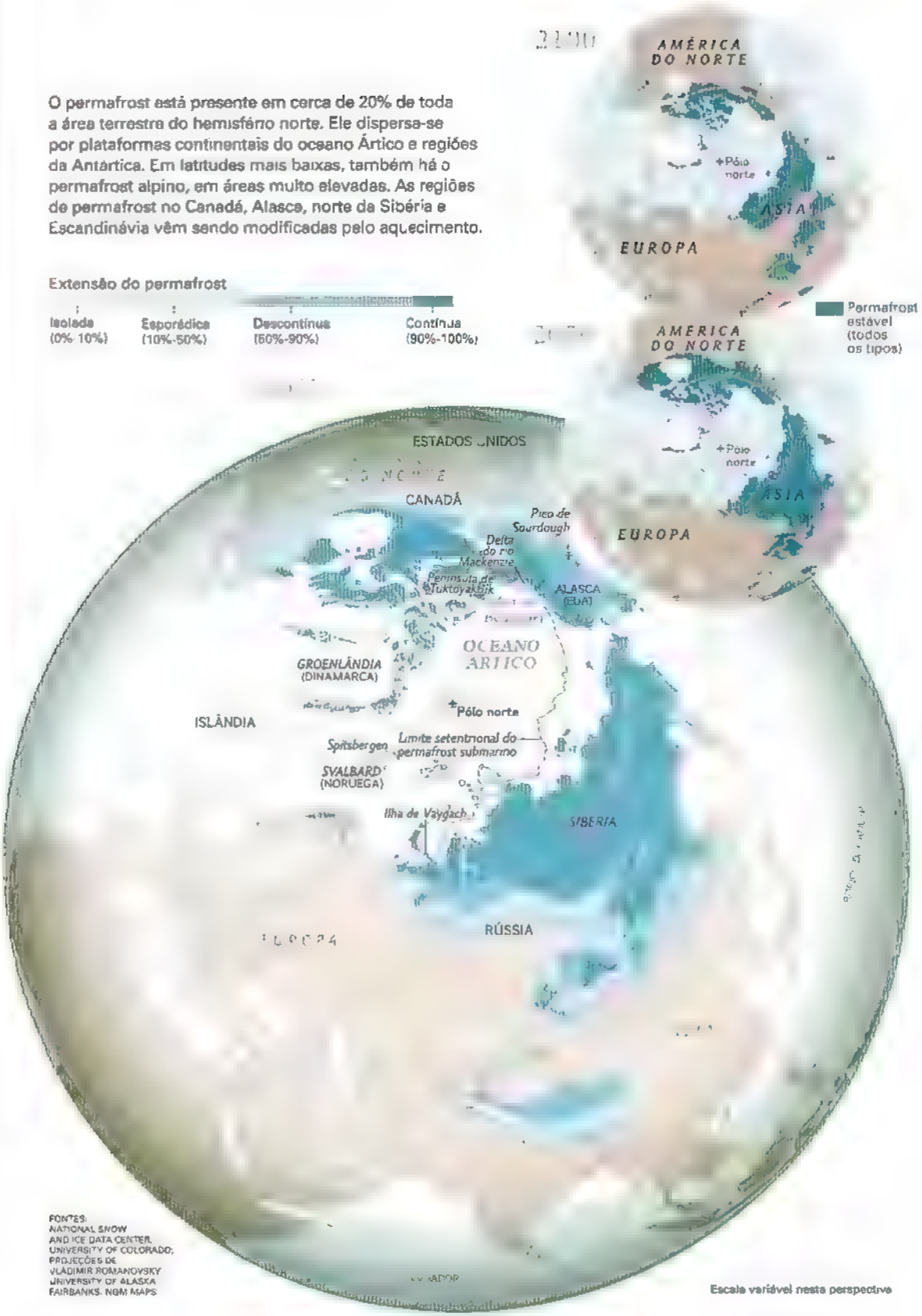
Onde a temperatura média anual é algo abaixo do ponto de congelamento, o permafrost oscila, e é recoberto por uma camada ativa mais profunda, com espessura de 3 metros.

As regiões com permafrost nas quais os invernos são breves e amenos estão adquirindo uma camada ativa mais espessa e quente. Estima-se que o carbono armazenado em matéria orgânica nas porções superiores do permafrost varie de 500 bilhões a 1 trilhão de toneladas. O aquecimento estimula a atividade microbiana, que por sua vez acelera a decomposição da matéria orgânica e a liberação de dióxido de carbono e metano.

FONTES: NIKOLAI SHIKLOMANOV E FREDERICK E. NELSON, UNIVERSITY OF DELAWARE; NATIONAL SNOW AND ICE DATA CENTER, UNIVERSITY OF COLORADO; KATEY WALTER, UNIVERSITY OF ALASKA, FAIRBANKS; BERNARD HALLET E RONALD S. SLETTEN, QUATERNARY RESEARCH CENTER, UNIVERSITY OF WASHINGTON; US ARCTIC RESEARCH COMMISSION

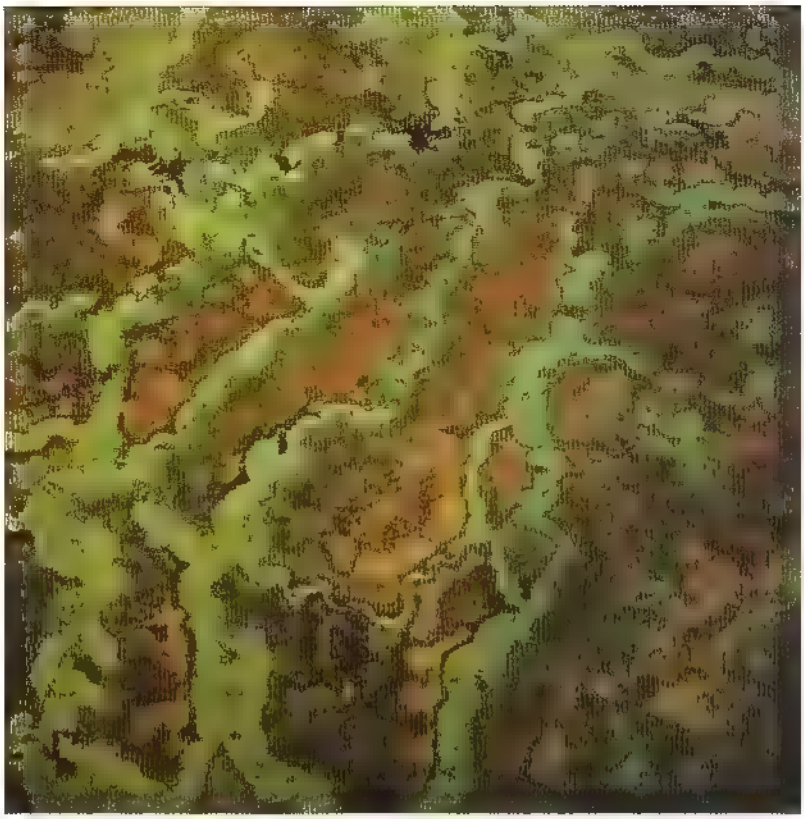
ILUSTRAÇÃO DE CHUCK CARTER

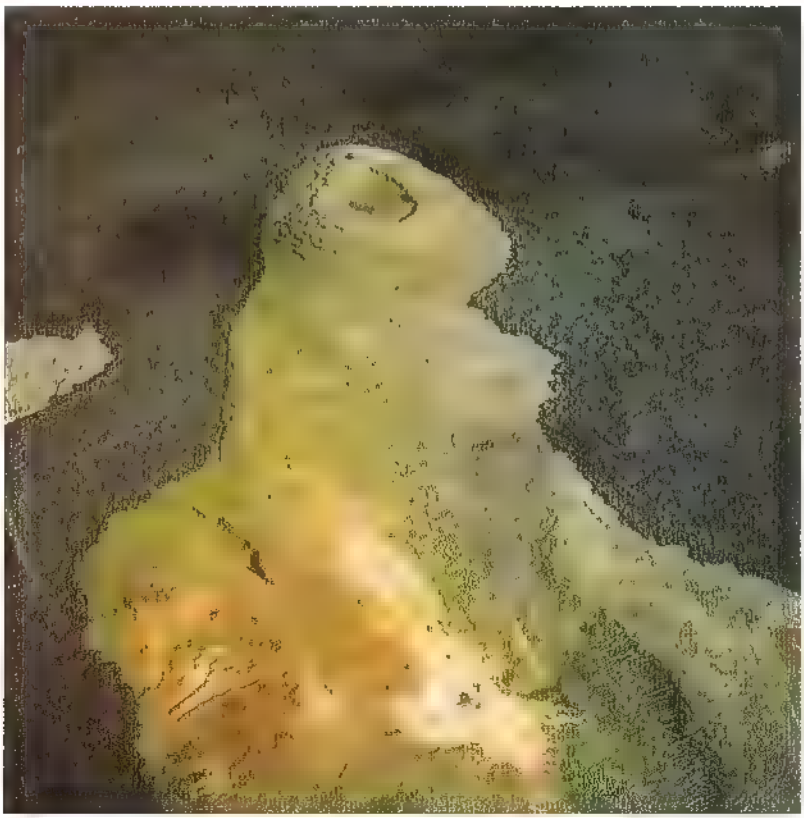
O permafrost está presente em cerca de 20% de toda a área terrestre do hemisfério norte. Ele dispersa-se por plataformas continentais do oceano Ártico e regiões da Antártica. Em latitudes mais baixas, também há o permafrost alpino, em áreas muito elevadas. As regiões de permafrost no Canadá, Alasca, norte da Sibéria e Escandinávia vêm sendo modificadas pelo aquecimento.



Carregando uma crosta de entulho montanhoso sobre camadas de gelo sujo, um geleira rochosa escorrega pela encosta do pico de Sourdough, no Parque Nacional e Reserva de Wrangell–St. Elias, no Alasca. Nessa região, tais geleiras deslocam-se cerca de 2 metros por ano, carregando as árvores do caminho.

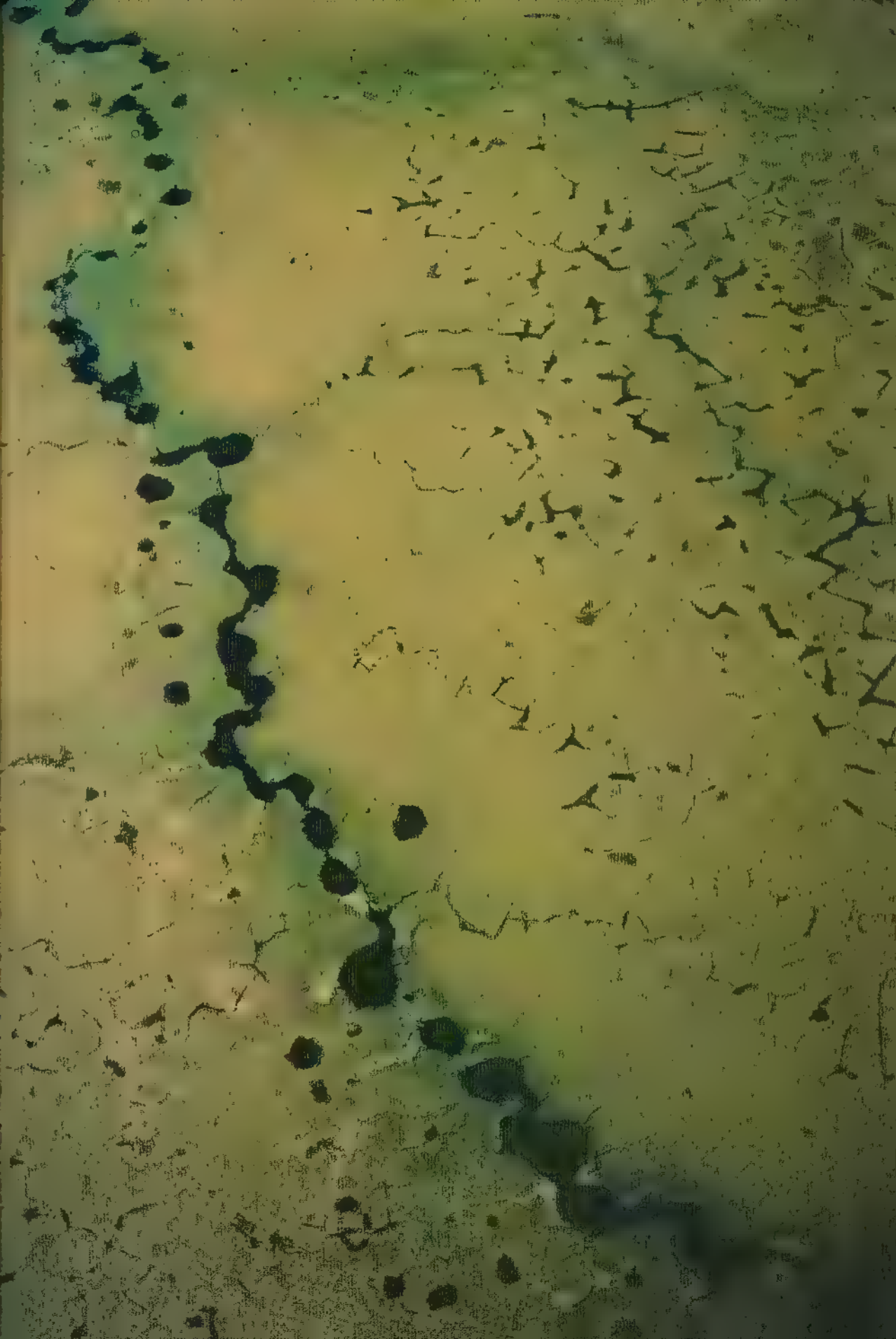
Estendendo-se rumo ao mar de Beaufort, um mosaico de lagos no delta do rio Mackenzie (à esquerda) brilha sob a luz do verão ártico. Nos dias antes de o inverno tomar conta da tundra, a vegetação que recobre a ilha de Vaygach, na Sibéria, adquire tons de ocre e ouro num breve efeito outonal.





Depressões repletas de ciperácea esverdeada e outras plantas amantes da umidade circundam as pardacentas e secas bordas de um pântano no Alasca (à direita). Na Islândia, onde vulcões lutam com o gelo glacial, camadas verdes de terreno com manchas rubras de solo oxidado surgem em meio a um derrame negro de lava.

Mais escuras que a tundra canadense circundante, lagoas absorvem mais calor do Sol, aceleram o próprio derretimento e juntam-se, formando regatos brilhantes. Com o aquecimento da Terra, suas vastas imensidões congeladas se transformam – e estamos só começando a entender as conseqüências. □



Planeta dos macacos

No sul do Piauí, bandos de primatas encenam no presente as remotas origens da evolução humana.

Novo comportamento pode ser transmitido entre gerações. o jovem macaco observa atentamente a ação do macho dominante do bando. A presença de muitos fragmentos de rocha, provenientes da erosão de paredões de arenito, e a abundância de coquinhos nutritivos de várias palmeiras contribuíram para o desenvolvimento do uso de pedra como ferramenta nessa população de macacos-prego.

850g

TEXTO E FOTOS POR LUCIANO CANDISANI

O macaco-prego desceu da árvore, caminhou pelo chão em postura bípede até uma palmeira baixa, coletou um coquinho e levou-o correndo a uma rocha plana. Depois, ainda apoiado sobre duas pernas, ajeitou o fruto sobre a superfície dura, ergueu acima da cabeça com as duas mãos uma pedra solta e desferiu um golpe certeiro sobre o coquinho. Tudo muito coordenado. Repetiu as pancadas até rachar a casca e expor a castanha nutritiva, sua refeição. Outros indivíduos do bando esperavam a vez para quebrar os próprios frutos naquela bigorna natural enquanto filhotes observavam atentos.

O sertanejo Marino Oliveira cresceu vendo essa curiosa performance da vida selvagem desenrolar-se não muito longe de sua casa, num pedaço de terra de 250 hectares cercado de chapadas vermelhas, no isolado município de Gilbués, extremo sul do Piauí. Sempre achou aquilo curioso, mas, até o encontro com especialistas vindos de longe para estudar o fenômeno, não imaginava a importância de suas observações. "Por aqui, nunca foi novidade para ninguém acostumado a andar no mato ver os macacos usando essas pedras", conta.

Os cientistas demoraram a ter a mesma certeza. Desde a descoberta, em cativeiro, da habilidade especial dos macacos-prego para o uso de ferramentas, há cerca de 20 anos, surgiu a pergunta: tal comportamento poderia ocorrer igualmente na natureza, sem a interferência humana?

"Já era conhecida a capacidade dos chimpanzés selvagens de empregar ferramentas na resolução de tarefas", constata a primatóloga Patrícia Izar, da Universidade de São Paulo. Poucos pesquisadores, contudo, realmente

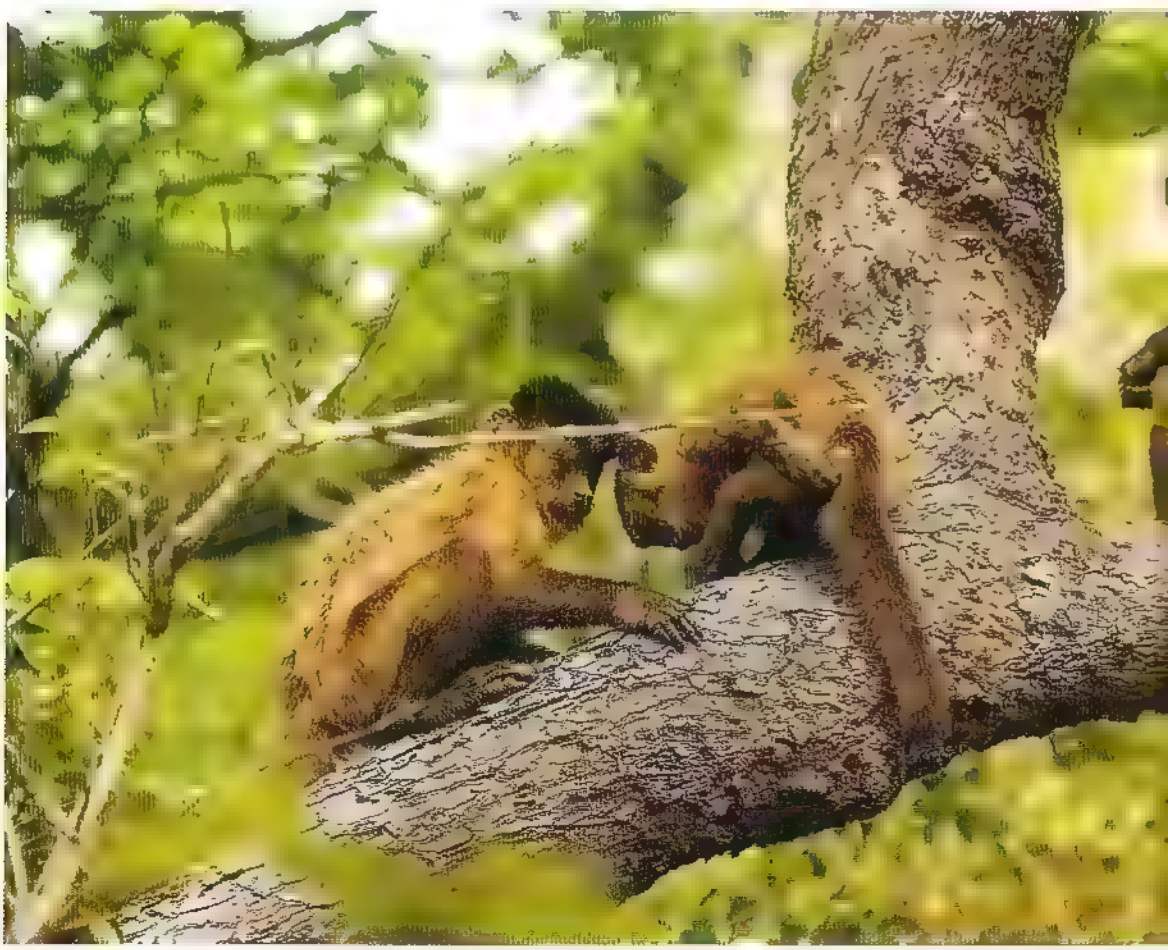
Um jovem tenta quebrar o coco com uma pedra marcada pelos cientistas (à esquerda). O cerrado e a caatinga favorecem a vida no solo (acima), cuja conquista pelos primatas foi decisiva na evolução dos ancestrais humanos.

esperavam de um macaco das Américas, como o prego, sofisticação evolutiva similar a de um grande símio africano, separado do ser humano na escala evolutiva por apenas 6 milhões de anos.

A confirmaçao dessas expectativas tardou até 2003, quando algumas fotos feitas por um fotógrafo de natureza nas terras de Oliveira levaram Patrícia e outras duas primatólogas – Elisabetta Visalberghi, da Universidade de Roma, e Dorothy Fragaszy, da Universidade da Geórgia – a um estratégico abrigo de folhas de palmeira num ponto isolado de cerrado nos arredores de Gilbués. Ali, munidas de câmeras de vídeo, depois de cinco dias de espera, registraram o que se tornaria a prova científica definitiva: os macacos-prego, separados dos seres humanos na escala evolutiva por 40 milhões de anos, desenvolveram a habilidade de quebrar frutos secos com pedra. "Trata-se da forma mais complexa de uso de ferramentas por uma espécie não-humana, pois requer a produção de duas relações espaciais em seqüência", esclarece Patrícia.

Da observação inédita nasceu o projeto Etho*Cebus*, com o objetivo de aprofundar os estudos sobre aquela população de macacos-prego. Ao lado de mateiros da região, os cientistas e seus alunos passaram a seguir o deslocamento de dois bandos. E não pararam mais de se surpreender com os animais. A rotina de caminhadas logo permitiu a identificação de cada componente do grupo e de sua peculiar "personalidade".

Apoio à pesquisa NGS
Este projeto de pesquisa é parcialmente financiado por sua assinatura



Aos poucos os bichos se acostumaram com a presença de seus seguidores e passaram a agir com naturalidade absoluta, indiferentes ao olhar atento dos observadores. Assim, veio a constatação de outros comportamentos inesperados, alguns também muito raros entre primatas de qualquer espécie, como o hábito de escalar paredes rochosas íngremes em busca de cavernas. "Eles usam as cavernas para passar a noite ou fugir do calor intenso no meio do dia", relata a bióloga Michele Verderane. Até agora, essa estratégia de proteção contra intempéries só foi cientificamente descrita para babuínos.

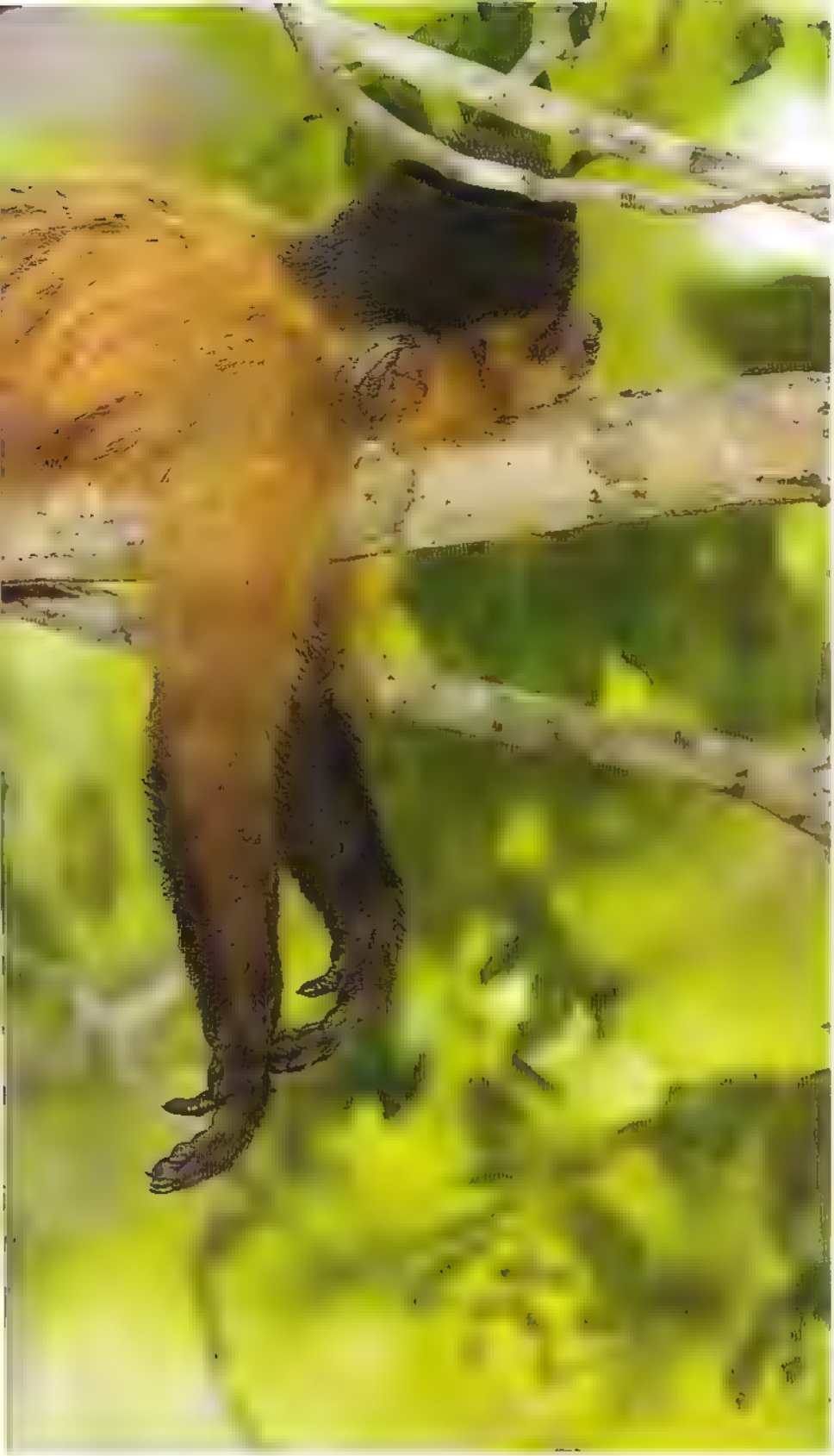
Nossos mais remotos ancestrais também teriam agido assim, um dia. Há milhões de anos, nas savanas africanas, deixaram a vida arborícola rumo à existência livre nos campos abertos, onde puderam usar as mãos em atividades mais elaboradas do que se segurar em galhos. Evoluímos e nos tornamos o que somos. É improvável que os macacos-prego estejam a caminho da vida inteligente. Mas parece não haver dúvida sobre a capacidade da espécie de mudar seu comportamento e transmitir essas inovações a seus descendentes por meio do aprendizado. E essa é uma clássica definição daquilo que, entre nós, chamamos de "cultura".

De tocaia O fotógrafo Luciano Candisani conta mais sobre o comportamento dos macacos-prego do Piauí em **ngbrasil.com br/0712**

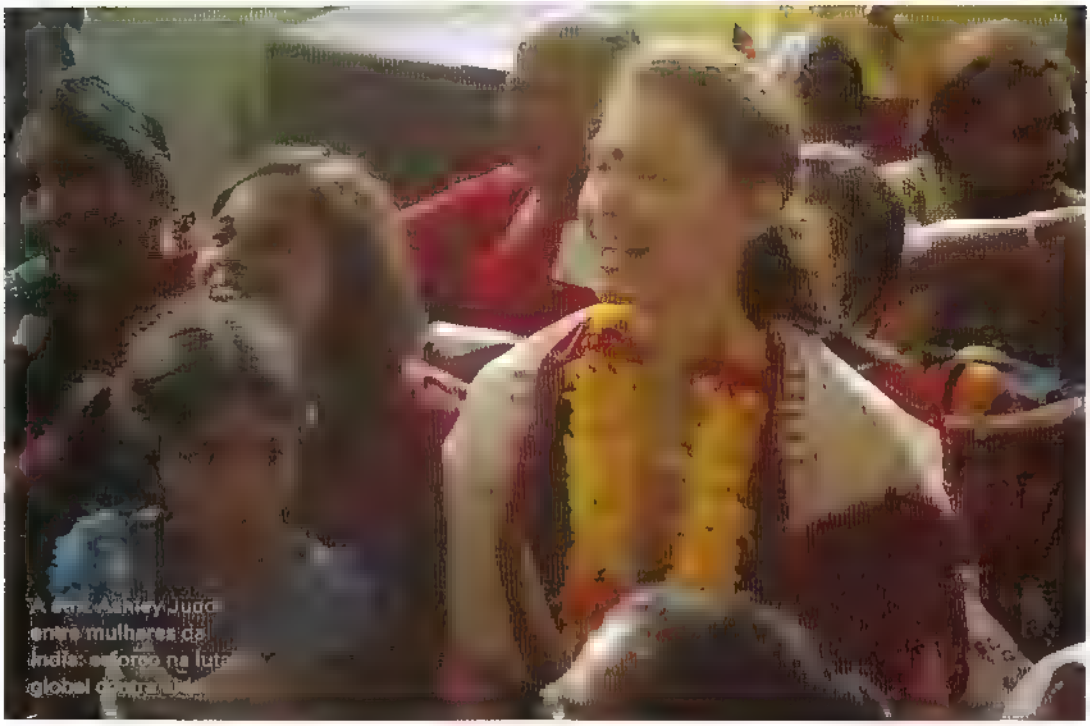
Polivalentes

Uma família de macacos-prego aproveita uma parada de descanso do bando para brincar (à esquerda). Sabe-se hoje que a habilidade peculiar desses primatas ocorre também em outras populações, especialmente na serra da Capivara. Ali, o biólogo Eduado Ottoni constatou diferenças na maneira de uso e entre as próprias ferramentas A quebra de frutos com pedra é pouco disseminada, devido à falta de cocos e de boas rochas que possam servir de bigorna e martelo Por outro lado, os macacos desenvolveram técnicas de desalojar lagartos de sua toca usando pequenos galhos pontiagudos. Já nas florestas densas, como a Amazônia e a mata Atlântica, o uso de ferramentas jamais foi observado Para entender a escolha de ferramentas na região de Gilbués, Elisabetta Visalberghi (acima) pesou boa parte das pedras soltas nas principais áreas de quebra de frutos.

MAPA DE L.F. MARTINI



A aparente tranquilidade contrasta com as ameaças que rondam o hábitat da espécie. O desmatamento motivado pela soja e pela pecuária está reduzindo a cinzas boa parte do cerrado onde os primatas vivem no sul do Piauí. Gilbués já sofre com um dos maiores processos de desertificação do mundo. Sobram apenas ilhas preservadas de vegetação – édens para esse grupo especial de macacos-prego. □



Uma viagem aos bastidores da aids

Estréia no sábado 1º de dezembro, às 22 horas

A estrela de Hollywood Ashley Judd tem uma missão especial. Longe da vida glamourosa do cinema, a atriz esta a caminho de Mumbai, na India, como embaixadora mundial das organizações Youth Aids e Population Services International (PSI). Em Mumbai, a extrema pobreza contrasta com enormes riquezas, expondo dramas da cidade em que milionários e miseráveis vivem juntos. Os casos de HIV positivo sao comuns. Nesse programa do canal NatGeo, a missão de Ashley se transforma num turbilhão de emoçoes conforme ela vai conhecendo pessoas que tiveram a vida afetada pela aids. Elas contam histórias de forma aberta e franca. Com base nessas experiências, a atriz espera fazer com que o mundo preste mais atenção à causa.

Concurso de fotografia

National Geographic irá conceder uma bolsa anual no valor de 50 000 dólares a um fotógrafo profissional. Os projetos devem refletir o objetivo, buscado pela National Geographic Society, de difundir o entendimento e a apreciação da natureza singular – e vulnerável – do mundo em que vivemos. "Nossa meta é estimular talentos que já estejam trabalhando no setor", diz David Griffin, diretor de fotografia da revista.

Qualquer fotógrafo profissional – isto é, cuja fonte de renda seja seu trabalho fotografico – pode participar. As inscrições serão aceitas até 1º de fevereiro de 2008, e requerem declaração escrita detalhando um projeto em andamento ou ainda no plano das idéias, além de exemplos do trabalho do candidato. Detalhes e ficha de inscrição em *national geographic.com/photogrant.*

© WINDFALL FILMS (NO ALTO) MEDTECH PVT. LTD

Robb Kendrick prepara sua câmera em Gang Ranch, na Columbia Britânica.

AUTOZOOM **Paixão antiga** As imagens revelam rostos que às vezes parecem nos contemplar desde o século 19 – no entanto, os homens e as mulheres fotografados por Robb Kendrick para a reportagem sobre os caubóis americanos são resolutamente modernos. A aparência antiga deve ser atribuída à predileção de Kendrick por um antigo processo fotográfico conhecido por "ferrotipia". Como as chapas de ferro precisam ser reveladas assim que acabam de ser expostas, ele foi obrigado a rebocar um trailer com quarto escuro por cerca de 65 mil quilômetros a fim de reunir essas imagens.

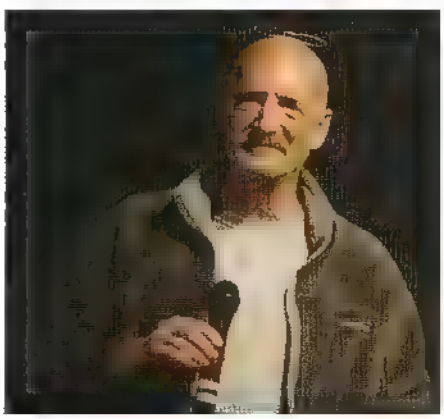
AUTOZOOM **Mundos apartados** "Em Israel e na Cisjordânia", diz o fotógrafo Christopher Anderson, "dá para passar de carro por um café em Jerusalém, cruzar um muro, circular por ruas de Belém e depois cair no deserto (à esquerda), tudo em cerca de 15 minutos. É como passar por três universos distintos. Pessoas que vivem a centenas de metros umas das outras não têm idéia do como é a vida no outro lado do muro." Mas elas não ficam indiferentes. "Nos postos de controle, os israelenses demonstravam curiosidade sobre como era a vida 'la dentro'."

HOLLY WILMETH (NO ALTO); MICHAEL FINKEL

AUTOZOOM **Fotografar para preservar** Em sete anos de trabalhos para NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, Luciano Candisani acostumou-se a situações adversas. Desta vez, para registrar o comportamento dos macacos-prego no sul do Piauí, "minha dificuldade foi manter a concentração em condições de total esgotamento físico, sob o calor sufocante do sertão", lembra-se.

Recentemente, Candisani foi indicado a membro associado da Liga Internacional de Fotógrafos de Conservação (ILCP, na sigla em inglês), fundada em 2004 por 35 dos maiores fotografos de natureza do mundo. A liga pretende potencializar o uso da imagem como ferramenta da conservação ambiental. Para isso, conta hoje com 64 fotografos no mundo todo. "Buscamos imagens capazes de emocionar e inspirar as pessoas a agir em favor da proteção do planeta", diz Cristina Mittermeier, diretora da ILCP.

PARATY EM FOCO **Festa histórica** Chovia um bocado na noite em Parati quando David Alan Harvey (à direita) subiu ao palco da Casa de Cultura local para apresentar seu trabalho. O lendário fotógrafo de NATIONAL foi uma das atrações do Paraty em Foco 2007, festival de fotografia realizado na histórica cidade fluminense em outubro. O evento promoveu o encontro de expoentes de vários estilos, como a artista plástica Claudia Jaguaribe, o fotógrafo de cinema Walter Carvalho e César Barreto, mestre da linguagem em preto-e-branco. "Em 2008, vamos trazer Nick Nichols para exibir seu trabalho sobre vida selvagem na África", promete David Griffin, diretor de fotografia de NATIONAL, que comandou um slide-show sobre o modelo de produção e edição de fotos da revista.



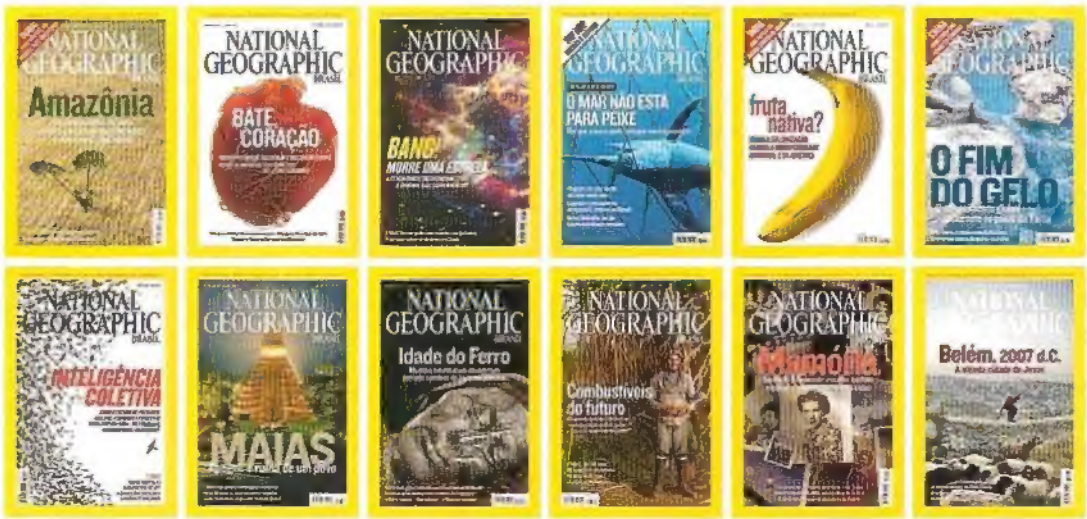
MARINO OLIVEIRA (NO ALTO); RODRIGO BALEIA

No dorso da sorte O fotógrafo Ralph R. Doubleday ficou famoso ao captar imagens de peões em pleno ar. De 1910 até 1952, ele registrou rodeios em todos os Estados Unidos, protegendo-se de coices apenas com sua câmera. Doubleday fotografou o peão Tex Parker (acima) em 1919, no rodeio Época dos Pioneiros, em Cheyenne, no estado de Wyoming.

A imagem nunca foi publicada em NATIONAL GEOGRAPHIC, mas virou um conhecido cartão-postal. Ao longo dos anos, foi assim que o "Velho Dub" vendeu milhões de suas fotografias. "Ele fazia as fotos de dia, revelava à noite e já no dia seguinte elas estavam à venda em barracas", escreveu o apresentador de rodeios Foghorn Clancy. "Suas imagens foram fator importante no desenvolvimento do esporte, pois as fotos de ação conseguem, como nenhuma outra, mostrar a emoção e a excitação do espetáculo."

CORTESIA DE CHEYENNE CHAMBER OF COMMERCE

O ANO EM REVISTA | 2007



JANEIRO

20 Amazônia ilegal
52 Baleias-jubarte
72 Abrolhos
74 Dubai, cidade relâmpago
94 Trekking no pólo norte
114 Rio de relíquias da Eslovênia

FEVEREIRO

26 Carnaval de São Belibeu, em Viana, MA
38 Doenças do coração
64 O vôo dos beija-flores
80 Petróleo na Nigéria
106 Mangues

MARÇO

28 A guerra do marfim em Zakouma, Chade
58 Parque Nacional de Zakouma: refúgio selvagem
68 Supernovas
86 Orlando: a nova cara da América
106 Tubarões das Bahamas

ABRIL

34 A crise global da pesca
44 O cobiçado atum-azul
72 Reservas marinhas da Nova Zelândia
92 Pescadores brasileiros
98 Albatroz: vôo distante
110 O balanço do hip hop

MAIO

36 Paisagem colonial americana
60 História da biodiversidade do Brasil
72 Dharavi, a cidade das sombras de Mumbai
98 Fronteira EUA-México
118 Muros do mundo
124 Vale de Luangwa, Zâmbia

JUNHO

38 Céu de Mapiá, a comunidade do Santo Daime
50 Agonia dos bichos no Ártico
74 O fim do gelo
90 A nova economia da China
120 Carl Linnaeus, o pai da botânica

JULHO

24 Tomé-Açu, os japoneses da Amazônia
36 Teoria dos enxames: inteligência coletiva
58 Malária
94 A morte do Homem do Gelo
108 Aves-do-paraíso da Nova Guiné

AGOSTO

28 Farol do Calcanhar, RN
38 Glória e ruína do mundo maia
76 Caubóis peregrinos do México
86 Narvais, as baleias mitológicas do Ártico
106 Nova Orleans, o perigo continua

MAPA-PÔSTER: MÉXICO E AMÉRICA CENTRAL

SETEMBRO

44 Tensão no Paquistão
72 Ariranhas
82 Corpos do pântano da Idade do Ferro
96 Raja Ampat, mergulho na Indonésia
116 O Vesúvio prestes a explodir

OUTUBRO

50 A crise do carbono
56 Etanol e biodiesel: combustíveis do futuro
78 Os 50 anos da conquista do espaço
98 Doenças zoonóticas
120 Piratas modernos

MAPA-PÔSTER: MUDANÇAS CLIMÁTICAS

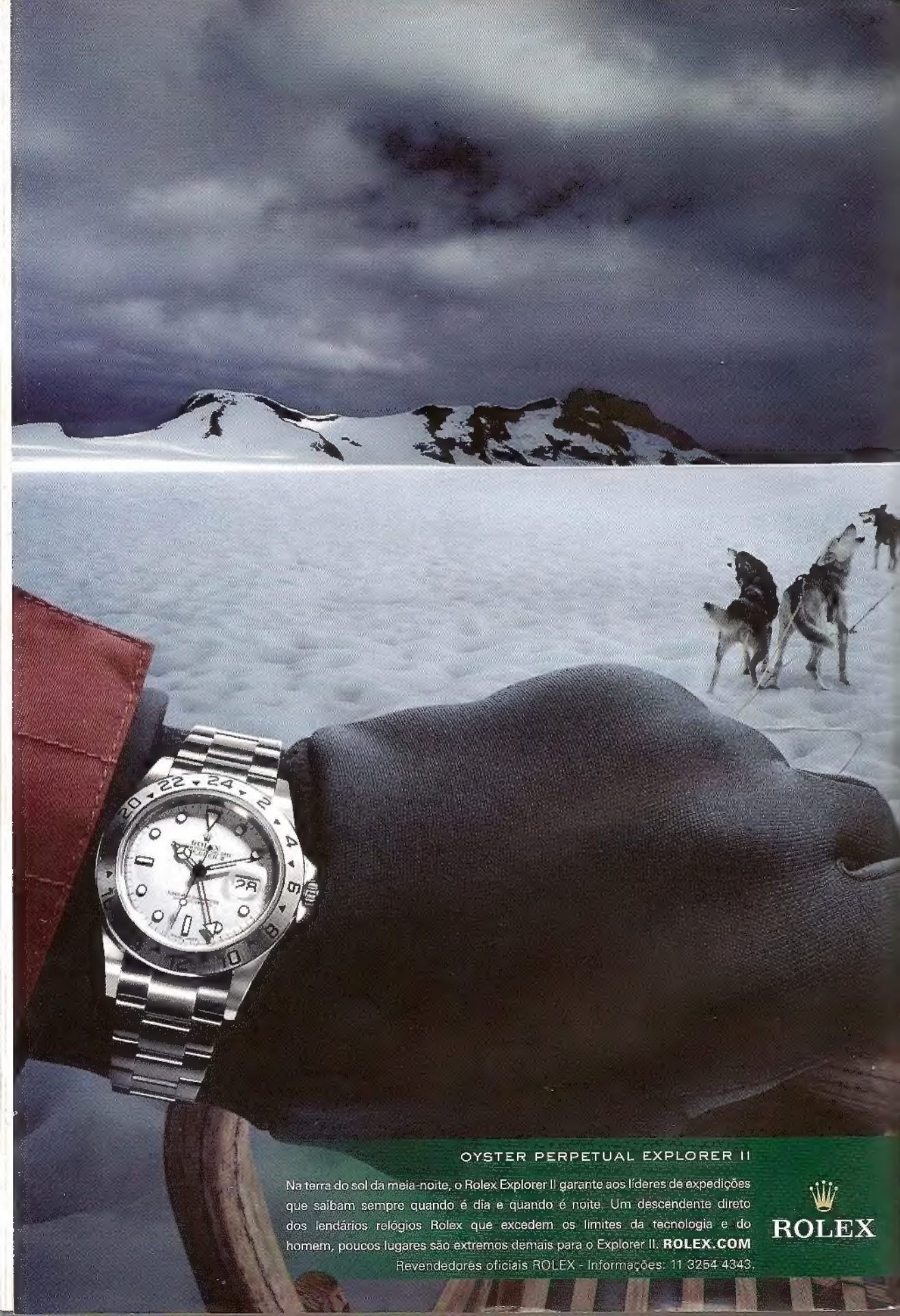
NOVEMBRO

36 Memória
62 Índios piripkuras
70 Brasil e América Latina vistos do céu
88 Tonga, o reino do Pacífico
106 Microfauna marinha
122 Telescópio Espacial Hubble

DEZEMBRO

52 Belém, a cidade de Cristo, 2 007 anos depois
80 Família de leopardos
94 Caubóis do século 21
116 Permafrost, terras de gelo
132 Macacos inteligentes do Piauí

Todos os direitos reservados. ©2007 Hewlett-Packard Development Company, L.P.


OYSTER PERPETUAL EXPLORER II
Na terra do sol da meia-noite, o Rolex Explorer II garante aos líderes de expedições que saibam sempre quando é dia e quando é noite. Um descendente direto dos lendários relógios Rolex que excedem os limites da tecnologia e do homem, poucos lugares são extremos demais para o Explorer II. ROLEX.COM
Revendedores oficiais ROLEX - Informações: 11 3254 4343.
ROLEX